

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E TERRITORIALIDADES

ÉRIKA SOARES DE OLIVEIRA DO NASCIMENTO

UM LUGAR CHAMADO CENTRO CULTURAL: A CASA DE DON'ANA E AS PRÁTICAS
DE RE-EXISTÊNCIAS NA BAIXADA FLUMINENSE

NITÉROI
2016

ÉRIKA SOARES DE OLIVEIRA DO NASCIMENTO

UM LUGAR CHAMADO CENTRO CULTURAL: A CASA DE DON'ANA E AS PRÁTICAS
DE RE-EXISTÊNCIAS NA BAIXADA FLUMINENSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Linha de pesquisa: Mediações, saberes locais e práticas sociais.

Orientadora Prof^a. Dr^a. Ana Lucia Silva Enne

Niterói
2016

ÉRIKA SOARES DE OLIVEIRA DO NASCIMENTO

UM LUGAR CHAMADO CENTRO CULTURAL: A CASA DE DON'ANA E AS PRÁTICAS
DE RE-EXISTÊNCIAS NA BAIXADA FLUMINENSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Linha de pesquisa: Mediações, saberes locais e práticas sociais.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Ana Lucia Silva Enne – Orientadora
Universidade Federal Fluminense

Professora Dra. Adriana Facina Gurgel do Amaral
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professor Dr. João Luiz Guerreiro Mendes
Instituto Federal do Rio de Janeiro

Dedico esta dissertação à família de Dona Ana, em especial à minha avó, sem ela nada disso teria sentido.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à família Donana, e todos os membros dessa família que tanto amo, sem ela, nada disso seria possível. Uma família que ultrapassa os laços sanguíneos e que vêm realizando há anos mil atividades na Baixada com muito carinho, resistências, afetos e desafios. Principalmente ao Dida, meu tio, um símbolo de luta, do fazer artístico do jeito que tiver que ser.

Agradeço imensamente a minha orientadora querida, Ana Enne, que esteve sempre ao meu lado nessa caminhada, incentivando, inspirando e acreditando nesta pesquisa. Obrigada por fazer parte da minha vida.

Ao meu companheiro, Frederico Arêde, por toda ajuda, paciência, companheirismo, carinho, viagens, por tornar a vida mais leve, por embarcar nas minhas loucuras e pela sensibilidade artística em ler a dissertação e ajudar na finalização das imagens.

Agradeço também ao PROAES (Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis) da UFF por ter possibilitado minha ida ao México no “I Congreso en Cultura en la América Latina: Prácticas Significados, Cartografías y Discusiones” na cidade de Aguascalientes, abrindo um grande mundo de possibilidades na minha vida. Assim como, ao PPCULT por ter possibilitado minha ida ao “IV Congreso Ciencias, Tecnologías y Culturas, Diálogo entre las disciplinas del conocimiento. Mirando al futuro de América Latina y el Caribe” em Santiago no Chile.

Aproveitando para agradecer a esse Programa de Pós-graduação em Cultura e Territorialidades por ter proporcionado uma nova percepção do mundo e ter me permitido conhecer pessoas tão especiais, tanto do corpo docente quanto discente. Posso dizer que fiz grandes amizades durante essa trajetória. E à diva Ohana por ser sido uma pessoa tão querida e atenciosa com todos ao longo do curso. E, claro, às discussões nas salas de aula e nos corredores, fundamentais para entender e complexificar esta pesquisa, aguçando a vontade em continuar pesquisando e quebrando as barreiras da academia, em especial aos professores: Adriana Facina (por ter permitido assistir suas aulas no Museu antes mesmo da minha entrada no mestrado), Ana Lucia Ferraz, José Maurício Alvarez, Leonardo Guelman, Livia de Tommasi, Luiz

Augusto Rodrigues, Marildo Nercolini e Marina Bay Frydberg. E as secretárias Márcia e Silvia do PPCULT por toda atenção e carinho com os alunos do curso

Novamente agradeço a Ana Enne, Adriana Facina e Leonardo Guelman que fizeram parte da banca de qualificação e ajudaram muito nesse processo de escrita, norteando alguns caminhos possíveis a serem seguidos, pelas referências teóricas e literárias e por terem dado total liberdade na criação da dissertação. E a João Guerreiro por ter aceitado o convite para fazer parte da banca de defesa e pelo trabalho que vem sendo feito entre Donana e IFRJ, estreitando a relação entre a academia e a realidade local da Baixada.

Ao maravilhoso GRECOS (Grupo de Estudos em Comunicação, Cultura e Sociedade), grupo de estudo que vem promovendo discussões fundamentais para se entender essa sociedade e mais que necessário dentro da Universidade.

Aos meus pais, Antônia e Marcos, por apoiarem todas as decisões que tomei e estarem sempre presentes.

Agradeço também a todas as pessoas que abriram as portas das casas e dos corações para me receberem durante minha estadia na Colômbia, México, Chile e Natal. Incluindo Stephanie Maia que me abrigou durante três meses na sua casa durante um período meio confuso.

E a todas as pessoas que conheci ao longo desse curto e intenso período. Em especial, as conversas criativas e cheias de energias com os alunos do Ciclo de Experimentações na Arte no Donana, que sempre me inspiram.

“Ali vivemos um tempo que não sabia decorrer, um espaço para que não havia pensar em poder-se medi-lo. Um decorrer fora do tempo, uma extensão que desconhecia os hábitos da realidade no espaço. . .”

Fernando Pessoa

RESUMO

Pensando nos processos de construções de trajetórias, territorialidades e identidades a partir de múltiplas narrativas e experiências compartilhadas que são cristalizadas nas falas, nas práticas culturais, nos comportamentos e nas vidas das pessoas, que realizamos a presente pesquisa. Tendo como objeto de estudo o Centro Cultural Donana, localizado no quintal da casa da minha avó, hoje casa do meu tio, em Belford Roxo - um espaço que realiza múltiplas atividades como capoeira, sarau, cineclube, escola (anos 80/90), músicas e outras, tendo, no final da década de oitenta, ficado conhecido como o “embrião do movimento Reggae” no Rio de Janeiro - procuramos refletir sobre a relação entre memória, linguagem, disputas de poder, território, projetos, desejos e identidades e a ótica da resistência: como a própria arte de existir.

Além disso, esta pesquisa está atravessada pela ideia de tentarmos entender os processos de construções identitárias da cidade de Belford Roxo e da região da Baixada Fluminense onde está inserida — localizada no Estado do Rio de Janeiro, Brasil — bem como as suas fronteiras, deslocamentos, estigmas, as divergências dos seus limites geográficos e os jogos representacionais e situacionais que envolvem a noção de pertencer ou não a determinada região. Buscando compreender os processos diaspóricos, vitais para se entender a formação das múltiplas identidades e territorialidades que estamos traçando. Assim, nossa proposta é de costurar as pluralidades de vozes que nos permitem perceber as tensões de um lugar, conjunturas, meios de articulações, sobrevivências e como elas se relacionam, sendo imersa por processos vitais, desejos e processos de singularização, capazes de formar diferentes narrativas para cada pessoa.

Palavras-chaves: memória, resistência, projeto, territorialidades, Baixada Fluminense, Belford Roxo

ABSTRACT

Thinking about the construction process trajectories, territorialities and identities from multiples narratives and shared experiences that are crystallized in speeches, cultural practices, behavior and in the lives of people, that we are doing this research. Having as object of study the Donana Cultural Center, located in the backyard of my grandmother's house, nowadays at my uncle's house, in Belford Roxo – an space that conducts multiple activities as capoeira, parties, cineclub, school (ages 80/90), music and others, in the late of eighties, it has been known as the “embryo of movement Reggae” in Rio de Janeiro – we seek to reflect the relations between memory, languages, disputes of power, territory, projects, desires and identities and the optical of resistance: as the art itself to exist.

Besides, this investigation is crossed by the idea of trying to understand the processes of identity constructions of Belford Roxo and of the region Baixada Fluminense where is inserted – loocalized in the state of Rio de Janeiro, Brazil – as well as their frontiers, dislocations, stigma, the differences of their geographical boundaries and representations involving the notion of belonging or not a particular region. Trying to understand the diaspora processes, vital to understand the formation of multiple identities and territoriality that we are tracing. Thus, our proposal is to sew the plurality of voices that allow us to perceive the tension of a place, conjunctures, means of articulations, survivals, and how they relate, it being immersed for vital processes, desires and subjective, capable of forming different narratives for each person.

Keywords: memory, resistance, project, territorialities, Baixada Fluminense, Belford Roxo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPITULO 1 – Territórios, Fronteiras e Imaginários	21
1.1 “Nas margens da cidade grande”: Belford Roxo, a cidade do amor	23
1.2 “Brixton, Bronx ou Baixada” - deslocamentos, territorialidades e identidades	34
1.3 “Mais um caso da polícia, mais um caso pros jornais” - “enterrando o estigma e transformando o karma em cultura” - representações e estigmas ..	41
CAPITULO 2 – Centro Cultural Donana: um lugar de trajetórias compartilhadas.....	49
2.1 Multivocalidades: “observando o familiar”	50
2.2 Uma etnografia compartilhada: trajetórias e vivências	56
2.3 Projeto, execução e consentimento: “Donana um sonho coletivo”	85
CAPITULO 3 – Re-Existências: novas possibilidades, novos mundos	91
3.1 Mitos, heróis, rezadeiras: o legado de Don’ Ana	92
3.2 “Baixada é cruel os sinistros são de bel” - coletivos, gambiarras e improvisos	96
3.3 “Selva de concreto, cara, você tem que dar tudo de si”: Re-Existir e a ótica da resistência como a própria arte de existir	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	114
ANEXOS	119

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Mapa mental/afetivo. Ilustração:Érika Nascimento	37
Imagem 2: Uniformizada para Escola Donana - Acervo: Centro Cultural Donana	53
Imagem 3: Alunos da Escola Donana - Acervo: Centro Cultural Donana	54
Imagem 4: Arvore genealogica	59
Imagem 5: Armazém Imaginado - Autoria: Érika Nascimento	60
Imagem 6: Fotografia Centro Cultural Donana anos 80/90 - Acervo: Centro Cultural Donana	62
Imagem 7: Fotografia do Centro Cultural Donana em 2010 - Acervo: Centro Cultural Donana	63
Imagem 8: Fotografia do Centro Cultural Donana por volta de 2012 - Acervo: Centro Cultural Donana	63
Imagem 9: Fotografia do Centro Cultural Donana em 2015. Foto: Diego Matheus/Tumulto	64
Imagem 10: Fotografia Festa Afro-Reggae (80/90) Acervo Donana	64
Imagem 11: Cartaz de divulgação da festa Afro-Reggae	65
Imagem 12: Puplicação de Dida na rede social Facebook.	66
Imagem 13: Matéria Baixada Notícias (anos 80/90) - Acervo: Centro Cultural Donana	67
Imagem 14: Fotografia Seu José e Dona Ana. Acervo Pessoal	93
Imagem 15: Fotografia do cenário do Sarau Donana (por volta de 2011). Acervo: Centro Cultural Donana	98
Imagem 16: Fotografia do Sarau Donana (2016). Foto: Frederico Arêde	98
Imagem 17: Fotografia da Faixa do Sarau Donana (2010). Acervo: Centro Cultural Donana	100
Imagem 18: Evento do Sarau Donana utilizando a “faixa” na rede social Facebook	100
Imagem 19: Fotografia do Sarau Donana na IFRJ. Acervo: Pessoal	101

INTRODUÇÃO

“Questionar perpetuamente a obviedade e as estruturas do debate cívico de maneira a nos darmos a chance de pensar sobre o mundo, em vez de sermos pensados por ele, dissecar e compreender seus mecanismos e assim reapropriá-lo intelectual e materialmente”
Loic Wacquant (2008:138)

Eu não conheci a minha vó Dona Ana pessoalmente. Quando eu nasci, em 1988, ela já havia falecido. Quando eu nasci, o Donana¹ já existia.

Aqui quem escreve são múltiplos processos, tempos e pessoas que busco traduzir nessa narrativa: uma dissertação de mestrado. É uma dissertação que, embora escrita por mim, congrega várias mãos envolvidas, múltiplos “eus” e devires que estão sobrepostos em múltiplos personagens: a criança alfabetizada no Donana em 93, a neta de Dona Ana, a coordenadora do Cineclube, a gestora que escreve projetos para editais, a pesquisadora.

E essas várias mãos fazem parte de uma família: a família de Dona Ana, a família Nascimento. E de um grupo, ou melhor, diversos coletivos da Baixada Fluminense que, juntos, formam uma cartografia de afetos e desejos.

Existe também um lugar, uma casa. A casa de Dona Ana, o Armazém do Seu José a casa de Dida Nascimento, o Centro Cultural Donana: todas essas juntas formam um mesmo lugar. Que passou por diversas transformações até chegar o ano de 2016. E é sobre essa casa e sobre os múltiplos processos e devires que a envolvem que nos debruçaremos a partir de agora.

Pensando nos processos de construções de trajetórias, territorialidades e identidades a partir de múltiplas narrativas e experiências compartilhadas que são cristalizadas nas falas, nas práticas culturais, nos comportamentos e nas vidas das pessoas, que apresentamos o nosso campo de estudo: o Centro Cultural Donana.

Donana é o nome da minha avó Dona Ana. Ela, dona Ana, saiu do Nordeste em direção ao Sudeste do Brasil, ao Estado do Rio de Janeiro, em busca de “dias melhores” para sua família. Seu José, seu marido, chegou antes para procurar trabalho e uma casa que pudesse abrigar a família. Ela, seu marido e seus filhos chegaram em Belford Roxo nos anos sessenta.

¹ Como forma de abreviação das palavras Centro Cultural Donana e Baixada Fluminense, utilizaremos com frequência na dissertação apenas Donana, Baixada ou BF.

Dona Ana era rezadeira, rezava vizinhos e vizinhas em sua casa. No quintal da casa havia um armazém, quase todos os irmãos ajudavam Seu José a cuidar do comércio, vendendo frutas, legumes, bebidas, doces. Nesta casa Seu José e Dona Ana tiveram mais filhos e filhas, no total dez filhos.

Moacir, um dos filhos mais velhos, tocava bateria e tinha uma banda de música regional, nas sextas-feiras a banda se apresentava no armazém do seu pai.

Os irmãos Dida e Marrone também se interessaram pela música e formaram uma banda de reggae: o KMD-5. Na década de oitenta, fizeram um estúdio num quatinho no quintal da casa de seus pais, ali ensaiavam e abriam espaço para outras bandas que foram surgindo ali no bairro Piam. Dentre elas: Lumiar, Cabeça de Nego, KMD5 e outras.

As irmãs Iraci e Severina seguiram o caminho da educação, tinham um sonho de fazer um trabalho diferente. E esse sonho na mesma época do estúdio virou a Escola Donana. A Escola também era no quintal da casa e alfabetizava crianças e adultos. Severina quis homenagear sua mãe e colocou o nome da escola de Donana.

Assim, passo a passo, alguns meio desajeitados, foi surgindo no quintal da casa de Dona Ana no final da década de oitenta, numa esquina qualquer de uma cidade que na época era conhecida como “a mais violenta do mundo”: o Centro Cultural Donana, na Rua Aguapeí, no bairro Piam, na cidade de Belford Roxo, região da Baixada Fluminense, município do Estado do Rio de Janeiro. Numa casa que antes de ser Centro Cultural já recebia a vizinhança.

Nesta época, final dos anos 80 e início dos anos 90, além da escola e da música, surgiram atividades voltadas às artes, cultura afro, capoeira e moda. Quase todas as atividades do Donana eram articuladas pela família Nascimento. Esse período para o Donana ficou marcado por ser considerado o “berço do movimento reggae” na Baixada por receber muitas bandas deste estilo musical no estúdio. A repercussão do Donana na mídia foi grande, chegando a receber o músico Jimmy Cliff² junto com a TV BBC de Londres e o Programa Brasil Legal da Regina Casé.

Porém, em 1996 o Donana viu-se forçado a fechar as portas da casa. O Centro Cultural deu lugar à casa dos irmãos Dida e Marrone. Os demais familiares que mobilizavam as atividades do Donana seguiram outros caminhos. Dida ficou onde era a escola e estúdio, que um dia foi o

² Jimmy Cliff, nascido em 1948, é músico jamaicano de reggae.

armazém. E ali virou seu lar, ateliê, lugar onde dava aula de violão e onde criou seus dois filhos. A casa ficou fragmentada, mas o movimento artístico continuou: virou ateliê de Dida. O artista plástico, músico, mestre de capoeira.

Em 2009, um grupo de jovens, dentre eles meu primo e eu, se reuniram a procura de lugares que pudessem abrigar uma mostra de cinema, música e arte: a Mostra Independente Cinerock. Dida abriu a porta de seu ateliê-casa para receber essa Mostra. O evento aconteceu em março de 2009, falamos que foi no Donana mesmo sem saber se podíamos dizer que o “Donana estava de volta”. Mas voltou e carregando um mar de atividades e expectativas, reestabelecendo laços com coletivos existentes na região da Baixada.

Após 2009, numa pegada mais jovem e “institucionalizada”, as atividades que acontecem no Donana são: Sarau, Reggae, Cineclube, Capoeira, Ciclo de Experimentações na Arte e diversas palestras com temática voltada às artes e produção cultural. E algumas realizadas mais pontualmente, como Um toque África Brasil e Ateliê Digital. Ao longo do período em que o Donana ficou fechado, Dida não continuou na banda KMD-5, entrou em outra banda, depois fez carreira solo e conta com o Vagner — seu sobrinho, filho do Moacir e hoje vice-presidente do Donana — como seu baixista. A banda KMD-5 foi desmembrada, adicionados novos membros e virou uma das bandas mais conhecidas no Brasil: O Rappa. Volta e meia, membros do KMD-5 reúnem-se para fazer apresentações. O músico Lauro Farias, da banda O Rappa e ex-integrante do KMD-5, é quem tem mais proximidade com o Donana, parte de sua família é vizinha do Donana, é um dos articuladores junto com a produção da banda O Rappa para o financiamento da recente reforma estrutural do Donana, bem como aquisição de equipamentos.

Eu, Érika, neta de Dona Ana, coordenadora do Cineclube Donana, pesquisadora, uma das responsáveis por “enquadrar” os projetos do Donana em editais do Ministério da Cultura e Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro e moradora transeunte da cidade que pesquiso. Nasci na Baixada Fluminense em 1988, no município de Nova Iguaçu, boa parte da minha família mora na Baixada, nas cidades de Nova Iguaçu e Belford Roxo. Até meus vinte três anos de idade morei na casa dos meus pais em Belford Roxo. Fui alfabetizada na Escola Donana e em 2000 fiz aulas de violão com meu primo na casa de Dida. Entre meus 16 e 27 anos transitei por caminhos diversos, sai por um tempo da Baixada, fui morar durante cinco anos

no Cosme Velho, bairro considerado nobre do Rio de Janeiro. Durante esses cinco anos quase todos os meses ia ao Donana fazer sessões de cineclube. Mas antes de me mudar de cidade quase não frequentava a região durante a semana pois estudava no Fundão e trabalhava no Rio. Belford Roxo para mim ficou um bom período sendo cidade-dormitório. Meus caminhos eram a Linha Vermelha, Avenida Brasil e Via Dutra que fazem parte do que sou hoje: uma colagem de personagens, caminhos e histórias como dos fanzines distribuídos nos saraus. Na reta final e no processo de imersão na escrita desta dissertação, volto a ser moradora de Belford Roxo ao mesmo tempo coordenando um recente projeto no Donana envolvendo arte, tecnologia e museus: o Ciclo de Experimentações na Arte.

Transitando por diversos tempos e mundos, faço o recorte desse processo do Donana: entre os anos 80 até agora, 2016. Buscando refletir sobre a relação entre memória, linguagem, disputas de poder, território, fronteiras, projetos, desejos, identidades e a ótica da resistência: como a própria arte de existir.

O Donana está localizado numa cidade com quase quinhentos mil habitantes, a oitava mais populosa do Estado do Rio de Janeiro, excluindo as capitais é a vigésima terceira cidade mais populosa do Brasil³. Está aproximadamente a dezenove quilômetros da capital Rio de Janeiro. Uma cidade que não possui cinema, conhecida por “lideranças marginais” de políticos nos anos oitenta e até hoje marcada por clientelismos e troca de favores entre políticos e moradores. Algumas pessoas chamam a cidade de “dormitório”, “terra sem lei” ou “a cidade mais violenta do mundo”.

Alguns dos objetivos que buscamos alcançar com esta pesquisa foram: tentar compreender qual seria a importância do Centro Cultural Donana na região em que está inserido; e a possibilidade de “reverter a imagem local” através de suas ações e seu papel de mediação cultural entre público, moradores e artistas.

A ideia é analisar as múltiplas territorialidades e temporalidades que são transmitidas através de narrativas, para além do território geográfico no qual o Donana está inserido e da linearidade de acontecimentos.

³ Segundo dados do IBGE, em pesquisa realizada em 2003, o índice de pobreza de Belford Roxo é de 60,06%, ocupando a quinta posição no mapa de pobreza e desigualdade social dos municípios do Estado do Rio. População estimada para 2014, segundo site do IBGE acessado em 13/02/2015: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=330045>

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. (BOURDIEU, 1988:189-190)

Esta pesquisa está atravessada por lembranças e observações de eventos passados, a partir de trajetórias e experiências compartilhadas, que são construídas nas falas e em imagens, estando entrelaçadas nas armadilhas e subjetividades da memória, na tentativa em criar “sentidos” através das interpretações que são inventadas e reinventadas a partir de narrativas, experiências e momentos de sociabilidades.

Para tal, utilizamos como metodologia: entrevistas, etnografias compartilhadas e análises de registros (fotográficos, filmicos, jornais, redes sociais e cartazes), tendo como suporte conceitos teóricos interdisciplinares. Na análise imagética, encontramos, no acervo pessoal de Dida e meu, fotografias do período entre 1980 e 2016, permitindo complexificar e contextualizar trajetórias compartilhadas e perceber como eram as movimentações dos eventos do Donana, assim como as aulas da Escola. Já as imagens dos cartazes de eventos (faixas, flyers virtuais e cartazes impressos) realizados pelo Centro Cultural Donana serviram de base para se obter uma dimensão e segmento dos eventos produzidos pelo Centro Cultural. Também foram coletadas matérias de jornais, impressos e televisivos, a fim de compreender o que estava sendo representado por esses meios no que se refere às práticas culturais na Baixada.

Parte intrínseca desta pesquisa constitui-se em analisar as construções e manutenções de identidades da cidade de Belford Roxo, que fora constantemente estigmatizada por uma imagem de violência, física e simbólica, bem como compreender como esta é mantida, reativada e materializada nas mais diversas narrativas (nas práticas dos sujeitos locais e, principalmente, na mídia) e como isso pode influenciar nos comportamentos e identidades dos moradores desta região. Abordaremos essas construções logo no primeiro capítulo, nominado Territórios, fronteiras e imaginários, no qual discutiremos as lutas por representações, os múltiplos sentidos de território que envolvem a Baixada Fluminense e a cidade de Belford Roxo.

O capítulo foi dividido nas seguintes abordagens: os processos de construções políticas e identitárias da cidade de Belford Roxo; os sentidos de deslocamentos do que seria pertencer ou não à Baixada e como as fronteiras imaginárias e as identidades são construídas, e os

significados e estigmas de uma possível pesquisa que apontaria a cidade de Belford Roxo como a “mais violenta do mundo” e como tal pesquisa poderia influenciar nas práticas dos sujeitos.

Discutiremos as marcas deixadas na memória da cidade de Belford Roxo, assim como da região da Baixada e do restante do Estado do Rio de Janeiro, por conta de uma possível pesquisa realizada pela UNESCO na década de 1970, que apontou a cidade de Belford Roxo como a mais violenta do mundo. E como a memória acerca desta pesquisa vem sendo utilizada atualmente.

É importante ressaltar que esta dissertação não pretende buscar verdades e legitimá-las, principalmente com relação a esta pesquisa da UNESCO, e sim tentar problematizar o que as mantém e alteram, abordando o processo de mediação deste território (ROY, 2010:248). Analisamos as estruturas que convencionalizam certas práticas, buscando entender as múltiplas narrativas e ações. Sendo assim, nos permitiremos complexificar e contextualizar trajetórias compartilhadas, ancorando narrativas atuais e passadas, a fim de compreendermos as imbricações que envolvem as construções de representações, buscando entender de que Baixada e cidade estamos falando e o que vêm sendo produzido nestes locais.

Portanto, é necessário pensarmos em como são fabricadas e partilhadas as tradições de uma cidade, principalmente ao se tratar de tradições construídas a partir de imaginários de violências.

A partir disso, elaboramos uma série de questões: Como certas práticas são apropriadas como forma de controle social e ressignificadas de maneira que reordenem comportamentos? Quais são os interesses nisso? Quais são os processos de produção material e simbólica que determinam uma região e como são fixados e incorporados nas identidades dos sujeitos? “O poder de definir a identidade e demarcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder” (BOURDIEU, 1989:118). Portanto, é preciso pensar nas construções por identidades da região como um processo político, que é estabelecido e fixado pelos sujeitos com um determinado fim.

No segundo capítulo (Centro Cultural Donana: Um lugar de Trajetórias Compartilhadas), traçamos as trajetórias individuais e coletivas compartilhadas pelos sujeitos envolvidos, diretamente e indiretamente, nas práticas do Centro Cultural Donana, buscando entender as

múltiplas identidades e memórias que são narradas nas falas e nas práticas sociais desses sujeitos. Tendo como ponto de partida a ideia do Donana, “o sonho coletivo”, como projeto, campos de possibilidades.

Como discutiremos ao longo desta pesquisa, principalmente no segundo capítulo, buscamos costurar as múltiplas vozes que estão no jogo representacional com as práticas e ações de diversos sujeitos que têm em comum uma proximidade com o Donana, ora profunda, que envolve o laço familiar, ora transitória. Investigaremos essa linha enigmática que costura os tempos e constrói lugares de memórias: outros tempos, outros mundos.

Ainda como metodologia desta pesquisa, analisamos o filme Donana⁴, lançado em 2014, dirigido por Cacau Amaral, um dos integrantes do Cineclube Mate com Angu. Em seus 27 minutos de filme, apresenta imagens das festas do Donana (anos 80 e 90) e das atuais rodas da capoeira organizada pelo Mestre Diornes e entrevistas realizadas na década de 2000 com Tataio (estilista, responsável pelo figurino do KMD5), Lilian (cabeleireira afro), Eliane, Dona Marina e com os músicos: Dida, Marrone, Ras Bernardo, Da Ghama, Lauro Farias. O Cineclube Mate com Angu existe há doze anos na cidade de Caxias, também região da Baixada Fluminense, e, além de ser um ponto de exibição de filmes e de debates, é um dos principais produtores audiovisuais da Baixada.

As entrevistas e análises fílmicas serviram como suporte para ajudar a entender as diferentes posições dos sujeitos, as interações, jogos de poder e representações a respeito de um processo. E ainda, compreender o outro a partir de relatos da vida cotidiana e das experiências compartilhadas e como estas multivocalidades são atravessadas por vivências, lembranças individuais e coletivas que são tecidas num conjunto de significados e símbolos praticados pelos sujeitos, no qual “o comportamento humano é visto como ação simbólica”. (GEERTZ, 2005:142).

“Os indivíduos vivem múltiplos papéis, em função dos diferentes planos em que se movem, que poderiam parecer incompatíveis sob o ponto de vista de uma ótica linear. (...) Nenhuma sociedade é monolítica culturalmente, sempre apresentando planos e dimensões diferenciados em função do seu modo singular de construção da realidade. No entanto, o caso da sociedade moderno-contemporânea aparece como limite em relação à multiplicidade e fragmentação de papéis e domínios”. (VELHO, 1994:26)

⁴ O filme encontra-se disponível no Vimeo: <https://vimeo.com/101009374> E também para download em alta resolução no site: archive.org/details/donanaofilme_em-alta

Portanto, fizemos uma descrição densa, levando em conta que os sujeitos já são os primeiros interpretes, parafraseando Geertz, uma interpretação de uma interpretação. Sendo preciso olhar sobre os ombros dos sujeitos observados. (GEERTZ, 2008)

Levando em consideração que esta pesquisa parte também de uma ativação e reativação da memória de um centro cultural e de um grupo social, levantamos as seguintes questões: Quais são os elementos utilizados na ativação? Como a memória é construída e ressignificada? “O que é o indivíduo? Como se produz um indivíduo? Que pode ele fazer com o que dele foi feito? O que é a sua liberdade e como é ela possível? Que verdade é sua e como pode ele aceder-lhe?” (MIRANDA; CASCAIS, 1983:20)⁵. Lembrando que “o real é descontínuo, formado por elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tantos mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisível, fora de propósito, aleatório” (BOURDIEU, 1988:185). E ainda, a memória está atrelada a um processo de construção de um determinado grupo, portanto “[...] não existe memória universal. Toda memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo.” (HALBAWACHS, 2006:86).

É importante destacarmos que o Donana atravessou diferentes e essenciais momentos de políticas culturais do país. Pensando nisto, refletimos como tais processos podem ter influenciado nas suas práticas.⁶ A casa é essa mistura de vidas, adaptações, mutabilidades e tempos que são compartilhadas nas mais diversas narrativas.

No terceiro e último capítulo (Re-existências: novas possibilidades, novos mundos), nossa proposta foi de costurar essas pluralidades de vozes que nos permitem perceber as tensões de um lugar, e um experienciar a cidade, capazes de formar diferentes narrativas para cada pessoa. Buscamos entender estes sujeitos como redes autônomas, que carregam vidas (PELBART, 2008), desejos, vontade de afirmação e processos de singularização (GUATTARI, 1996). E entender como é dado o encontro com o outro, o afetar e ser afetado, permitindo repensar as resistências e as ideias de projeto.

⁵ Citação retirada da apresentação do livro Quem é o autor? de Michel Foucault, escrita por José A. Bragança de Miranda e Antônio Fernando Cascais.

⁶ O Donana foi contemplado em três editais: Rede de Pontos de Cultura do Programa Cultura Viva no Estado do Rio De Janeiro, Chamada Pública Nº 04/2014; Seleção Pública de Projetos de Cultura Digital da Secretaria de cultura do Estado do Rio de Janeiro, Chamada Pública 014/2011; e Favela Criativa da Secretaria Estadual de Cultura do RJ.

Analizamos o sentido de resistência, bem como, o próprio ato de re-existir, no sentido de criação de novos imaginários possíveis e os processos de lutas por existência, inserção, reconhecimento e diferenciação.

Em ‘processos de singularização’: uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos. (GUATTARI, 1996:17)

Além disso, almejamos desmistificar a noção de sentido das linguagens, a partir de uma linguagem interpretativa, uma filosofia da vontade, que se dá nas intermedialidades: projeto, execução e consentimento. Ou seja, no não percebido, o que transcende a palavra (RICOUER, 1990). “Porque querer é projetar um mundo, apesar ou contra os obstáculos. Querer também é projetar uma intenção que, pelo consentimento, converte-se em necessidade ‘sofrida’ e retomada pelo consentimento”. (JAPIASSU, 1977:2)⁷

Transpor a linha de força, fazer com que ela mesma se afete, em vez de afetar outras forças: uma ‘dobra’, segundo Foucault, uma relação da força consigo. Trata-se de ‘duplicar’ a relação de forças, de uma relação consigo que nos permita resistir, furtar-nos, fazer a vida ou a morte voltarem-se contra o poder. (DELEUZE, 1992:123)

Dialogaremos com os autores Deleuze, Foucault e Nietzsche a fim de refletirmos sobre a capacidade de invenção de novas possibilidades de vida, o próprio devir. Até mesmo num cuidado de si, o que implicaria numa conversão do mundo exterior em direção a si, que se codifica em ações exercidas para si pelas quais nós nos modificamos. Segundo Nietzsche, queremos pensar a vontade de potência, a possibilidade de ser, uma afirmação da vida e da crença nesta verdade encontrada (DELEUZE, 1992). Dessa forma, buscamos entender: como surgem as resistências que vão “na contramão da ótica estigmatizante”? (FACINA, 2013:88)

A partir desse momento convido você a entrar nessa casa, permita que essa casa vá entrando dentro de você também.

⁷ Citação retirada da apresentação do livro *Interpretação e ideologias*, de Paul Ricouer, escrita por Hilton Japiassu. Responsável também pela organização e tradução do livro.

Capítulo 1 – Territórios, Fronteiras e Imaginários

“[...] a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana”
(PARK, 1973: 27)

“Terra sem lei”, “a cidade mais violenta do mundo”, “velho brejo”, “cidade do amor”, “cidade-dormitório” e outras frases podem ser facilmente ouvidas por moradores da cidade de Belford Roxo e de outras cidades do Rio de Janeiro ou lidas em diversos artigos acadêmicos, matérias de jornais e outros meios de comunicação, para designar a cidade de Belford Roxo. Mas como elas são construídas? Quem as define? Quem tem o poder de nomeação? E qual o intuito? Quais são os processos de produções materiais e simbólicas que determinam uma região e como são fixados? O que frases como essas podem influenciar na construção identitária de uma região? E de um povo? E como? Para Bourdieu, “o poder de definir a identidade e demarcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder” (BOURDIEU, 1989:118).

Iniciaremos a dissertação abordando as concepções que envolvem: os territórios; territorialidades; relações de poder simbólicas e concretas; diásporas; deslocamentos; identidades; fronteiras; mediações; processos de territorialização e desterritorialização; e estigmas, buscando entender: a Baixada Fluminense; a cidade de Belford Roxo; o sentido de região; e as múltiplas Baixadas com que estamos lidando.

Dedicaremos a primeira parte deste capítulo para pensarmos as construções e representações da cidade de Belford Roxo, onde o Centro Cultural Donana está situado, bem como a própria região da Baixada Fluminense. Analisaremos as suas conjunturas, meios de articulações e sobrevivências, e como ela se relaciona com seus habitantes, sendo ela imersa por processos vitais humanos essenciais para se compreender o que vêm sendo produzido neste local (PARK, 1973).

Já na segunda parte deste capítulo, trataremos de entender os processos de construções identitárias da Baixada Fluminense, bem como as suas fronteiras, deslocamentos, as divergências dos seus limites geográficos e os jogos representacionais e situacionais que envolvem a noção

de pertencer ou não à Baixada. Refletiremos também sobre os processos diaspóricos, vitais para se entender a formação das múltiplas identidades e territorialidades que estamos traçando.

Na última parte deste capítulo analisaremos uma série de entrevistas e artigos com o intuito de refletir como certas imagens foram fixadas no passado e permanecem materializadas em diferentes contextos. E, sobretudo, como foi fixada a imagem da cidade de Belford-Roxo como a “mais violenta do mundo”?

Ressaltamos que essa dissertação está atravessada por territórios que são narrados em falas, poesias, letras de músicas, narrativas audiovisuais, assim como nas práticas sociais e culturais de um determinado grupo. Estamos falando de territorialidades, epistemologicamente, quando adicionamos o sufixo -ade simbolizamos algo em processo, um estado, uma situação, uma relação, algo não acabado, devir. Desta forma, buscamos entender os sentidos que produzem um território ou múltiplos territórios. “O território não pode ser aqui pensado como circunscrição do espaço, ou mesmo da espacialidade. As narrativas, por sua vez, nos levam a outro pressuposto, a saber, a ampla dimensão da linguagem que abre novo espectro de abordagem. [...] a linguagem como um habitar” (GUELMAN, 2013)⁸.

Para o geógrafo Milton Santos, “(...) o território é o lugar em que se desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência. (...)” (SANTOS, 1999:7). E ainda:

“O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e dos sistemas de coisas superpostas; o território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida”(...). (SANTOS, 1999:8)

Dessa forma, pensamos o território como um lugar repleto de vidas e sentimentos que dão o sentido de pertencimento ou não ao lugar: Baixada, Belford Roxo, Donana.

⁸ Trecho retirado do programa da disciplina Narrativa e Território do professor Leonardo Guelman no Programa de Pós-graduação em Cultura e Territorialidades, 2013.

1.1 “Nas margens da cidade grande”: Belford Roxo, a cidade do amor

*Nas margens da cidade grande
muitas coisas que você olha mas não vê
coisas que não vivem
onde mora
onde mora o poder
BF
Baixada Fluminense
(Dida Nascimento e Marcelo Yuka)⁹*

De acordo com o dicionário, o significado da palavra Baixada seria: “sf (baixar+ada1) 1 Descida. 2 Depressão de terreno junto de uma lomba. 3 Planície entre montanhas. B.-de-capim: terreno baixo e úmido, quase sempre alagadiço, onde se cultiva a gramínea chamada capim-de-planta; baixa de capim.”¹⁰ Já Fluminense, “adj (lat flumine+ense) 1 Relativo a rio; fluvial. 2 Do Estado do Rio de Janeiro ou relativo a ele. 3 ant Pertencente ou relativo à cidade do Rio de Janeiro. s m+f Habitante ou natural do Estado do Rio de Janeiro.”

“[...] a região da “Baixada Fluminense” seria aquela em que terras baixas, planas, seriam recortadas por rios e em boa parte alagadas, o que caracterizaria a área que iria do pé da serra e se estenderia por uma grande parte do Estado do Rio. Dessa forma, os rios que atravessariam tais regiões baixas exerceriam papéis fundamentais na configuração econômica e social das mesmas, tanto de forma positiva quanto negativa”. (ENNE, 2002:54).

O termo Baixada Fluminense pode representar múltiplas significações, que buscaremos entender ao longo dessa dissertação. E ainda, o que significa estar às margens? O que significa ser Baixada? Como descreve Ana Enne em sua tese, “são muitas as apropriações, em termos de significados [grifos da autora], da expressão ‘Baixada Fluminense’” (ENNE, 2002:46). Podemos partir do ponto que Baixada é um termo em disputa e situacional.

“Em primeiro lugar, a classificação do que seria essa tal “Baixada Fluminense” [grifos da autora], em termos espaciais, está longe de ser uma unanimidade, ao contrário, é um ponto de dispersão constante de interpretações que ora se complementam, ora se chocam, podendo ser percebida como uma categoria objeto de conflito mais do que de consenso; em segundo lugar, não podemos perder de vista que os espaços geográficos são, antes de tudo, espaços sociais, resultantes de intervenções e interpretações, motivadas muitas vezes por preocupações externas à própria lógica da Geografia”. (ENNE, 2002:47)

⁹ Trecho da música BF da banda KMD-5 composta pelos músicos Dida Nascimento e Marcelo Yuka em 1997.

¹⁰ Significado de Baixada no dicionário online Michaelis. Acessado em 08 de novembro de 2015: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=baixada>

Pensando nessas múltiplas interpretações, buscaremos entender neste capítulo as imbricações e representações que envolvem a cidade de Belford Roxo e seus personagens, uma cidade de quase quinhentos mil habitantes situada na Baixada Fluminense e fundamental para se entender as práticas e mediações do Centro Cultural Donana.

“O território é uma construção histórica e, portanto, social, a partir das relações de poder (concreto e simbólico) que envolvem, concomitantemente, sociedade e espaço geográfico (que também é sempre, de alguma forma, natureza); o território possui tanto uma dimensão mais subjetiva, que se propõe denominar, aqui, de consciência, apropriação ou mesmo, em alguns casos, identidade territorial, e uma dimensão mais objetiva, que pode-se denominar de dominação do espaço, num sentido mais concreto, realizada por instrumentos de ação político-econômica” (HAESBAERT, 2007:42-43)

Belford Roxo já foi conhecida por ser uma antiga aldeia dos índios Jacutingas, engenho de açúcar, brejo e ex-município de Nova Iguaçu. Distancia-se 19,5 quilômetros da capital Rio de Janeiro e tem como municípios vizinhos: Nova Iguaçu, Mesquita, Duque de Caxias, São João de Meriti.

Fazendo um breve levantamento histórico da cidade de Belford Roxo, encontramos a informação de que, em meados do século XVII, a cidade era conhecida como engenho de Santo Antônio de Jacutinga, ou mesmo Velho Brejo¹¹, pois em períodos de movimento das marés os rios transbordavam, alagando as terras próximas, formando mangues e brejos. No século XVI, esta região à margem do Rio Sarapuí foi concedida pelo governador do Rio de Janeiro a um capitão, o qual transformou a região em engenho de açúcar. Neste período, a região acabou ficando conhecida pela produção de açúcar, o transporte de mercadorias entre a Corte e as fazendas era feito através do rio Sarapuí.

Com o passar dos anos, o engenho foi sendo desmembrado dando lugar a outras fazendas. Outros proprietários passaram a assumir o local, principalmente por meio de concessões e heranças.

O nome Belford Roxo só foi oficializado em 1888 e homenageia Raymundo Teixeira Belford Roxo, inspetor geral de obras, responsável pela captação das águas do rio Sarapuí para a Corte, que nesta época enfrentava uma grande estiagem. Um símbolo que representa esse período é o chafariz “Bica da Mulata”, localizado no centro da cidade de Belford Roxo. No

¹¹ Posteriormente, com o passar dos anos, o termo Velho Brejo passou a ser utilizado de forma pejorativa, como algo abandonado, encoberto de lama e sujeira .

entanto, nessa mesma época a Baixada também sofria com a estiagem por conta da produção agrícola.

Entre 1888 e 1980, muitas coisas aconteceram na cidade e na Baixada, como, por exemplo, o crescimento populacional por conta do processo migratório do país, as construções de fábricas e indústrias, as construções de estradas, o desaparecimento quase total da produção agrícola. Por ora, continuaremos com a cidade de Belford Roxo, e um momento bem importante para a cidade: a sua emancipação e eleição do primeiro prefeito.

O período dos anos de 1980 é conhecido por diversos processos emancipatórios vindos da mobilização “popular” e de políticos não tradicionais, no Rio de Janeiro, dentre eles a emancipação de Belford Roxo da cidade de Nova Iguaçu. Embora, tenham acontecido outras tentativas de emancipação¹², como em 1962, somente nos anos 80 que esse processo se concretizou, principalmente, por conta do final da Ditadura e da implementação da Constituição de 1988, que possibilitou aos municípios passarem a ser um ente federativo, descentralizando o poder local. Antes eram subordinados às províncias e estados, que faziam parte do Estado nacional. (SIMÕES, 2006)

Esses processos emancipatórios vão além de rearranjos nos mapas estaduais, neles estão imbricadas relações de poder, hierarquias e lutas. Para Bourdieu, “o espaço ou, mais precisamente, os lugares e os locais do espaço social reificado, e os benefícios que eles proporcionam são resultados de lutas (dentro dos diferentes campos).” (BOURDIEU, 2003:163). E as conquistas podem ser posições ou prestígios. As disputas por apropriações podem aparecer de forma individual ou coletiva, e podem variar conforme o capital. (BOURDIEU, 2003).

“É na relação entre a distribuição dos agentes e a distribuição dos bens no espaço que se define o valor das diferentes regiões do espaço social reificado. O espaço social reificado (isto é, fisicamente realizado ou objetivado) se apresenta assim, como a distribuição no espaço físico de diferentes espécies de bens ou de serviços e também de agentes individuais e de grupos fisicamente localizados (enquanto corpos ligados a um lugar permanente) dotados de oportunidades de apropriação desses bens e serviços mais ou menos importantes (em função de seu capital e também da distância física desses bens que desempenham também de seu capital)”.(BOURDIEU, 2003:160).

¹² A primeira tentativa foi em 1962, embora não tenham muitos registros sobre este momento. Simões descreve que [...] quando se iniciaram reuniões no chamado ‘Senadinho’ que chegavam a reunir 300 pessoas, a maioria moradores humildes, pequenos comerciantes e profissionais liberais. É preciso ressaltar que este movimento ganha força em função da instalação do Complexo Industrial da Bayer em 1958, que contribuiu para a formação da crença, que acompanhou todo o processo de luta pela emancipação, de que arrecadava-se muito e recebia-se pouco em Belford Roxo. Contudo não se verificou o apoio dos políticos tradicionais a este projeto e que este tenha tomado algum tipo de forma jurídica, capaz de iniciar os trâmites legais junto a ALERJ. (SIMÕES, 2006, p.164)

Devido à omissão por parte dos vereadores em garantir os serviços básicos e infraestrutura para Belford Roxo, surgiram as “lideranças marginais”, fornecendo serviços como ambulância e “segurança” da região. Essas lideranças eram identificadas como autônomos frente a partidos, políticos e mesmo associação de moradores, que haviam perdido prestígio nos meados da década de 1980 (SIMÕES, 2006). Dentre essas lideranças, surgiu Jorge Júlio da Costa dos Santos, mais conhecido como Joca.

“O caso de Belford Roxo possui particularidades que devem ser analisadas com mais profundidade, pois parece ser aquele caso em que o processo de construção de uma identidade territorial seja o mais significativo e exemplar, a medida em que esta foi sendo elaborada no processo de mobilização e conseguiu um grau de apoio popular tão grande que acabou por fugir do controle dos políticos tradicionais, abrindo espaço para a emergência de novas lideranças saídas do seio da população, ainda que com ressalvas aos métodos utilizados por estas”. (SIMÕES, 2006:166)

Em 1986, Joca e outros líderes “marginais” se uniram aos políticos tradicionais, formando a Comissão de Emancipação de Belford Roxo. A primeira tentativa foi em 1988, porém por não ter alcançado o quórum mínimo a emancipação não foi concedida. Somente em 1990 que o projeto de lei para criação do município de Belford Roxo é aprovado pela ALERJ. (SIMÕES, 2006)¹³

Em 1993, foi realizada a eleição do seu primeiro prefeito, elegendo-se Joca com a campanha: “Belford Roxo, a cidade do amor”. Com isso, a instalação de fato do município. Para se ter uma noção da dimensão da campanha feita pelo prefeito, o slogan “cidade do amor” foi materializado em símbolos em formato de corações espalhados em pontos de ônibus e na entrada da cidade, e que permanecem no mesmo lugar, e na criação de um jingle de campanha eleitoral que enaltecesse a figura “Joca” como um benfeitor, um herói da cidade.

A estreita vinculação entre Joca e Belford Roxo é, entretanto, melhor entendida quando lembramos o fato de o prefeito ter mandado gravar um coração em um de seus dentes de ouro e de ter encomendado um hino oficial que apresentava como tema não o passado ou as características naturais ou econômicas de seu município, como tradicionalmente se faz, porém a sua figura comparada no hino a um salvador heroico e solitário:

¹³Para maiores informações dos processos emancipatórios da Baixada, vide tese de doutoramento em Geografia / UFF: A cidade estilhaçada: Reestruturação Econômica e Emancipações Municipais na Baixada Fluminense, de Manoel Ricardo Simões.

Ele chega carregando uma bandeira / Traz o símbolo da ‘paz e liberdade’ /
Sobe morro, desce morro / Dia-a-dia sem parar / À procura de crianças para
ajudar / Olha ele aí, olha ele aí / Sempre ao lado de Deus / Fazendo esse
povo feliz / Joca, Joca / Amigo de ontem / Amigo de hoje / Amigo de sempre
(MONTEIRO, 2013: 23)¹⁴

Um governo de atos e imagens, marcado por clientelismos, como, por exemplo, antes de assumir a prefeitura da cidade, Joca realizava distribuição de cestas básicas, era proprietário de catorze ambulâncias, agilizava vagas nas escolas e clínicas de saúde para quem o procurava. Era uma figura do “povo”, nasceu em família humilde, filho de migrantes, a típica história daquele que “venceu” na vida: “superou” a pobreza. Como aponta Monteiro, “[Joca] orgulhava-se por conseguir ‘intimidar bandidos’. Isso fazia inúmeras pessoas procurarem-no diariamente na Prefeitura, a fim de conseguirem proteção dada por grupos de extermínio controlados por ‘amigos do Joca’” (MONTEIRO, 2013:137).

É difícil quando se está falando de Belford Roxo não mencionarmos a imagem de Joca, e, principalmente, do seu governo que ansiava por novas representações identitárias para a cidade, em que as práticas tradicionais existentes vão sendo modificadas e institucionalizadas para servir a novos objetivos. Para Hobsbawm, “o passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas tais como a repetição”, como no caso dos símbolos da campanha de Joca que permanecem até hoje no cotidiano da cidade. E o processo de transformação de algo em hábito, torna-se naturalizado, ou seja, automatizado. “[...] o procedimento fixo geralmente é considerado como o mais eficiente” (HOBSBAWM, 1984:11).

Um projeto de valorização de tradições que ora separam ora conectam mundos que muitas vezes buscam uma “supervalorização” por um passado glorioso, “autêntico”, mergulhado num emaranhado de memórias individuais e coletivas. De acordo com Hobsbawm, as tradições são inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, que podem se estabelecer com rapidez e ser transmitidas pelos canais de massa. Nem todas as tradições sobrevivem. As tradições inventadas podem ser classificadas para estabelecer uma “coesão social”, legitimar instituições, a socialização dentro de um sistema de valores e padrões comportamentais que se expressam por símbolos e práticas que representam uma nação, uma região, uma cidade, um projeto.

¹⁴ Jingle da campanha eleitoral de Joca.

“por ‘tradição inventada’, entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.” (HOBSBAWM, 1997: 9)

Joca foi assassinado em 1995 próximo ao túnel Santa Bárbara, na cidade do Rio de Janeiro, a caminho do Palácio Guanabara, quando ia para uma reunião com o então governador do Estado do Rio, Marcello Alencar. De acordo com o artigo “Para além do ‘voto de sangue’: escolhas populares e liderança política carismática na Baixada Fluminense. O caso Joca”, escrito por Linderval Augusto Monteiro, questiona-se a possível previsibilidade da morte de Joca, por se tratar de um prefeito possivelmente envolvido em grupos de extermínios, traficante de drogas e cargas roubadas. De acordo com Monteiro, para evitar correr riscos de vida, não foi possível investigar a fundo a vida de Joca. Sendo assim, o autor prefere destacar no artigo o que a mídia divulgou sobre a morte de Joca: uma tentativa de roubo de um dos colares de ouro utilizados pelo prefeito, resultando em trocas de tiros, levando a sua morte.

É importante levarmos em consideração, que, nesse mesmo período, entre a década de 80 e 90, surgiram diversas casas de cultura na Baixada, incluindo o Donana, na tentativa de reverter a imagem marcada pela violência. Como aponta Ana Lucia Enne sobre o surgimento dessas casas de cultura:

“Este período, para muitos, é considerado o ‘boom’ das casas de cultura na Baixada, em que a ‘cultura’ transformou-se em estratégia privilegiada para propor transformações locais e gerar imagens positivas para a região. Tais casas e centros culturais foram aparecendo no final da década de 80 e também no início dos anos 90”(…). (ENNE, 2002:121).

Pensando isto, o que tais processos políticos, como a construção de uma “outra” imagem para a cidade, podem ter influenciado nas práticas das casas de cultura, ou vice-versa? É visível um processo de disputas por representações de ambas as partes. Percebemos a cidade como um meio de se recriar mundos (PARK,1973), um território repleto de significados e vivências partilhadas, produtora de conhecimentos por si só e em quem nela habita. A cidade é uma teia repleta de significações, tensões, paixões em constante processo de territorialização e desterritorialização. Para Deleuze e Guattari¹⁵ essas teias de significações são rizomas, que se

¹⁵ Vide DELEUZE; GUATTARI. Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995. E também GUATTARI, Felix e ROLNIK, Suely. Micropolítica. Cartografias do Desejo. Petrópolis: Editora vozes, 1996.

espalham horizontalmente, e ramificam de qualquer ponto, sem raiz. Porém ainda existem as hierarquias.

A cidade de Belford Roxo é formada por uma malha de ruas cercada de casas e nas esquinas de algumas ruas é possível encontrar um pequeno comércio, alguns morros. É banhada pelos rios: Iguaçú, Botas, Sarapuí, das Velhas, Outeiro, da Prata e Maxambomba. Em alguns momentos, de longe, como por quem passa pela Via Dutra¹⁶, é possível observar a camada cinzenta do parque industrial da Bayer.

A cidade de Belford Roxo é abafada, o vento é quente, o tempo é seco, árido, como Macondo¹⁷: “onde a poeira e o calor se fizeram tão tenazes que dava trabalho respirar” (MARQUEZ, 2009:212). Algumas ruas asfaltadas, outras sem asfalto ou esburacadas. Em dias de sol intenso, o mau cheiro dos rios invade as casas. E sem falar nas enchentes que acontecem em cada verão. Triste, mas chega a ser comum muitas famílias perderem móveis e casas.

É o tipo de cidade em que é possível encontrar pessoas sentadas em banquinhos nas portas de casas e crianças brincando na rua de soltar pipa, andar de bicicleta e jogar futebol. Como na música da banda O Rappa, “como se fosse um quintal”¹⁸. A apropriação da rua é bem comum, inclusive como extensão dos pequenos comércios.

A cidade possui duas universidades: Fabel e Uniabeu. A primeira possui cursos de graduação em administração, história e pedagogia e pós-graduação lato sensu em Educação. Já a Uniabeu oferece os mesmos cursos, além de: educação física, análise e desenvolvimento de sistemas, enfermagem, letras, psicologia, serviço social e outros, também possui pós-graduação e cursos de extensão. Essa última possui sede em Nilópolis, Nova Iguaçu e Angra dos Reis. Ambas estão localizadas no centro de Belford Roxo, há uma distância de cerca de onze minutos entre uma e outra.

¹⁶ Inaugurada em 1951, a Rodovia Presidente Dutra, ou Via Dutra, faz a ligação entre os Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Possui 402 km de extensão total, inicia no Trevo das Margaridas, na Avenida Brasil, no Rio de Janeiro e termina na Ponte Presidente Dutra, no acesso à Marginal Tietê, em São Paulo. Além de fazer ligação entre as duas metrópoles, a Via Dutra corta diversas cidades da Baixada. E é a principal caminho utilizado pelos moradores da região para chegarem na cidade do Rio.

¹⁷ Macondo é uma aldeia fictícia criada pelo escritor colombiano Gabriel Garcia Marquez em seu livro Cem anos de Solidão. Escritor conhecido pelo realismo fantástico.

¹⁸ Música O Que Sobrou do Céu da banda O Rappa, lançada em 2001 no álbum: Lado B Lado A, composta por Marcelo Yuka. Gravadora: Warner.

Os ônibus que circulam na cidade são intermunicipais, e vão para Nova Iguaçu, Pavuna, Central, Madureira, Tinguá, Duque de Caxias, Mesquita, Nilópolis. Em 2008, lançaram a linha 400T que liga Belford Roxo à Barra da Tijuca, porém, com horário limitado, e só é possível pegar esse ônibus no Centro da cidade de Belford Roxo. Ao todo são aproximadamente setenta e três linhas de ônibus que circulam na cidade, todas intermunicipais. Além disso, tem o trem que liga o centro de Belford Roxo à Central. Porém, funcionando com hora marcada e durante a semana o último trem para Belford Roxo é por volta das nove horas da noite.

Durante a madrugada, a maioria desses ônibus e o trem param de funcionar e nos finais de semana são reduzidos. Muitas vezes a solução é o transporte “alternativo” como vans, kombis ou moto táxi. Tornando a cidade limitada nela mesma: os muros são invisíveis.¹⁹

Dos cento e quarenta e três bairros pertencentes a Belford Roxo, os que mais fazem parte do meu imaginário e do cotidiano são: Heliópolis, Farrula, Piam, Xavantes, Areia Branca e Andrade de Araújo. Para Nora, os “lugares de memória” são locais materiais ou imateriais nos quais se encarnam ou cristalizam as memórias de uma nação, e onde se cruzam memórias pessoais, familiares e de grupo. São como espelhos nos quais, simbolicamente, um grupo social ou um povo se “reconhece” e se “identifica”, mesmo que de maneira fragmentada. Estes “lugares” carregam imagens, ideias, sensações, sentimentos e vivências individuais e de grupo, num processo das experiências coletivas.

A praça de Heliópolis, localizada no bairro de Heliópolis, é um ponto de referência na cidade, principalmente para mim, pois sempre que vou para casa dos meus pais passo por essa praça, ela está no caminho do ponto ônibus para a casa. A praça é cercada por um mercado, sacolão, farmácias, lanchonetes, bar, banco e outros pequenos comércios, no meio tem dois campinhos de futebol com grama sintética, uma pista de skate, quiosques e uma creche. A noite o cenário modifica: os comércios dão lugar para as barraquinhas e carrocinhas de yakisoba, açaí, cachorro-quente, pipoca, “podrões”, pula-pula... Nos finais de semana a praça fica lotada de pessoas, algumas ocupando as imensas filas formadas para comprar algo numa dessas barraquinhas, alguns pequenos e diversos grupos disputando “seu som”, muitas crianças, pessoas saindo ou indo para igreja, a caminho de casa ou do ponto de ônibus que fica ali

¹⁹ Muros invisíveis e fronteiras serão discutidos na próxima parte deste capítulo: Brixton, Bronx Ou Baixada - Deslocamentos, territorialidades e identidades

pertinho. A trilha sonora é diversa, com músicas altas vindas dos sons dos carros estacionados ao longo da praça, dos quiosques e dos bares. Quase não é possível entender o que está sendo tocado. Tudo vira um grande ruído.

Há uns quinze minutos, a pé, da praça, tem a Feira de Areia Branca. Feira existente há mais de cinquenta anos no bairro de Areia Branca, vizinha ao Donana. É famosa pelo seu tempo de existência e pelo seu tamanho, são quase dois quilômetros de extensão de feira, onde é possível encontrar “quase tudo”, desde computador usado, frutas, discos, a uma porca viva sendo vendida em meio a feira. E no meio desse emaranhado é possível observar uma roda de capoeira, um pastor pregando e música de algumas barraquinhas. Uma parte dos feirantes de frutas e caldo de cana estão ali há muito tempo, alguns desde que a feira surgiu, quando ainda passava trem ali. Para alguns estar ali é uma forma de complementar a renda familiar. E muitas vezes esse trabalho é passado para outras gerações da família.

Esta feira também representa a chegada dos meus avós, Dona Ana e Seu José, no Estado do Rio de Janeiro. Dona Ana e Seu José vieram do Nordeste para Belford Roxo, para complementar a renda da família, eram sete filhos e três filhas, mantinham uma barraquinha de frutas e artesanato em pano de prato na feira. Porém não mantiveram esse trabalho por muito tempo e não chegaram a passar esse ofício para outras gerações da família, como acontece com muitos ocupantes da Feira. Na verdade, para a minha geração da família ficou a vontade de descobrir “como tudo começou”, resultando num curta-metragem sobre a Feira, que realizei em 2010.²⁰ Abaixo um trecho de uma música do grupo Pimenta do Reino que narra o imaginário dessa Feira:

²⁰ O curta-metragem *A Feira de Areia Branca e o Imaginário Popular* é um documentário voltado numa pesquisa de preservação de memória da Feira do bairro de Areia Branca no município de Belford Roxo. Foi realizado durante a minha faculdade para uma disciplina de Psicologia Aplicada às Artes Cênicas e buscava levantar a importância da feira no município inserido, como um lugar de memória, a identidade de um povo. O documentário conta com entrevistas aos frequentadores e feirantes e imagens da feira, observando a relação do sujeito com seu mundo social e cultural. O curta foi dirigido por mim, tem duração de 9min58seg foi produzido em 2010 com ajuda voluntária de membros do Cineclube Donana: Josy Antunes (montagem), Diego Jovanholi (câmera e meu primo), Claudiano Vasconcelos (fotografia still).

*Feira de areia branca,
Feira que é igual a tantas
Que por este mundão me leva a encontrar
Crianças pedindo sonho
A xepa pra casa levar/ eu vejo aquele futuro
Que teima comigo para não chegar
Vem que tem , tem tudo tem, se chegue madame
Pode escolher...
Procuro a barraca que tenha cheiro de saudade
Bôlo de rôlo, cangica de milho , quentão brevidade
Na mistura tempero e flor
Bugiganga, poeira e calor
Caldo de cana, pimenta do reino e computador.
(Pimenta do reino – Feira de Areia Branca)*

Em 2013, a Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro realizou um mapeamento de diversas manifestações artísticas dos municípios do Estado, destaco abaixo a descrição da cidade de Belford Roxo no mapeamento. Na descrição da Secretaria, a cidade de Belford Roxo é como “um grande quintal”, pelo fato de diversas atividades acontecerem no quintal das casas, como é o caso do Donana e do estúdio do João Mathias, ao mesmo tempo faz uma alusão a Belford Roxo ser o quintal da cidade de Nova Iguaçu, reforçando as posições hierárquicas e os processos de emancipação da cidade de Belford Roxo, como já mencionamos.

“Belford Roxo é um grande quintal. É no quintal da casa do João Mathias que está um dos estúdios mais frequentados da cidade. Foi no quintal da casa do Dida Nascimento que surgiu um dos centros culturais mais expressivos e resistentes. As pessoas se conhecem e, daqui a pouco, lá estão. No quintal umas das outras. É nos quintais que os artistas se reúnem para cantar, ensaiar, sonhar com letras e livros, montar fanzines em preto e branco. É em terreiros de terra batida que a capoeira vinga, o maculelê ganha força, o jongo sobrevive. O reggae, o rock, o funk. Há quem diga que Belford Roxo é o quintal de Nova Iguaçu. Intriga. A cidade tem vida própria. E a poesia, como todo o resto, é forte”.
(MAPA DE CULTURA RJ, 2011/2013)²¹

Dentre algumas instituições, casas de cultura e manifestações artísticas que foram mapeadas pelo “Mapa de Cultura RJ”, destaco as seguintes: a Associação de Capoeira Palmares, a Casa de Cultura de Belford Roxo, o Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB), a Escola de Samba Inocentes de Belford Roxo, o Ponto de Cultura Casa da Memória da Rede Fitovida.

A Associação de Capoeira Palmares, mantida pelo Mestre Diornes, oferece capoeira, maculelê, a puxada de rede, o jongo, a folia de reis e a roda de samba. A associação oferece aulas de capoeira semanais no Donana.

²¹ Acessado no dia 02 de outubro de 2015: <http://mapadecultura.rj.gov.br/cidade/belford-roxo#prettyPhoto>

“Mestre Diorne, como é conhecido Diógenes Alves, aprendeu a capoeira, o maculelê, o jongo, a puxada de rede, o samba de roda. Herdou a folia de reis e o jogo de malha, tudo numa leva só. “Meu avô, avô mesmo, por parte de mãe, foi escravo”, diz o mestre de 48 anos, presidente da Associação de Capoeira Palmares. É lá que ele dissemina o que chama de filosofia mais básica: fazer o bem sem olhar a quem. Mestre Diorne ensina aos alunos que é preciso ter consciência. Do que se faz e por onde se pisa. Seu prazer, conta, é constatar todos os dias que os meninos que chegam até ele poderiam estar em outro lugar, mas estão na capoeira, aprendendo “a lutar, a jogar, a viver”. E se tem aluno, professor não falta. A escola está aberta a quem quiser. “Para gente humilde e gente famosa”, garante Diorne”. (MAPA DE CULTURA RJ, 2011/2013)²²

A Casa de Cultura de Belford Roxo está localizada no bairro Nova Piam, bairro vizinho ao Donana, foi inaugurada em 2000 e possui um espaço de exposição, teatro e biblioteca. O espaço já recebeu diversas apresentações, principalmente, de artistas locais. Atualmente, recebe oficinas de dança, hip hop, capoeira, música. Foi possível encontrar na programação da Casa, na rede social facebook²³, eventos como “Marcha de Jesus”, “Conexão Gospel”, além de receber cerimônias de posse de secretários e outros eventos desse tipo.

O Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB) é utilidade pública municipal e estadual, está localizado no bairro Vila Santa Tereza num prédio de seis andares, possui um acervo estimado em 500 mil artefatos, atua nas áreas de pesquisa, educação patrimonial material e imaterial. O Instituto tem unidades em Minas Gerais, Goiás, Rondônia, Tocantins e no Espírito Santo.

A Escola de Samba Inocentes de Belford Roxo foi fundada em 1993, em 1998 conquistou o título do Grupo C, em 2009 garantiu a vaga no Grupo A e 2010 ganhou Estandarte de Ouro do melhor samba enredo. De acordo com as informações no site Mapa de Cultura, a escola chega a mobilizar aproximadamente quatrocentas pessoas ao longo de oito meses por ano.

O Ponto de Cultura Beleza Negra da Associação Cultural e Recreativa Afoxé Raízes Africanas fica próximo ao Donana, no bairro Vila Vitória, é voltado para cursos e oficinas de matriz africana, como dança afro, culinária, vestimentas, amarração em tecidos. O site Mapa de Cultura descreve as atividades do ponto através da fundadora Isabel de Oyá:

²² Mapa de Cultura do Estado do RJ. Acessado em 09 de novembro de 2015: <http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/diogenes-alves-o-mestre-diorne>

²³ Página da Casa da Cultura de Belford Roxo no Facebook. Acessado em 09 de novembro de 2015: <https://www.facebook.com/casadaculturadebelfordroxo/timeline>

“Quem comanda o agito é “uma mulher negra e linda”. É como Maria Isabel Vitorino, a Isabel de Oyá, fundadora do Afoxé Raízes Africanas, se define. Ela compõe, canta, desenha roupas e figurinos, faz programa de rádio e ainda arruma tempo para ser conselheira de cultura, principalmente se a causa é negra”. (MAPA DE CULTURA RJ, 2011/2013)²⁴

O Ponto de Cultura Casa da Memória da Rede Fitovida vincula-se a uma rede composta por diversos grupos do Estado do Rio que tem como objetivo compartilhar vivências, conhecimentos tradicionais e a valorização e preservação das plantas medicinais e elementos da natureza e as práticas populares da saúde. Nas palavras da Rede, “educar a nova geração sobre a cultura do uso tradicional das plantas, resgatando as memórias esquecidas no percurso dos anos. Preservando assim, a história dos povos, com depoimentos, rezas das benzedeiras, parteiras e rezadeiras.”²⁵

Como diz MC Slow da BF,²⁶ “Baixada terra de gente de bem, baixada, guerra aqui sempre tem”. As manifestações artísticas e culturais e ambientes de sociabilidade citados acima são apenas um recorte da produção da cidade de Belford Roxo. Esse ambiente complexo e diverso está mergulhado em memórias, afetos, tensões e projetos.

1.2 “Brixton, Bronx ou Baixada” - deslocamentos, territorialidades e identidades

*O que as paredes pichadas têm prá me dizer?
O que os muros sociais têm prá me contar?
Porque aprendemos tão cedo a rezar?
Porque tantas seitas têm, aqui seu lugar?
É só regar os lírios do gueto
Que o Beethoven negro vêm prá se mostrar
Mas o leite suado é tão ingrato
Que as gangues vão ganhando cada dia mais espaço
Tudo, tudo, tudo, tudo igual
Brixton ou Bronx ou Baixada*

²⁴ Mapa de Cultura do Estado do RJ. Acessado em 09 de novembro de 2015: <http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/ponto-de-cultura-beleza-negra>

²⁵ Acessado em 02 de outubro de 2015: <http://www.redefitovida.org.br/casadamemoria.html>

²⁶ Slow Da BF é membro da Universal Zulu Nation de Nova York, do Cineclube Matecomangu, Lub Child Hope, Cinema Para Todos e Enraizados. Foi fundador do grupo de rap Esquadrão Zona Norte que lançou o cd Epidemia (2000), participou do cd Marcelo D2 (2001), lançou o clipe da música Baixada com direção de Cacau Amaral (5 vezes favela).

*A poesia não se perde ela apenas se converte
pelas mãos do tambor
Que desabafam histórias ritmadas como único
Socorro promissor
Cada qual com seu James Brown
Salve o samba, hip-hop, reggae ou carnaval
Cada qual com seu Jorge Ben
Salve o jazz, baião e os toques da macumba também
Da macumba também
Brixton, Bronx ou Baixada (Marcelo Yuka e Nelson Meirelle/ O Rappa, 1994)*

Brixton, distrito ao sul de Londres, comunidade britânica afro-caribenha, a população é multiétnica, na maior parte formada por descendentes de africanos ou caribenhos. Bronx é um dos cinco distritos da cidade de Nova Iorque, possui um dos índices mais baixos dos indicadores sociais da cidade e conta com um índice populacional de aproximadamente 1.438.159 habitantes. Baixada, região do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Região que envolve diversos municípios do Rio de Janeiro, como mencionamos, o termo Baixada Fluminense pode representar múltiplas significações. Brixton, Bronx e Baixada são lugares complexos e que envolvem múltiplas representações, que vão além do recorte geográfico.

Conectando esses três lugares através da letra da música da banda brasileira O Rappa, conhecida por suas músicas com cunho político e sua relação com a Baixada²⁷, e sabendo das complexidades que envolvem cada um desses lugares, nos deparamos com as expressões “muros sociais”, “gangues”, “gueto”, “tudo igual”. Termos que aprofundaremos nessa etapa da dissertação para entendermos esses territórios polissêmicos e imaginários.

O que seriam os “muros sociais” ou mesmo “muros invisíveis” ou “fronteira de cristal”²⁸? Como são criados? Como essas fronteiras são estabelecidas? E com qual (quais) objetivo (s)? Como são ativados e reativados? De acordo com a tese de Ana Enne, essas fronteiras são ativadas nas relações diárias, como abordaremos adiante.

²⁷ Lauro Farias, baixista da Banda O Rappa, nasceu em Belford Roxo, no mesmo bairro do Centro Cultural Donana. No final dos anos 80 e início dos anos 90, Lauro foi integrante da banda KMD-5, junto com Dida Nascimento, Marrone Nascimento e Marcelo Yuka. A banda ensaiava no antigo estúdio que havia no Donana. Atualmente, a banda O Rappa apoia algumas atividades do Donana e financiou uma obra infraestrutural no Donana (2014-2015). Falaremos do envolvimento do Rappa com o Donana ao longo da dissertação.

²⁸ La frontera de cristal (1995), romance de Carlos Fuentes que problematiza as relações (repulsa, desejo...) entre estadunidenses e mexicanos.

E mais, como esses “muros invisíveis” fragmentam e reconfiguram os múltiplos territórios? Para Bourdieu, “a regio [grifos do autor] e as suas fronteiras (fines) não passam do vestígio apagado do acto de autoridade que consiste em circunscrever a região, o território (que também se diz fines), em impor definição (outro sentido de finis) legítima, conhecida e reconhecida, das fronteiras e dos territórios, em suma, o princípio de di-visão legítima do mundo social” (BOURDIEU, 1989:114)

“Não há espaço, em uma sociedade hierarquizada, que não seja hierarquizado e que não exprima as hierarquias e as distâncias sociais sob uma forma (mais ou menos) deformada e dissimulada pelo efeito de naturalização [grifos do autor] que a inscrição durável das realidades sociais do mundo acarreta: diferenças produzidas pela lógica histórica podem, assim, parecer surgidas da natureza das coisas”. (BOURDIEU, 2003:160).

Essas fronteiras vão além de apenas linhas nos mapas, são formas de demarcar territórios de soberania, poder e exclusão. Estamos lidando com fronteiras das quais se conflituam diferentes realidades e imaginários, uma linha tênue de atrações e exclusões, uma fronteira latente e carregada de tensões e vidas. Ao falarmos de fronteiras, nos questionamos como esses limites podem ser configurados nas relações cotidianas.

“Os atores sociais constroem o espaço que configura a Baixada [grifos da autora] de múltiplas formas, inclusive a partir de referências geográficas no sentido mais literal do termo. Mas as fronteiras e os limites da Baixada são operados a partir de práticas e interações cotidianas, sendo reconstruídos na experiência diária de seus moradores, em situações de contato com outros moradores ou com pessoas de fora e mesmo a partir do discurso oficial (especificamente das autoridades municipais e estaduais), da mídia e das manifestações culturais”. (ENNE, 2002:49).

Desde os meus dezesseis anos de idade frequento bairros da Zona Sul e Centro do Rio de Janeiro, no início era relação de trabalho e estudo, quando podia era uma relação de lazer (praia, exposições, festas na Lapa). Hoje em dia como moradora. Lembro que aos meus dezesseis e dezessete anos de idade, ao longo do meu primeiro estágio, como técnica em administração na Eletrobras, no bairro Flamengo, todas as vezes que mencionava morar em Belford Roxo, ouvia as pessoas perguntando “como eu conseguia ir trabalhar todos os dias?” “É muito perigoso, né?”, “que coragem de vir estudar ou trabalhar tão longe de casa”, “você nem parece que é da Baixada”, chegando ao nível de comentários como “até que tem mulher bonita em Belford Roxo”, acompanhado com um olhar de surpresa. Esses comentários se mantiveram até o final a minha graduação na UFRJ, parte no Fundão e na Praia Vermelha.

Quando pensamos nesses deslocamentos, físicos e imaginários, estamos falando em identidades e de múltiplas identidades que os sujeitos assumem, muitas vezes carregadas de contradições e tensões.

“O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente descoladas”. (HALL, 2006:13)

Percebemos a identidade como sendo relacional e situacional. Uma construção, um devir e um ato performativo, ligado a representações. Para Simmel, “o ser humano como um todo é, por assim dizer, um complexo ainda informe de conteúdos, formas e possibilidades” (SIMMEL, 2006:67). É constantemente estimulado nas mais diversas relações, conseqüentemente, é configurado para diferentes situações, é sempre “[...] uma elaboração construída ad hoc [grifos do autor]” (Idem, 68). Ou seja, é temporário para determinado fim.

“Nesse sentido, o homem é, como ser sociável, uma figura muito singular, que em nenhuma outra relação mostra-se tão perfeita. Por um lado ele se livra de todos os significados materiais da personalidade e entra na forma sociável apenas com as capacidades, os estímulos e interesses de sua humanidade pura. Por outro lado, essa figura depara com tudo o que é subjetivo e puramente individual na personalidade”. (SIMMEL, 2006:68)

“É o jogo do ‘faz de conta’, faz de conta que todos são iguais, e, ao mesmo tempo, faz de conta que um é especialmente honrado [grifos do autor]” (SIMMEL, 2006:71)”. Esse jogo de “faz de conta” não se trata de uma farsa, a não ser que seja manipulado objetivamente para parecer uma realidade. O poder de configurar mundos é tão grande quanto o de partilhar, podendo estabelecer uma coesão social, “um senso comum”.

As representações acabam formando um sistema de versões da realidade, e naturalizar esses sistemas impõe significados. O senso comum baseia-se em categorias aleatórias e difíceis de desconstruir.

É nesse jogo de “faz de conta” e nas interações com o outro que muitos moradores da Baixada acabam apagando o lugar onde moram para conquistar vagas de trabalho, muitas vezes dizendo que moram em outra cidade, como, por exemplo, alguns moradores de Belford Roxo acabam dizendo que moram em Nova Iguaçu. Nos questionamos, como esses territórios são construídos, desconstruídos e sobrepostos em diversas temporalidades? Pois a ausência está sendo representada. Como esta lacuna de ausência é preenchida?

Portanto, estamos buscando entender como se estabelecem lugares a partir do contato com o outro e como esses códigos são criados. “Que modelos imitam e que representam eles dentro ou fora do grupo?” (PARK, 1973:35) Estamos nos referindo a um entre-lugar que por função de proteção ou legitimação acaba sendo criado pelos sujeitos. Lugares que são narrados nas falas e nos deslocamentos.

Percebemos também que algumas pessoas que deixaram de morar na Baixada acabam muitas vezes sendo percebidas com um tom de superação por parte de alguns moradores da região. Há, portanto, uma flexibilização da ideia de estabelecido (ELIAS, 2000). Um constante processo de re-territorialização.

“A reterritorialização é o movimento ou ação de reconstrução de vínculos identitários e de enraizamento de grupos populacionais e atividades em territórios, em uma reorganização territorial influenciada pelo cruzamento com novas lógicas sociais. Pode ocorrer no mesmo lugar ou em outros lugares, ou simultaneamente em vários lugares pela influência das tecnologias da informação e comunicação e o enfraquecimento relativo dos Estados-nações”. (FUINI, 2014:233)

Voltando ao relato, o que sair da Baixada e ir morar em outra região pode modificar nos jogos de interações, tanto no momento da volta ao local de origem quanto nas práticas cotidianas? Nobert Elias e John L. Scotson, em *Os Estabelecidos e os Outsiders*, descrevem a formação das relações de vizinhança na criação de Winston Parva, na Inglaterra, no qual são evidentes os conflitos e intrigas entre os sujeitos já residentes no lugar e os recém-chegados. Eles – os já estabelecidos - “[...] desenvolveram como arma uma “ideologia”, um sistema de atitudes e crenças que enfatizava e justificava sua própria superioridade, e que rotulava as pessoas do loteamento como sendo de categoria inferior. Construída em torno de alguns temas estereotipados [...]” (ELIAS; SCOTSON, 2000:65). E ainda, é necessário criar mecanismos que não possibilitem que esses sujeitos ameacem seus status (ELIAS; SCOTSON, 2000). Portanto, se trata de um jogo de aceitações limitadas, nos quais esses limites são estabelecidos de forma que não coloquem em cheque a “real” identidade dos sujeitos. Existem, portanto, negociações, concessões, trocas e conflitos. Para Gilberto Velho, há um reconhecimento da diferença nos jogos de negociação.

“A própria ideia de negociação implica o reconhecimento da diferença como elemento constitutivo da sociedade. Como sabemos, não só o conflito, mas a troca, a aliança e a interação em geral, constituem a própria vida social através da experiência, da produção e do reconhecimento explícito ou implícito de interesses e valores diferentes. O fenômeno da negociação da realidade, que nem sempre se dá como processo consciente, viabiliza-se através da linguagem no seu sentido mais amplo, solidária, produzida e produtora da rede de significados, de que fala Geertz. Em outras palavras a cultura, nos termos de Schutz, enquanto comunicação, não exclui as diferenças mas, pelo contrário, vive delas”. (VELHO, 1994, p. 21-22)

Como mencionamos, o fato do transporte público ter um horário limitado aumentaria esses sistemas de controle. A dificuldade na mobilidade urbana acaba limitando a região dentro dela mesma, demarcando e fortalecendo ainda mais as fronteiras. Para Monteiro, o isolamento e ocupação da Baixada são convenientes para os agentes estatais:

“Aliás, a ocupação popular da Baixada Fluminense assemelhou-se, se olharmos para as ações dos agentes estatais, bastante a um processo de exclusão dos migrantes recém-vindos tanto de várias áreas agrícolas do Brasil como das favelas cariocas. (...) encontram soluções capazes de tornar possível a sobrevivência nesse local geograficamente tão próximo do centro da capital fluminense, porém extensamente habitado por entes propositadamente mantidos à distância das preocupações estatais até ao ponto de se transformarem em invisíveis”. (MONTEIRO, 2007, p.30)

Percebemos que a região Baixada Fluminense é um termo em disputa e que muitos municípios que geograficamente pertenciam à região se dizem não pertencer mais, inclusive bairros da cidade do Rio de Janeiro. Pertencer ou não à Baixada é situacional. São limites dados no tempo e no espaço. Dando continuidade à questão, outro autor que discutirá sobre os possíveis isolamentos da Baixada, bem como a violência na região, é José Cláudio Souza Alves. O autor analisa como a junção dos poderes político e capital com os meios de comunicação podem influenciar na construção identitária da região.

“A junção da região-dormitório à região-extermínio, da área de loteamentos à área de “desova” inscreve-se numa estratégia de dominação específica. Os detentores do capital e do poder político somados aos controladores dos meios de comunicação e das agências do Estado, sobretudo aquelas responsáveis pelo exercício da segurança/violência legal, propiciam uma tamanha degeneração do tecido social que os referenciais normativos e disciplinadores das panópticas metrópoles modernas são implodidos diante da visão de uma região autofágica, que se alimenta de milhares de pessoas sistematicamente abatidas e da inversão ou perda de qualquer referencial de segurança pública.

As respostas destes trabalhadores são diversas e ambíguas. Vão desde o silêncio do medo à insânia do linchamento, do apelo à lei e à justiça ao apoio aos grupos de extermínio. Algo que a princípio corresponderia ao confuso estado de ausência de ordem, mas que na verdade indica uma ordem extremamente eficaz na subjugação dos setores empobrecidos”. (ALVES, 2000:4-5)

O autor se refere a uma região que não “precisa” de muros físicos, pois já foi implantado um imaginário acerca da violência. Um sistema mais eficaz do que muros de contenções.

“Ao invés do muro, dos condomínios fechados, das grades ou das empresas privadas de segurança implantou-se uma violência difusa com as barreiras invisíveis embora incomparavelmente mais poderosas do que o medo vivido por uma população desarmada de trabalhadores que fornecem tanto os jovens arregimentados pelo crime organizado como as vítimas dos grupos de extermínio”. (ALVES,2000:11)

Diante deste contexto, diversos coletivos, casas de cultura, cineclubes, músicos e artistas foram surgindo nesta região numa possível busca por alternativas que quebrassem de alguma forma esses limites que foram impostos. Na criação de mecanismos para a garantia por representações de suas vozes, buscaram, através da cultura, a afirmação de suas identidades, na contramão da imagem estigmatizadora gerada pela mídia, poder público e por tantos outros sistemas de controle e poder (FACINA, 2013).

“Compreender (ou tentar compreender) os limites da liberdade e da justiça social efetivas, enfim, do desenvolvimento social e espacial efetivo em uma sociedade heterônoma, e procurar delinear uma alternativa essencial a essa sociedade, são tarefas necessárias, esboçam um projeto [grifos do autor], um horizonte de pensamento/ação” (SOUZA, 2000:108-109)

Buscamos, portanto, compreender quais foram os limites impostos e quais foram as alternativas inventadas ou reinventadas para “reverter” tais limitações.

1.3 “Mais um caso da polícia, mais um caso pros jornais”²⁹ - “enterrando o estigma e transformando o karma em cultura”³⁰ - representações e estigmas

“Ora, o que é recordar? É ter uma imagem do passado. Como é possível? Por que essa imagem é uma impressão deixada pelos acontecimentos e que permanece fixada no espírito” (RICOEUR, 1994:27).

Numa pesquisa realizada no início de 2015 pelo site buscador Google, utilizando a seguinte frase: “Belford-Roxo a cidade mais violenta do mundo”, para escrever o artigo “O papel da violência como protagonista na construção de representações e memórias da cidade de Belford Roxo”, para a disciplina Espaço, Memória e Identidade, do PPCULT, foram encontrados diversos sites que citavam a cidade de Belford-Roxo como sendo a mais violenta do mundo.

²⁹Trecho da música BF da banda KMD-5 composta pelos músicos Dida Nascimento e Marcelo Yuka em 1997.

³⁰Trecho da poesia Feliz Aniversário Minha Baixada de Sylvio Neto, poeta da Baixada, sylvio neto. Acessado em 30 de abril de 2015: <http://bloggdosylvioneto.blogspot.com.br/2008/04/feliz-aniversario-minha-baixada.html>

E a maior parte das matérias dos sites que utilizavam desse argumento se embasavam numa possível pesquisa realizada pela UNESCO / ONU³¹ que apontaria a cidade de Belford-Roxo como a mais violenta do mundo.

Nos sites e artigos encontrados não foi possível obter uma precisão na data desta pesquisa da UNESCO, em alguns casos ora a pesquisa fora realizada nos anos 70 ora nos anos 80 ou 90. É importante levarmos em consideração que não estamos em busca de verdades e sim de entender as representações ancoradas nesta pesquisa e que são narradas nas falas e nas práticas sociais, e o que isso pode influenciar no imaginário da cidade de Belford Roxo.

“A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento e articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória”.
(NORA, 1993: 7)

Entendendo que a cidade de Belford Roxo é um lugar de memória, poderemos refletir como tais memórias são inventadas e presentificadas nas narrativas, levando em consideração o seguinte questionamento: que “violência” é essa que vêm sendo resgatada nas falas dos moradores e nas matérias encontradas, que utilizam desse discurso tanto para estigmatizar a região quanto para revelar uma superação encontrada através do reggae ou das ações culturais locais? Estamos tratando de múltiplas representações e que estão em disputas, tanto pela grande mídia (como a Globo, por exemplo), com seu caráter em se criar um senso comum, quanto pelo projeto político criado pelo prefeito Joca, que objetificava num “extermínio” do que julgava não ser bem vindo em sua campanha, “uma cidade do amor”, quanto dos artistas, numa busca de reverter a imagem “negativa” da região através de suas práticas.

³¹ A UNESCO, como consta em seu site, tem como missão contribuir para a construção de uma cultura da paz, para a erradicação da pobreza, para o desenvolvimento sustentável e para o diálogo intercultural, por meio da educação, das ciências, da cultura e da comunicação e informação. Conteúdo acessado no site da UNESCO em 10/02/2015: <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001887/188700por.pdf>

“A mídia impressa do Rio de Janeiro durante muito tempo reforçou e mesmo ensejou um senso comum [grifo da autora] sobre a “Baixada Fluminense”, onde ela aparece relacionada com abandono por parte do poder público, violência urbana e péssimas condições de vida (falta de saneamento básico, baixa escolaridade, transportes deficitários, ausência de opções de lazer, ineficiência no campo da saúde etc.). Este enfoque dado pela grande imprensa acabou se refletindo na formação de uma opinião generalizada sobre a região, onde esta aparece associada a estigmas que marcam de maneira decisiva a vida de seus moradores, especialmente aqueles que trabalham ou mantêm contatos regulares com a cidade do Rio de Janeiro. De alguns anos³² para cá, algumas reportagens buscam quebrar este senso comum, “revelando” pontos positivos sobre a Baixada. No entanto, mesmo quando procuram indicar tais aspectos positivos na vida da Baixada, os grandes jornais muitas vezes acabam por reforçar os preconceitos rotineiros, pois a qualidade apontada é tratada como “novidade” ou “exceção”. (ENNE, 2002:31)

Destaco a seguir alguns dos resultados encontrados nesta pesquisa realizada no Google³³, dentre eles blogs, artigos, entrevistas, como: Wikipedia, Revista Âmbito Jurídico, blog Sobre Música e outros.

Começaremos pelo site Wikipedia, um site colaborativo no qual qualquer pessoa pode escrever sobre determinado assunto, ficando, portanto, difícil descobrir o autor do conteúdo. Sobre a cidade de Belford-Roxo, só temos a informação de que foi modificado pela última vez às 14h41min de 23 de janeiro de 2015 e que este conteúdo faz parte do Projeto Subdivisões do Brasil, uma tentativa do Wikipedia em construir artigos detalhados sobre o Brasil e todas as suas subdivisões. Este artigo no Wikipedia está dividido em tópicos como saúde, turismo e outros, dentre eles segurança e infraestrutura da cidade, no qual é citada a pesquisa da ONU. E sendo o Wikipedia uma das maiores enciclopédias virtuais, contendo mais de 500 mil artigos em português, e um dos mais acessados no país, é possível pensarmos em como o conteúdo contido neste site pode se tornar referência em discursos e projetos.

“Belford Roxo já foi o município mais violento do mundo, em dados publicados pela ONU³⁴, porém com políticas públicas: Criação de escolas, Iluminação de vias públicas e Urbanização do município, a criminalidade caiu em toda parte do município.³⁵

Já em maio de 2003, Leonardo Rabelo de Matos Silva, advogado, na época mestrando em Direito pela UNIG, publicou a matéria Belford Roxo: razões para a queda da criminalidade na revista eletrônica Âmbito Jurídico. Como consta no site, a revista se diz ser: “um dos mais

³² Lembrando que esta tese foi feita em 2002.

³³ Sabemos que o Google processa e registra informações que já foram acessadas pelo usuário, por isso não nos prenderemos apenas nos resultados encontrados no site de pesquisa Google.

³⁴ Para facilitar a leitura destaquei em negrito a utilização da pesquisa da UNESCO e menções à violência na cidade que foram encontradas nestes sites. Todos esses sites foram acessados em 27/01/2015.

³⁵ Wikipedia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Belford_Roxo

tradicionais portais da Internet brasileira (...) em pouco mais de um ano, se tornou um dos mais visitados portais jurídicos do país.”. A matéria discorre sobre uma possível diminuição nos índices de violência ocorridos na cidade na década de 80 a partir das ações realizadas durante o governo de Joca.

“Belford Roxo, município emancipado de Nova Iguaçu em 1993, teve a ingrata pecha de nascer sobre o manto imputado de **localidade mais violenta do mundo, segundo os dados amplamente divulgados pela ONU, nos anos 80**. Como todos os municípios da Baixada Fluminense, tinha então índices sócio-econômicos e índices de criminalidade em níveis alarmantes.

Com uma população estimada em 433.120 habitantes no ano 2000, localizado a 27Km da capital do Estado, Belford Roxo iniciou sua história como município com uma estratégia de marketing, no mínimo interessante: Visando desassociar-se da imagem violenta, passou a adotar o slogan de “Cidade do Amor”. Aparentemente pode parecer uma iniciativa inócua, e não se pode precisar se este fato influenciou subliminarmente nas pessoas, mas o fato é que a adoção do apelido e do coração como símbolo, coincidiu com a desassociação da cidade com a imagem violenta”.³⁶

Como consta na descrição da revista, o site recebe uma grande visualização de usuários que pesquisam ou trabalham na área jurídicas, pesando nisto, como a menção da pesquisa da ONU passa a ser multiplicada e ressignificada nos mais diversos contextos. Já na página Ui, sou de Belford Roxo, na rede social Facebook (a página tem mais de 26 mil curtidas e compartilha conteúdos diversos, desde “piadas” sobre o calor da cidade, divulgação de eventos e shows e pessoas desaparecidas), pode-se observar a seguinte publicação feita em 06 de fevereiro de 2014.

“Bom galera, muita gente tá perguntando para nós o porquê que a cidade é conhecida “Cidade do Amor” se a violência sempre foi absurda. A resposta é a seguinte, **nos anos 90 a cidade de Belford Roxo foi considerada a cidade mais violenta do MUNDO**, então o prefeito da época que era o competentíssimo JOCA resolveu criar algo que as pessoas possam ver com bons olhos a nossa cidade, então foi criada e divulgada a “Cidade do Amor”. Tal atitude que resultou os corações espalhados pela cidade, muitos deles em ponto de ônibus”.³⁷

Já o site Vermelho, mantido pela Associação Vermelho, entidade sem fins lucrativos, em convênio com o Partido Comunista do Brasil, PCdoB, publicou em 18 de fevereiro de 2014, a matéria “Articulação regional é a saída para o desenvolvimento da Baixada” escrito por Carla Santos. Na matéria é possível observar uma busca em se criar uma identidade para a

³⁶ O Conteúdo desta matéria encontra-se disponível em:

http://www.ambitojuridico.com.br/site/n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=3642

³⁷ Página Ui, sou de Belford-Roxo, post “Um Pouquinho da História de Belford Roxo”, publicado em 6 de fevereiro de 2014 e acessado em 27 de janeiro de 2015:

<https://www.facebook.com/uisoudebelfordroxo/posts/477137742391915>

Baixada, como aponta no início da matéria uma menção a fala de Jandira Feghali, até então pré-candidata do PCdoB ao governo do RJ, durante o seminário Rio de Ideias realizado na Câmara de Vereadores de Belford Roxo: “A Baixada tem que ter a sua identidade própria, são quase 4 milhões de brasileiros que moram nessa região”.

“Em busca desta identidade, muitas das lideranças disseram: “a Baixada é uma cidade”, em pleno Rio de Ideias na Cidade do Amor. O epíteto é bonito, mas tem uma história trágica. **Na década de 80, a ONU constatou que Belford Roxo era a cidade mais violenta do mundo.** Daí o epíteto, em 1993, de Cidade do Amor, uma tentativa de resignificar o lugar a partir de um conjunto de políticas públicas que está dando certo, mas ainda é pouco”.³⁸

Mais uma referência, dessa vez não da pesquisa da ONU em si, e sim da violência não só da cidade de Belford Roxo, mas da Baixada como um todo, está no artigo: “Assassinos no poder - Ação de grupos de extermínio dá lucro à contravenção e favorece a ascensão de políticos ligados ao crime na Baixada Fluminense”, escrito por José Cláudio Souza Alves³⁹ em 31/10/2007 para a Revista de História da Biblioteca Nacional, que tem um alcance em sua página no Facebook de 459.612 curtidas. O artigo é iniciado com a seguinte frase: “A Baixada Fluminense é um imenso campo de concentração sem arame farpado.” E continua, afirmando:

“Ali, 2.500 pessoas são assassinadas por ano, à razão de cinco a seis por dia. A média – 76 assassinatos por 100 mil habitantes – é bem superior ao número de homicídios (50 por 100 mil habitantes) que caracteriza, conforme os padrões da ONU, regiões conflagradas pela guerra. A Baixada se situa a oeste da cidade do Rio de Janeiro e é formada por oito municípios: Duque de Caxias, Belford Roxo, Mesquita, São João de Meriti, Nilópolis, Nova Iguaçu, Queimados e Japeri. Sua população tem sofrido, de forma crônica, com **a violência desmedida, sem esperança de que a matança chegue um dia ao fim**”. (ALVES, 2007)

Abaixo temos uma matéria do Jornal do Brasil⁴⁰ analisada por Linderval Monteiro em seu artigo Para além do “voto de sangue”: escolhas populares e liderança política carismática na Baixada Fluminense. O caso Joca, no qual aponta a pesquisa da UNESCO, e ainda compara com a cidade de Nova Iguaçu, vizinha a Belford Roxo, como um local distante desta realidade vivenciada por Belford-Roxo.

³⁸ Acessado em 27 de janeiro de 2015: <http://www.vermelho.org.br/sc/noticia/236102-101>

³⁹ José Cláudio Souza Alves é doutor em sociologia pela USP, professor da UFRRJ e autor do livro *Dos Barões ao Extermínio: Uma História da Violência na Baixada Fluminense* (APPH-Clio, 2003). Conteúdo acessado em 27 de janeiro de 2015: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/assassinos-no-poder>

⁴⁰ Jornal do Brasil, 23 mar. 1978, p. 7.

“[...] que, mesmo após o distrito de Belford Roxo ser apontado em um estudo da UNESCO como o lugar mais violento do mundo em 1976, observava, contra todos os fatos, que “Nova Iguaçu é uma cidade muito tranquila. [...] os crimes que acontecem por lá são brigas entre quadrilhas, o que não chega a preocupar a vida da cidade [...]”. (MONTEIRO, 2013:149)

Como poderemos observar a seguir, foram encontradas também algumas matérias e entrevistas sobre ações culturais locais que utilizam a pesquisa da ONU como referência a um passado violento a que a cidade resistiu. Os conteúdos analisados foram encontrados nos seguintes sites: Site Baixada, Sobre Música, Rádio Cidade.

Em 22 de maio de 2014, o site da rádio Cidade fez uma matéria sobre o retorno da banda KMD5 aos palcos, abrindo o show da banda O Rappa na Fundação Progresso na Lapa, Rio de Janeiro. A banda KMD5 surgiu no final da década de 80 e ensaiava no estúdio do Centro Cultural Donana, sendo formada pelos integrantes da família que mantinha o Donana: Dida Nascimento e Marrone, além do Lauro Farias, atualmente baixista do Rappa e Marcelo Yuka, ex-baterista da banda O Rappa.

“A banda surgiu em Belford Roxo onde a realidade era algo completamente diferente das demais cidades do Estado do Rio de Janeiro. O baixista Lauro Farias explicou que o local era de bastante movimento cultural, sendo o precursor do reggae por aqui. O músico explicou que **Belford Roxo era vista lá fora como a cidade mais violenta do Rio** e, por isso, em suas fotos, eles mostravam sua realidade nas entrevistas para jornais, como no meio do lixo, por exemplo. Mas foi o KMD5 quem mudou essa visão do mundo sobre o município. Segundo os músicos, o local passou a receber visões positivas e passou a ser conhecida como “A Cidade do Amor”, porque a imprensa internacional passou a focar na história do KMD5 e seus projetos sociais, inclusive nas escolas, onde faziam palestras e tocavam para crianças e adolescentes. Além de observarem que o local não era tão perigoso como a imprensa do Brasil transmitia”.⁴¹

Como mencionamos anteriormente, observamos que existe uma disputa por representações identitárias da cidade. E essa disputa parte de vários lados, porém com objetivos muitas vezes divergentes, como do poder público, numa estratégia política, e dos artistas da região, que ansiavam que a cidade fosse vista de uma “outra” forma.

Outra matéria acessada é a entrevista com Nelson Meirelles, realizada, nos dias 16 e 27 de outubro de 2006, pelo blog Sobre Música. O blog costumava realizar entrevistas com pessoas que influenciaram de alguma maneira a música brasileira, e Nelson Meirelles foi o principal agente do movimento reggae no Rio de Janeiro. Como consta nesta entrevista realizada pelo SM, Nelson Meirelles, foi “precursor na tarefa de transformar esse som de gueto em algo

⁴¹ Acessado em 27 de janeiro de 2015: <http://www.radiocidade.fm/Notas/Listar/17568/22-05-2014/show-da-volta-kmd5-fala-sobre-historia-da-banda-e-expectativa-para-show-na-fundicao-progresso>

acessível a qualquer um, ele visitou Brixton e Trenchtown entre 1983 e 1985, (...) foi o produtor responsável por estourar pela primeira vez uma banda de reggae nas rádios do país”, no caso a banda de reggae Cidade Negra.

sm: Eu tenho em arquivo a primeira matéria do Cidade Negra que saiu por ocasião do lançamento do disco no O Globo, em que se falava que eles iam sair e fazer os primeiros shows maiores, e tal, e o Da Gama dizia “A gente precisa sair dessa miséria”. Acho que era meio isso que você tá falando...

NM: Totalmente. Foi nessa época que eu fui pela primeira vez à Baixada, peguei um ônibus da Central até Belford Roxo. Uma viagem como se eu tivesse indo pra Jamaica de novo e isso me bateu muito forte. Foi importante pra caralho!

sm: A BBC esteve aqui gravando um “Rough Guide” na Baixada e que foi onde começou um burburinho em torno do Cidade Negra, não foi? Quando foi isso e como?

NM: Início de 89. Eles chegaram para falar com o Legião e com os Paralamas, mas também queriam ver algo diferente. Acho que talvez o próprio Hermano tenha dado o toque, ou o pessoal dos Paralamas... **Naquela época, saiu um lance da ONU ranqueando Belford Roxo como o lugar mais violento do mundo pela alta taxa de criminalidade que tinha. Na verdade não era lá. O pessoal é que matava e levava pra desovar. Lá também se matava muito, mas não era assim. Ainda hoje é meio roça.** De noite lá é grilinho cantando e o coro comendo! Nessa, os caras vieram. O pessoal já sabia da gente, porque eu fiz um release, banqueei a gravação, uma sessão de fotos... Talvez o próprio Hermano tenha falado”.⁴²

Outra matéria que referencia a pesquisa da ONU para falar surgimento do Centro Cultural Donana e a sua relevância histórica na região foi encontrada no Site Baixada:

“O Centro Cultural Donana surgiu em meados da década de 80, como um espaço voltado para as artes e alfabetização de crianças, jovens e adultos, além de diferentes atividades como exposições e festas com os músicos da Baixada Fluminense. Este cenário – uma casa sem muros e repleto de manifestações culturais e artísticas, localizado no bairro Piam – proporcionou o fomento a uma geração musical que deu origem a bandas como KMD5, Negril e Cidade Negra. A partir disto, Belford Roxo ganhou visibilidade, deixando para trás o título de **“cidade mais violenta do mundo”, segundo dados da época, fornecidos pela ONU.**”⁴³

Bom, precisamos levar em consideração que toda memória é uma construção entre passado e presente, sendo seletiva, situacional e marcada por imprecisões e divergências. Para Bosi, “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”. (BOSI, 1997, p. 39). Como em algumas falas narradas no filme Donana⁴⁴, produzido pelo Cineclubete Mate

⁴² http://smusica.blogspot.com.br/2006_10_01_archive.html Sobre música funcionou no blogspot até 2008, quando migrou para o site <http://www.sobremusica.com.br/> com domínio próprio, porém funcionando apenas até 2010. Conteúdo acessado em 27 de janeiro de 2015.

⁴³ O Site da Baixada coloca em pauta os assuntos poucos abordados por veículos de grande massa, e entrega informações para a sociedade sobre tudo que acontece na Baixada Fluminense. Este é o objetivo do Site da Baixada: transformar a Baixada Fluminense em notícia. O site é organizado por jovens moradores da região da Baixada Fluminense e costuma publicar conteúdos que, geralmente, não são notícias nos jornais e sites de grandes circulação. <http://guia.sitedabaixada.com.br/local/centro-cultural-donana-2/>

⁴⁴ Nos referimos ao curta-metragem realizado por Cacau Amaral logo na introdução.

com Angu, das quais podemos extrair a própria ideia de representação, uma vez que os sujeitos entrevistados no filme buscavam, através de suas músicas, quebrar as barreiras territoriais de uma região constantemente massacrada pela grande mídia como uma área marginalizada e estigmatizada. Como é o caso da música BF, composta pelos músicos Dida Nascimento e Marcelo Yuka, com a qual iniciei a primeira parte deste capítulo.

“Esse amadurecimento fez com que muitos de nossa área, de nossa comunidade, fossem vistos de uma certa forma de uma forma diferente, representação, começou a ter respeito, sabe? porque até então era focado como uma área marginalizada, de marginalização. E com a cultura e com a nossa musicalidade, ...como o nosso talento que Deus nos deu.”⁴⁵ (Lauro Farias)

Como exposto acima, existe uma imprecisão do ano da pesquisa da ONU, é possível até mesmo pensarmos se esta pesquisa de fato existiu. Por mais que a pesquisa pareça fazer parte de um passado, se trata de uma construção feita no presente, resgatando certos elementos de memória e apontando para um futuro, configurando, neste sentido, um projeto (VELHO, 1994).

E quanto mais profunda é a camada do passado ou de suas fontes mais é possível preenchê-la no presente. Principalmente quando não há indícios de testemunhas ou vestígios. O mais importante aqui é pensar como esta pesquisa foi utilizada e vem sendo referenciada e como esta lacuna foi sendo preenchida, até o ponto de se tornar algo natural, sem precisar ser questionado. E ainda, como esta pesquisa é capaz de influenciar e moldar a identidade de um povo.

“Como e quando foram se construindo essas representações, que, ao se colocarem com mais peso do que os dados apresentados, acabam gerando uma cristalização de estigmas que marcam a região de forma tal, que mesmo quando as abordagens jornalísticas lhe sejam positivas, deverão ser acompanhadas por expressões como ‘surpresa’, ‘superação’, ‘quer mostrar seu outro lado’, ‘também tem cultura’, entre outras, que acabam por reiterar o estigma em vez de desmontá-lo?” (ENNE, 2002:73)

Finalizando este capítulo, podemos perceber com clareza que o nosso campo de pesquisa está atrelado em territórios complexos e em disputas. Citando Gilberto Velho, percebemos que [...] “essa multiplicidade de experiências e papéis sublinha a precariedade de qualquer tentativa excessivamente fixista na construção dos mapas socioculturais.” (VELHO, 1994, p. 25). Dessa forma, seguiremos o próximo capítulo aprofundando as tessituras e mediações das práticas e experiências compartilhadas que envolvem o Centro Cultural Donana.

⁴⁵ Esta fala pode ser encontrada no 14min12seg do filme Donana .

Capítulo 2 – Centro Cultural Donana: um lugar de trajetórias compartilhadas

O meu campo é o lugar onde nasci e vivi. É o lugar que criei laços identitários e afetivos. É a minha família Donana, é a Baixada Fluminense. Sou eu e o outro. E os diversos caminhos que percorro.

Estamos lidando com vidas, memórias e esquecimentos. Uma “colcha de retalhos”: tecida a partir de diversos fragmentos de tempos e escolhas. Às vezes é como estar numa estrada com vários caminhos e paradas [escolhas e possibilidades], às vezes guiada por um “mapa” [referências e depoimentos], mas na maior parte do tempo por caminhos aleatórios. Estes caminhos são feitos de lembranças, erranças, memórias coletivas e individuais, silenciamentos, imaginários, projeções e expectativas. São caminhos flutuantes que permeiam aceitações, concessões e negações. Caminhos trilhados e imaginados.

No primeiro capítulo abordamos algumas questões que envolvem o território e territorialidades de uma determinada região [Belford Roxo e Baixada]. Buscaremos neste capítulo entender as trajetórias dos sujeitos que estão envolvidos nas práticas do Centro Cultural Donana. Incluindo as construções da memória [individuais e coletivas] de alguns membros da família Nascimento e suas possíveis influências nas práticas e identidades de um determinado grupo.

Na primeira parte deste capítulo, deixaremos claras as metodologias utilizadas, complexificando as diversas falas: “inclusive a minha”. Na segunda, analisaremos as trajetórias individuais e coletivas dos sujeitos. Na terceira parte deste capítulo buscaremos entender essas trajetórias compartilhadas, bem como, as escolhas, projetos, identidades e memórias. Por mais que todas as partes do capítulo, assim como os demais capítulos da dissertação, dialoguem, resolvemos fazer essas divisões a fim de nortear o leitor para os diferentes tipos de abordagens que estamos trabalhando.

Esse capítulo busca também refletir sobre os conceitos de projeto, concessões, execuções e negociações, e quais foram as possíveis alterações nas práticas do Donana e como essas transformações vão sendo absorvidas, negadas ou negociadas neste grupo.

Diferentemente das autobiografias e biografias, partiremos pelo caminho da memória e projeto. Uma memória “múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada” (NORA, 1993:9), assim como a vida. Para Pierre Nora:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; (...) é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. (NORA, 1993:9)

Sendo assim, buscaremos costurar as múltiplas vozes que estão no jogo representacional com as práticas e ações de diversos sujeitos que têm em comum uma proximidade com o Donana, ora profunda, que envolve o laço familiar, ora transitória, envolvendo ações pontuais ou ações já realizadas durante um determinado período. Para isso, utilizando uma citação de Deleuze:

Será preciso buscar em outro lugar a razão que os entrecruza e os tece um no outro. É como se o arquivo fosse atravessado por uma grande falha, que põe, de um lado, a forma do visível, de outra, a forma do enunciável, ambas irredutíveis. E é fora das formas, numa outra dimensão, que passa o fio que as costura numa à outra e ocupa o entre-dois.. (DELEUZE, 1992:121)

Investigaremos essa linha enigmática que costura os tempos, as histórias de vidas e constrói lugares de memórias entraremos em outros tempos, outros mundos, no “entre-dois”.

2.1 Multivocalidades: “observando o familiar”

*“Atento ao que sou e vejo,
Torno-me eles e não eu.
Cada meu sonho ou desejo
É do que nasce e não meu.
Sou minha própria paisagem;
Assisto à minha passagem,
Diverso, móbil e só,
Não sei sentir-me onde estou.
Por isso, alheio, vou lendo
Como páginas, meu ser.
O que segue não prevendo,
O que passou a esquecer.
Noto à margem do que li
O que julguei que senti.
Releio e digo: ‘Fui eu?’
Deus sabe, porque o escreveu.”*

(Fernando Pessoa, “Não sei quantas almas tenho”)

Nasci na Baixada Fluminense, na cidade de Nova Iguaçu, na época Belford Roxo e Nova Iguaçu faziam parte da mesma cidade: Nova Iguaçu. Na minha infância fui alfabetizada na Escola Donana. Na minha adolescência o Donana já não existia e na época eu não sabia o motivo. Já na entrada da minha fase adulta me perguntava o que havia existido ali, por que o Donana havia fechado e se seria possível a sua reabertura. Aos 21 anos, em 2009, fui uma das responsáveis pelo processo de “reabertura”⁴⁶ do Donana.

Aqui dialogaremos com pessoas. Pessoas muito próximas da minha vida, tão próximas que mesclam com quem vos escreve: uma linha tênue entre os múltiplos eus que venho a “ser”. Como diz a poesia acima: “torno-me eles”. Ou não seria melhor dizer que já sou parte deles?

O leitor pode estar se questionando da escolha de alguns métodos utilizados nesta dissertação, principalmente neste capítulo: como o tal do distanciamento do objeto de estudo, onde estaria a “imparcialidade acadêmica”? Bom, como era de se esperar, estamos quebrando algumas regras que ainda são impostas, como disse William Foote Whyte: “parecia que o mundo acadêmico impusera uma conspiração do silêncio às experiências pessoais dos pesquisadores de campo” (WHYTE, 2005: 350) Não por acharmos que a partir de agora é assim que deva ser feito e sim por buscarmos novas formas de entender o objeto investigado, o outro e a si mesmo.

Vamos pensar dessa forma: no qual o “exótico” é o “familiar”, porém mesmo se tratando de “familiar” não se trata de algo verdadeiramente conhecido. Como disse Gilberto Velho: “isto, no entanto, não significa que conhecemos o ponto de vista e a visão de mundo dos diferentes atores em uma situação social nem as regras que estão por detrás dessas interações, dando continuidade ao sistema” (VELHO, 1978: 6). Portanto, buscamos reconhecer quais são essas regras de interações que estiveram silenciadas, esquecidas ou apagadas e o que está em jogo no campo representacional e nas práticas.

Este campo etnográfico pertence ao campo de afetos. Certos exemplos já vividos podem nos ajudar a entender determinadas escolhas metodológicas, como a tese de doutoramento de Maurício Fiore, que investigou o uso de certas drogas em determinados eventos a partir de um “conjunto de trajetórias compartilhadas” entre dois grupos usuários de drogas, os da “faculdade” e da “rua”, na qual o pesquisador está completamente inserido no objeto de estudo: “essas

⁴⁶ Deixo entre aspas pois no decorrer dessa pesquisa perceberemos quanto a palavra reabertura é cambiante, situacional e questionável.

descrições são resultado de uma fusão bastante peculiar entre memória, investigação e ficção. São experiências que, embora escritas por mim, foram vividas por todos nós”. (FIORE, 2013, p. 25). O autor descreve que sua investigação aproxima-se de uma autoetnografia, embora não tenha sido exclusivamente essa proposta, está mais relacionada com “um conjunto de trajetórias compartilhadas” (FIORE, 2013: 23).

Investigar trajetórias que foram compartilhadas pelo próprio antropólogo é uma metodologia controversa. Ela se aproxima do que se convencionou chamar de autoetnografia, uma metodologia na qual a própria experiência e/ou a trajetória do pesquisador é a fonte principal dos dados. Há diversas formas de se conduzir uma pesquisa autoetnográfica e elas não são muito diferentes da etnografia tradicional: organização de registros pessoais, memórias e entrevistas (Chang, 2007: 208). A diferença é que são aplicadas a partir do referencial do próprio observador. A autoetnografia não se confunde com a autobiografia, ainda que essa seja uma de suas ferramentas metodológicas (Reda, 2007). Ainda que aparente, a proposta dessa tese não é exatamente a de uma autoetnografia, na medida em que o que será interpretado é um conjunto de trajetórias compartilhadas e não exclusivamente a minha própria trajetória. (FIORE, 2013: 23)

Pensando nessa relação de trajetórias compartilhadas, buscamos observar o lugar e o grupo social onde compartilhei e compartilho experiências a partir de uma nova lente: nos permitindo perceber, questionar e desconstruir as práticas e julgamentos que foram naturalizadas por mim. (BENEDICT, 2006) “Os aspectos individuais são expostos a luz das experiências compartilhadas nas trajetórias [...]” (FIORE, 2013: 26).

O Donana, mesmo se eu negasse⁴⁷, já faz parte da minha vida desde que eu nasci: sou neta de Dona Ana e fui alfabetizada pelas minhas tias no quintal da casa dos meus avós, na Escola Donana. Resolvi seguir o campo da cultura e das artes como carreira acadêmica e profissional. O Donana, ao menos desde 2009, tem estado atrelado a algumas decisões e escolhas, como, por exemplo, ser tema de estudo de uma dissertação de mestrado. Sim, poderia ter optado por outros caminhos, como fizeram alguns membros da família. Esta não era uma “obrigação” minha, mas resolvi me aproximar cada vez mais.

Em 1992, fui alfabetizada na Escola Donana. A memória dessa época do Donana é uma mistura do que me foi dito, do que imagino e do que de fato aconteceu. Aquilo que é e aquilo é imaginado. Tenho como suporte alguns registros fotográficos da época e relatos de familiares e pessoas que fizeram parte dessa fase do Donana, que corroboram para a formação deste imaginário.

⁴⁷ Aprofundaremos as imbricações entre negação e concessão ainda neste capítulo.



Imagem 2: Uniformizada para Escola Donana - Acervo: Centro Cultural Donana

Quando falamos de memória, estamos falando de “tempos”, que permitem uma visão mais ou menos “retrospectiva” e fragmentada de uma trajetória. Marcada por imprecisões e divergências. A memória para ser ativada no indivíduo, é uma construção, que se dá no presente: na narrativa, na mediação, na ação. E na narração de si algumas coisas são ordenadas e selecionadas para si e para os outros. A memória está relacionada ao projeto e identidade.

(...) confiando à memória o destino das coisas passadas e à espera o das coisas futuras, pode-se incluir memória e espera num presente ampliado e dialetizado que não é nenhum dos termos anteriormente rejeitados: nem o passado, nem o futuro, nem o presente pontual, nem mesmo a passagem do presente. Conhece-se a fórmula famosa, cujo laço com a aporia que ela deveria resolver se esquece com demasiada facilidade: “Talvez se pudesse dizer no sentido próprio: há três tempos, o presente do (de) passado, o presente do (de) presente e o presente do (de) futuro. Há, com efeito, na (in) alma, de um certo modo, estes três modos de tempo, e não os vejo alhures (álibi)” (20, 26). (RICOEUR, 1994: 28)

Na escola, algumas meninas tinham uniforme, na imagem a seguir apenas três, incluindo a mim, as outras crianças usavam roupa comum do dia a dia. O uniforme foi desenhado pela minha madrinha, Severina. Ela escolheu as cores e o corte, já a logo da escola foi desenhada pelo meu tio Dida. O meu uniforme era o mais completo, com saínia, meia, sapatinho. As outras meninas, que também usam o uniforme, estavam vestindo apenas a blusa com o nome da escola. Na imagem em que estou sozinha, a fotografia foi feita num estúdio por um fotógrafo profissional. Neste sentido, volto a dizer que naquele momento não existia o “se eu negasse” pois não era uma decisão minha, ali eu era a referência, a imagem da Escola, a representação que a Escola [as minhas tias] gostaria de passar.



Imagem 3: Alunos da Escola Donana - Acervo: Centro Cultural Donana

Meus pais não fizeram faculdade, só foram terminar o ensino médio por volta dos quarenta/ cinquenta anos de idade. Faço parte de um grupo social em que os pais, ou somente o pai ou a mãe, trabalham duro para que os filhos façam faculdade. No meu caso, mesmo tendo escolhido estudar artes na universidade, esse apoio foi oferecido. Até o momento, nunca fui para Europa ou Estados Unidos, lugares que costumam ser o primeiro destino internacional para muitos que fazem a primeira viagem, minha primeira viagem internacional foi para a

América Latina: México. Fui a um Congresso⁴⁸ falar dessa pesquisa. O translado foi financiado pela UFF pois na época não poderia pagar passagem e estadia lá. Outra vez ouvi de um primo meu que eu era a única pessoa próxima a ele que fazia mestrado. Bom, faço essa descrição para entendermos como certos acontecimentos podem influenciar nesse “olhar etnográfico” que transcrevo nesta escrita.

Como mencionei no primeiro capítulo da dissertação, a partir dos meus 16 anos de idade o meu percurso estava diretamente ligado por algumas vias. Estas vias tem nomes, fluxos intensos, levam para caminhos e trajetórias diversas e fazem parte da rotina de muitos moradores da Baixada: Dutra, Av. Brasil e Linha Vermelha. Essas três passaram a fazer parte de uma rotina e um novo experimentar a cidade. No início foi para o primeiro estágio (2005), no ano seguinte, foi para a Universidade (UFRJ, no Fundão). Alguns anos depois, a ponte Rio-Niterói para o estágio no MAC e depois para a UFF, porém, a UFF veio num momento no qual estava morando no bairro Cosme Velho.

No início de 2016, enquanto escrevia a dissertação, voltei à Belford Roxo, como moradora, depois de cinco anos morando no Cosme Velho. Algumas memórias retornaram e mesclaram com um olhar de dentro, mais atento e questionador. Algumas coisas ainda passam desapercibidas, outras reforçadas, outras como um “desafio”. Como, por exemplo: fico aliviada por não precisar ir todos os dias à cidade do Rio de Janeiro. Aliviada, pois a rotina nos transportes públicos para esses lugares são extremamente cansativas, hoje em dia ainda mais, por conta das obras⁴⁹ na Avenida Brasil e Centro do Rio de Janeiro. O tempo no trânsito dobrou e a circulação dos ônibus diminuiu, ou seja, os moradores da região da Baixada, principalmente,

⁴⁸ I Congreso en Cultura en America Latina.

⁴⁹ Nos últimos anos a cidade do Rio de Janeiro tem passado por diversas obras em grande extensão da cidade para receber as Olimpíadas que serão realizadas em agosto de 2016 no Brasil. Dentre as obras, estão: a implementação do VLT (Veículo Leve Sobre Trilho) no Centro do Rio, Porto Maravilha, BRT Transbrasil, BRT Transolímpica, BRT Transcarioca, Ampliação do Elevado do Joá (observação para este último que recentemente inaugurado teve parte da faixa de pedestre derrubada num dia de mar em ressaca, causando mortes de pedestres) e outras. O que tem gerado uma grande transformação na cidade e caos por conta das mudanças realizadas de maneira desorganizada no trânsito e no drástico corte de linhas de ônibus que circulam a cidade. Sem falar no fato das obras estarem sendo feitas sem preparos e planejamentos adequados. Além disso, partes da principal avenida (Av. Brasil), que conecta a Baixada e bairros da Zona Norte e Oeste do Rio, está interditada por conta da obra para implementação do BRT Transbrasil, elevando o tempo no trânsito dos moradores do Rio. No site www.cidadeolimpica.com.br/projetos é possível observar os projetos de obras que estão sendo realizadas na cidade.

estão passando mais tempo nos pontos e dentro dos ônibus. As fronteiras como abordadas no capítulo anterior ficaram mais “visíveis”.

Estamos fazendo transições por diferentes mundos e códigos, até mesmo o mundo da escrita acadêmica e da experiência vivida: “O trânsito entre os diferentes mundos, planos e províncias é possível, justamente, graças à natureza simbólica da construção social da realidade.” (VELHO, 1994: 29) Complementando:

Os indivíduos vivem múltiplos papéis, em função dos diferentes planos em que se movem, que poderiam parecer incompatíveis sob o ponto de vista de uma ótica linear. (...) Nenhuma sociedade é monolítica culturalmente, sempre apresentando planos e dimensões diferenciados em função do seu modo singular de construção da realidade. No entanto, o caso da sociedade moderno-contemporânea aparece como limite em relação à multiplicidade e fragmentação de papéis e domínios.(VELHO, 1994: 26)

A partir de agora a minha voz se misturará ainda mais com as que apresentarei. Entenderemos certas escolhas a partir dessas vozes. “Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido” (BENJAMIN, 2012: 205)

“(…) a escrita desdobra-se como um jogo que vai infalivelmente para além das suas regras, desse modo as extravasando. Na escrita, não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever, nem da fixação de um sujeito numa linguagem; é uma questão de abertura de um espaço onde o sujeito da escrita está sempre a desaparecer”. (FOUCAULT, 1983: 34)

E, assim, iremos nos misturando, até tornarmos um só corpo: uma etnografia compartilhada.

2.2 Uma etnografia compartilhada: trajetórias e vivências

O início do treinamento com a música foi pela bateria, juntava os pesos da balança e os caixotes que existiam no armazém e ficava imitando uma bateria, o ritmo era a “batucada e o samba”. A luta foi para conseguir uma bateria.

Então, montei um grupo regional com amigos para fazer roda de samba, com pandeirista e chorinho, na barraca do meu pai criava ritmos. Foi aí que meu pai fez um espaço na casa aberto para fazer eventos nas sextas-feiras. Nessa época não existia o nome Donana, ainda não era centro cultural, enquanto isso, o Dida foi crescendo e aprendendo capoeira e passou a dar aulas no quintal de casa, além de estudar pintura. Minhas irmãs, Severina e Iraci, montaram e criaram o Donana, junto com o Mobral. O Donana trouxe bastante eventos musicais e culturais, dando oportunidade para outros grupos tocarem. Dida começou a se envolver com a música também e fundou diversos grupos, como Desaguarda, KMD5, Lumiar e Negril.

O Donana fez surgir novas oportunidades para os jovens. Muita gente se formou como músico e ficaram famosos hoje em dia, como o sucesso do Cidade Negra. O Donana teve uma grande influência reggae-raiz. A Regina Case esteve no Centro Cultural como o programa Brasil Legal⁵⁰. Jimmy Cliff também esteve no Donana e achou a cidade parecida com a Jamaica.

Eu trabalhava muito lá nos eventos para ajudar na ampliação do espaço, porém, como a enfermidade de meu pai as atividades foram parando, meu casamento e outros projetos pessoais. (Entrevista com Moacir Nascimento, 2009)⁵¹

No depoimento de Moacir podemos perceber que a casa de Dona Ana já era de algum modo um ponto de referência para os moradores: ali havia um armazém, vendia-se comida, bebida e tinha música. Na cidade de Belford Roxo, até hoje em dia, é muito comum observar pequenos armazéns ou botequins num “puxadinho” da casa que dê para rua. Também percebemos alguns pontos que discutiremos ao longo do capítulo: alguns membros da família assumiram determinadas funções, o envolvimento com a música, as bandas que frequentaram e surgiram no Donana e a repercussão na mídia.

A partir das falas⁵² buscaremos traçar alguns caminhos: pensaremos nas pessoas, nas vidas, suas práticas e nas suas relações com o mundo, ou seria melhor, com os diversos mundos e situações que são colocadas. Não buscaremos, portanto, um princípio e um fim e sim caminhos, fluxos, cartografias, imaginários, mergulharemos nas trajetórias desses indivíduos com o intuito de entendermos como certas funções no Donana foram sendo assumidas e como alguns laços foram criados e materializados em certas práticas e na própria identidade:

A pessoa, compreendida como personagem de narrativa, não é uma entidade distinta de suas ‘experiências’. Bem ao contrário: ela divide o regime da própria identidade dinâmica com a história relatada. A narrativa constrói a identidade do personagem, que podemos chamar sua identidade narrativa, construindo a da história relatada. É a identidade da história que faz a identidade da personagem. (RICOEUR, 1991: 176).

⁵⁰ O Programa Brasil Legal, realizado pela Regina Casé, Guel Arraes e Hermano Vianna, foi exibido pela emissora Rede Globo de Televisão no período de 1995-1998. (...) os programas eram gravados nas ruas, fazendo essa proximidade com as pessoas no espaço público (&) faz a mediação entre o universo da televisão e os territórios nos quais busca os elementos para os programas, majoritariamente composto por espaços estigmatizados tais como favelas, periferias, subúrbios e comunidades (&). (OLIVEIRA, 2015:49-50)

⁵¹ Depoimento dado por Moacir Nascimento em entrevista realizada por mim em 2009.

⁵² Como observaremos neste capítulo, as perguntas foram diferentes para cada entrevistado: para os membros mais velhos da família Nascimento, tive como norte questionar as motivações e interesses em abrir um Centro Cultural em Belford-Roxo e o envolvimento de cada um no Donana. Algumas entrevistas foram gravadas e feitas presencialmente e individualmente na casa de cada membro da família. Já para os frequentadores e os envolvidos direta ou indiretamente, busquei fazer perguntas que me ajudassem a compreender o que o Donana significava para esses sujeitos e o que fazer parte deste local poderia influenciar na vida pessoal e profissional de cada um, o grau de intimidade e relação com os membros da família e com as atividades do Donana. Para esses sujeitos, devido à impossibilidade de reuni-los, por conta da distância geográfica e indisponibilidade de tempo, foram elaboradas perguntas e enviadas por e-mail.

Bom, para analisarmos e contextualizarmos as pessoas envolvidas no Centro Cultural Donana, procuramos dividir tais trajetórias da seguinte forma: primeiramente, no grupo da Família Nascimento⁵³, posteriormente, no grupo transitório (pessoas envolvidas em atividades pontuais, vizinhos, coletivos). Começamos pela família, abaixo dividida por cinco gerações:

- Primeira Geração: **Dona Ana e Seu José;**

- Segunda Geração ou “Os Mais Velhos” (Os filhos e as filhas de Dona Ana e Seu José): Iracema, **Severina**, Moisés, **Moacir, Iraci**, Marcos, Milton, **Severino (Dida), Márcio (Marrone), Ivonete** e Ana⁵⁴.

- Terceira Geração ou “Os Mais Novos” (Netos e Netas de Dona Ana e Seu José): **Vagner, Anderson, Diego, Tarcísio, Bárbara**, Enya Carolina, Vitor, **Azis Gabriel, Antonio Vitor**, Márcia, Marcelo, Verônica, Camilo, Nicolas, Wagner Jr e **Érika** (eu).

- Quarta Geração (Bisnetos de Dona Ana e Seu José): Douglas, Igor, Mateus, Beatriz, Carolina, Artur, Murilo, Débora e Téo.

- Quinta Geração (Tataranetos de Dona Ana e Seu José): Manu, Marco Antonio e Kauã.

Seu José era paraíba, apesar de em vida não gostar que o chamassem do lugar onde nasceu, pois existem muitos estigmas e “piadas” de pessoas oriundas do Nordeste, principalmente do Estado da Paraíba. Chegou no Rio de Janeiro nos anos 50. Sua história é semelhante a de muitos nordestinos que vieram para as regiões metropolitanas do Brasil em busca de trabalho. Chegando no Rio foi morar primeiro sozinho em Marechal Hermes, bairro da cidade do Rio, ali trabalhou numa fábrica de marcenaria até conseguir juntar dinheiro para trazer sua família e comprar uma casa. Comprou a casa na Rua Aguapeí 197, numa época que houve um crescimento de vendas de lotes na Baixada. O lote pertencia a uma “sobra” do condomínio de casas da marinha. Com o lote comprado, construiu uma casinha de stucque e Dona Ana pôde vir para o Rio de Janeiro com os filhos ainda pequenos: Moacir, Moisés, Severina e Iraci.

⁵³ Não falaremos de todos os membros da família Nascimento, apenas os que estão destacados em negrito: pertencentes à primeira, segunda e terceira gerações.

⁵⁴ Ana, na verdade, é neta de Dona Ana e Seu José, mas foi criada como a irmã mais nova. Sua mãe, Iracema, faleceu quando Ana ainda era muito pequena.

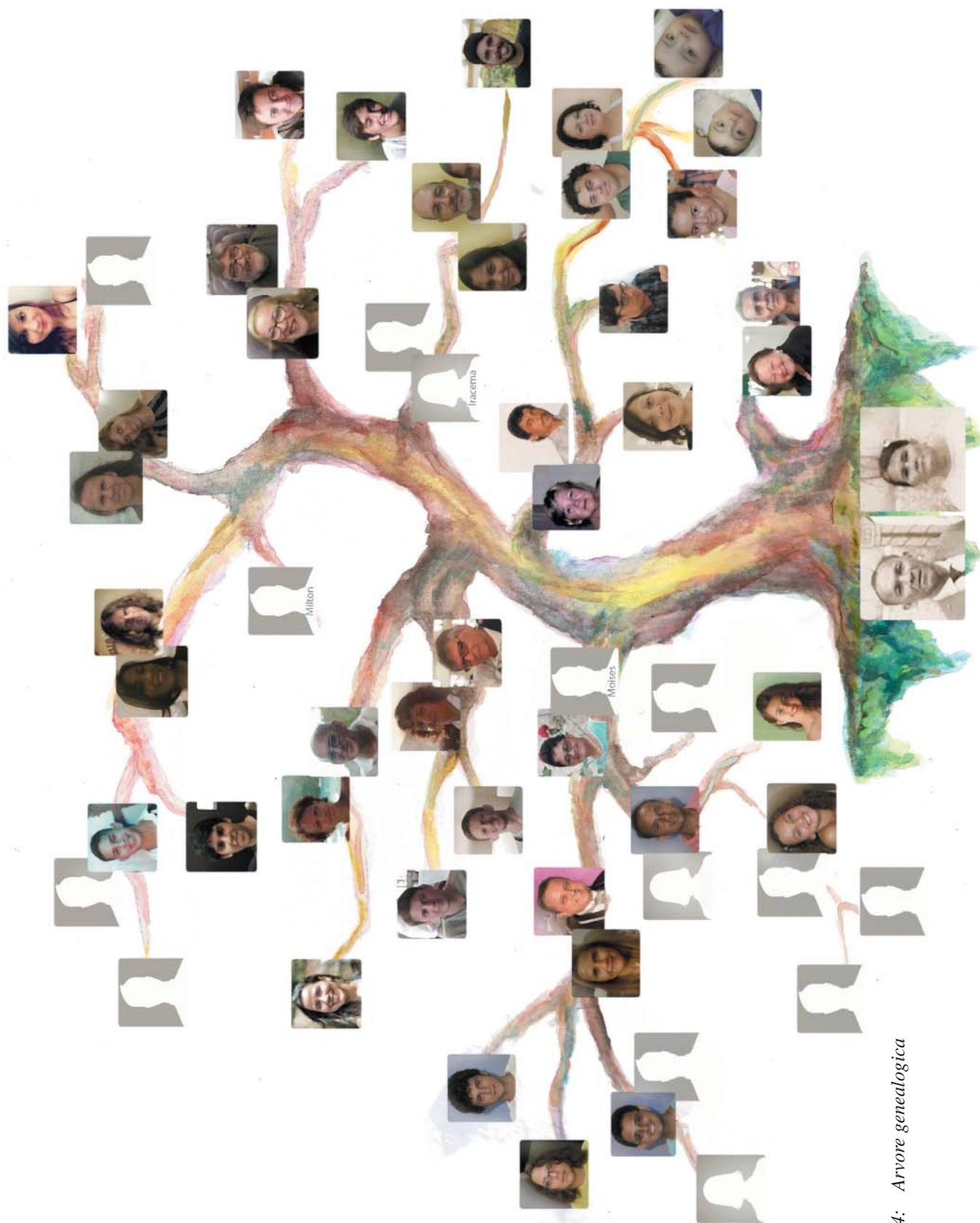


Imagem 4: Arvore genealogica



Imagem 5: Armazém Imaginado - Autoria: Érika Nascimento

Seu José construiu um armazém no quintal de sua casa. Neste armazém vendia frutas, legumes, bebidas e alguns outros alimentos, e existiam duas mesas de sinuca. Os filhos Marcos, Moacir e Milton⁵⁵ ajudavam nas vendas. O comércio ficava bem na esquina da rua, era bem conhecido no bairro Piam. Seu José era sanfoneiro, foi feirante e marceneiro.

Dona Ana⁵⁶, a líder matriarcal, também tinha uma relação com a música: criava cantigas e tocava pandeiro. Já **Moacir** desde cedo simulava uma bateria com os pratos da balança do armazém e com caixotes. Para Dida: “Moacir foi um dos grandes influenciadores”. Moacir criou um grupo de música regional: o samba fazia parte do repertório do grupo. Com este grupo tocou nos carnavais em municípios vizinhos e antes mesmo do Donana “virar” Centro Cultural Moacir organizava um encontro semanal de música no armazém de seu pai, reunindo grupos de roda de samba e chorinho. A regularidade do encontro tinha público garantido às sextas-feiras, costumavam iniciar as 15:00h e não tinham hora para acabar, contribuindo com as vendas no armazém de seu José, além de propiciar um local de lazer e de sociabilidades.

Moacir Nascimento, hoje com 69 anos, é professor e músico: o irmão mais velho. Atualmente, ao lado de sua esposa Luciene, continua ajudando no bar das festas do Sarau Donana, vendendo comidas e bebidas. As comidas são feitas pela própria Luciene e o dinheiro arrecadado é utilizado para a manutenção do Donana.

Acompanhando de perto o movimento musical criado por Moacir, **Dida**, o caçula, aos nove anos também demonstrou interesse pela música e capoeira. Aos 13 anos, começou a dar aulas de capoeira no quintal da casa. Dida nasceu em 1963, no Rio de Janeiro, é daqueles artistas que sentem uma forte necessidade de se expressar, tanto nas camadas de tintas em seus

⁵⁵ Milton era o filho mais novo, faleceu jovem. Não cheguei a conhecê-lo.

⁵⁶ Aprofundaremos na figura Dona Ana no terceiro capítulo.

quadros quanto na música e na capoeira. Dida costuma falar que existe uma necessidade nele de dar aulas de capoeira para as crianças e jovens, mesmo não recebendo nenhum dinheiro para isso, sempre fala que não pode parar com as aulas.

Em 2015, Dida levou um grupo de crianças e jovens que fazem parte da roda de capoeira⁵⁷ para um evento no quiosque da Rede Globo de Televisão na praia de Copacabana, Zona Sul do Rio de Janeiro: o Sarau de Ideias, para o qual o Sarau Donana foi convidado, ao lado do Sarau Pedra Pura Poesia. Recentemente numa conversa com Dida sobre as crianças do bairro, ele comentou que tinham crianças ali que nunca tinha ido à praia. Outro episódio foi num show dele no SESC de Nova Iguaçu, no qual ele levou um ônibus com vizinhos, parentes e amigos para assistir ao seu show. A maior parte dos vizinhos nunca tinha ido ao teatro. Esses acontecimentos acabam refletindo nas atitudes e falas do Dida, de querer ajudar as pessoas ao seu redor e de sentir esperança em tempos melhores: “Reabri o Centro Cultural Donana porque há uma necessidade de divulgação da cultura popular na Baixada, uma cultura para o povo. Ainda temos muito a oferecer à comunidade.” (Dida Nascimento, 2009)⁵⁸

As letras das músicas do Dida falam disso também: sentimentos e desejos de paz, harmonia, união, esperança. Como a letra da música Luzes: “Você não pode apagar. a luz que está no céu de cada um. Eu e meus olhos. Meus olhos e eu. jamais vão enxergar. que a esperança morreu”

A relação de Dida com o Donana está para além das atividades que ministra ou ministrava, como capoeira, artes e música, está no convívio diário, pois o Donana é a casa dele. Dida vive na mesma casa desde que nasceu, só que a casa foi passando por algumas modificações ao longo dos anos: a casa que antes tinha um quintal grande com uma construção no fundo (armazém, depois Escola) passou a ter um muro dividindo o quintal, dando espaço para a moradia dos irmãos: Dida e Marrone. Pode ser coincidência ou não, mas Dida foi morar onde era a Escola, antes lugar onde ficavam as sinucas do antigo armazém. Os demais irmãos e irmãs não continuaram na casa, mas a maioria continua morando em Belford Roxo.

⁵⁷ As rodas de capoeira são organizadas em parceria com a Associação Palmares, coordenada pelo Diornes.

⁵⁸ Entrevista retirada da matéria realizada pelo Jornal Extra, caderno Baixada, no dia 12 de setembro de 2009.

No início, se pode dizer que houve um início, a estrutura física do Donana era humilde, a casa da família ficava no fundo do quintal, numa parte mais elevada do terreno, nessa parte mais elevada do terreno tinha um espaço que servia de palco para a apresentação das bandas durante as festas, no fundo do quintal na construção do antigo armazém foi aproveitado para fazer um espaço para o atelier de Dida e para salas de aula da Escola. Os muros eram pintados como um quadro de Dida, com muitas cores e abstrações e o nome “Centro Cultural Donana” pintado à mão por Dida ficava na parte de cima da construção, ao lado do nome havia uma faixa com a programação do local (matriculas abertas: aulas de violão, teclado...)



Imagem 6: Fotografia Centro Cultural Donana anos 80/90 - Acervo: Centro Cultural Donana

O quintal era espaçoso, tinha uma árvore, acho que era pé de jamelão, lembro que o chão ficava manchado com uma manchas da cor lilás, uma construção no fundo, a qual abrigava a Escola Donana, e um pequeno estúdio. Esse estúdio ficou conhecido por ter sido o embrião do movimento reggae no Rio de Janeiro. Presenciei algumas mudanças do estúdio: lembro vagamente do estúdio na década de 90, com caixas de ovos coladas nas paredes para servir de isolamento acústico; o depósito, durante o período de “fechamento” do Donana (entre 1996 e 2009) e o mutirão de limpeza do depósito para virar um “camarim” em 2009; até virar o Ateliê Digital Donana em 2013. Ao longo deste capítulo nos debruçaremos sobre essas mudanças e projetos que o Donana vem realizando.



Imagem 7: Fotografia do Centro Cultural Donana em 2010 - Acervo: Centro Cultural Donana



Imagem 8: Fotografia do Centro Cultural Donana por volta de 2012 - Acervo: Centro Cultural Donana



Imagem 9: Fotografia do Centro Cultural Donana em 2015. Foto: Diego Matheus/Tumulto

Na década oitenta e noventa, o Donana promovia muitas festas, principalmente as festas afro-reggae reunindo rodas de capoeira, dança afro, oficina de artes (pintura coletiva no chão do quintal com as crianças, bonecas artesanais africanas, aboemy), exposição de fotografias, cartazes e matérias de jornais, era a “esteira cultural” e música com apresentação de bandas de reggae e rap.



Imagem 10: Fotografia Festa Afro-Reggae (80/90) Acervo Donana

" FESTA AFRO-REGGAE "

O Centro Cultural Donana vem se firmando há quase dois anos como o lugar onde a comunidade local e moradores de toda a Baixada Fluminense encontram espaço para suas manifestações artísticas e culturais, para lazer e aprendizagem.

No dia 12 de abril o Centro Cultural Donana estará realizando mais uma festa afro-reggae, festas essas que já estão se tornando tradicionais e têm atraído frequentadores de lugares distantes da Baixada e bairros da Zona Sul do Rio de Janeiro.

No dia 12 estaremos voltando nossa atenção para duas datas marcantes do mês de março: o Dia Internacional da Mulher - dia 8, e o Dia Internacional contra o Racismo - dia 21. Painéis com fotografias, recortes de jornal e informações estarão abordando essas duas formas de discriminação - a sexista e a racial, que foram expostas ao mundo em ocasiões diferentes mas de forma semelhante e extrema: no século passado, mulheres que reivindicavam salários iguais aos dos homens, já que trabalhavam como homens, ocuparam uma indústria têxtil e morreram queimadas quando os patrões atearam fogo às dependências da fábrica. Há menos de 20, assistentes e participantes de um congresso sobre apartheid realizado em Johannesburg morreram com as bombas lançadas no recinto do congresso pelo governo racista da África do Sul.

Além do debate dessa questão, também vamos valorizar a presença negra e feminina nas várias atrações como capoeira, grupo de dança afro, oficina de bonecas artesanais africanas (aboemy), músicos e o lançamento de Nino Rap e Eddy M. G., que vêm mostrar no seu trabalho o autêntico rap da baixada.

A sua presença é importante. Venha dar uma força num espaço que também é seu. Você faz parte do Centro Cultural Donana.

Imagem 11: Cartaz de divulgação da festa Afro-Reggae

No cartaz escrito a máquina de escrever, podemos ter uma noção das temáticas das festas. Sem se preocupar com linearidade dos fatos, interessante observar o último parágrafo do cartaz: “A sua presença é importante. Venha dar uma força num espaço que também é seu. Você faz parte do Centro Cultural Donana.” Falas continuamente utilizadas por Dida para divulgar os eventos do Donana hoje em dia na rede social facebook.



Imagem 12: Publicação de Dida na rede social Facebook.

Mas o Donana mesmo... “o Donana foi ideia de minhas irmãs, Iraci e Severina, que davam aulas numa sala aqui. Era um trabalho muito forte com a educação, elas tinham o sonho de abrir uma escola. Foram elas que formaram o Donana”. (Entrevista com Dida Nascimento, 2009). Elas formaram a Escola Donana. O nome Donana foi criado por Severina com o objetivo de homenagear sua mãe: Dona Ana, que já havia falecido antes do surgimento da escola.

Severina é minha madrinha, irmã do meu pai, professora. Nasceu em Pernambuco em 1945, veio para o Rio de Janeiro com a sua mãe Dona Ana. Severina ajudava sua mãe a cuidar dos irmãos e irmãs, alguns chamam ela de “mãe” ou “mãe de todos”, mesmo não tendo tido filhos: a “nova” líder matriarcal. Severina também fazia bordado em panos para vender na

barraquinha da Feira de Areia Branca, fez graduação em pedagogia, através do Donana e de algumas escolas municipais e particulares pôde alfabetizar muita gente (crianças e adultos) na Baixada, principalmente, em Belford Roxo, cidade onde passou a maior parte de sua vida: “Eu alfabetizei quase todo mundo da rua. Vi como o lugar foi importante para o desenvolvimento das pessoas. Agora, temos outros integrantes da família envolvidos. Para mim, isso é muito bonito”⁵⁹. (Severina Nascimento, 2009). Também diz que: “a maior alegria foi de ver todos alfabetizados e trabalhando hoje em dia. Ver que deu frutos” (Severina Nascimento, 2009)

Iraci nasceu em 1952, também se formou em pedagogia. Atualmente, frequenta quase todos eventos do Donana. Iraci fala que tinha um “sonho de realizar um trabalho diferente no magistério, a criança na sua essência.” (Entrevista com Iraci Jovanholi, 2009)



Imagem 13: Matéria Baixada Notícias (anos 80/90) - Acervo: Centro Cultural Donana

⁵⁹ Entrevista retirada da matéria realizada pelo Jornal Extra, caderno Baixada, no dia 12 de setembro de 2009. Já a outra entrevista foi realizada por mim em 2009.

Assim como Dida e suas irmãs, Marrone também fala de sonhos e desejos: “através da arte nós podemos extravasar nossos desejos e anseios e é isso que buscamos em cada uma dessas atividades” (Marrone)⁶⁰

Márcio, conhecido como **Marrone**, aproximadamente cinquenta anos, professor e músico. Na década de 80 e 90 tocava teclado na banda KMD-5, também deu aulas na Escola Donana ao lado de suas irmãs. Após a “reabertura” do Donana chegou a dar aula de música. Marrone mora com sua esposa e um casal de filhos na casa ao lado do Donana, antigamente, era a casa de Dona Ana, Seu José, seus irmãos e irmãs. Atualmente, tenta participar de quase todas as atividades do Donana, volta e meia, em oficinas ou sessões do cineclube, leva um café feito na hora por ele. Antes da última⁶¹ reforma no Donana, o muro era baixo, dava para passar o café por ele, era só subir num banquinho. Marrone sempre se prontifica em ajudar nas pequenas demandas: oferecendo “carona” para algum artista ou convidado especial, divulgando as atividades nas escolas e outras.

Ivonete⁶² e **Bárbara** (professora; poeta; filha de Iraci) também deram aulas na Escola Donana na década de 80 e 90.

Marcos, 57 anos, ferramenteiro, meu pai. Diferente dos outros irmãos, Marcos não seguiu a carreira artística, trabalhava nas atividades do Donana fazendo o “bar” das festas: ele mesmo comprava as bebidas e gelo num depósito e levava para o Donana com o auxílio de um carrinho de mão. Em algumas conversas com ele, informou que nem sempre conseguia ter lucro no bar. Desde o “retorno” do Donana frequenta quase todas as atividades, principalmente, as festas e as sessões de cineclubes, organizadas por mim. No início da “retomada” das atividades no Donana, em 2009, ajudou no mutirão de limpeza do espaço e na instalação elétrica e hidráulica. Nas sessões de cineclube, organizadas por mim, sempre me ajuda comprando e levando bebida, pipoca e o bolo feito pela minha mãe: **Antonia**. Esse é o nosso lanchinho após a sessão. Muitas vezes, enquanto morava no Cosme Velho, chegava no Donana com os filmes e laptop e a mesa com o lanche já estava pronta. Marcos chegou a trabalhar na produção da banda KMD-5, e na divulgação das atividades do Donana, ultimamente tem me aconselhado sobre bons locais para

⁶⁰ Entrevista retirada do caderno Baixada Notícias (não foi encontrada data de publicação da matéria).

⁶¹ A última reforma do Donana foi patrocinada pela banda brasileira O Rappa.

⁶² Ivonete é uma das irmãs mais novas, foi criada como filha de Severina. Há quase vinte anos mora no Chile com seu marido e filhos.

colar cartazes das novas atividades do Donana. Num sábado desses, me ajudou a colar alguns cartazes na praça de Heliópolis. Será que também estou assumindo esse papel?

Bom, o cartaz que acabo de colar nas ruas é o mais recente e inédito projeto no Donana: “Ciclo de Experimentações na Arte: Entre o Virtual e o Tangível”⁶³.

O Donana em sua fase inicial fazia sessões fílmicas, principalmente com vídeos do Bob Marley durante as festas afro-reggae. Nessa “nova etapa”, surgiram algumas atividades que nunca tinham sido pensadas pelos membros “mais velhos” da família, principalmente por envolverem tecnologias que na época não eram comuns, como: pintura digital e museu virtual.

Algumas dessas novas atividades, que veremos a seguir, estão sendo realizadas, principalmente, pelos membros “mais novos” da família, que idealizaram e assumiram a coordenação delas. E um dos membros que mais está a frente dessas atividades é o **Vagner**.

Quando Vagner nasceu, em 1980, o Donana ainda não existia, só armazém do nosso avô, mas é uma vaga lembrança para ele. Vagner também se interessou pela música, pôde ter sido influenciado pelo seu pai Moacir. Quando era adolescente tinha uma banda com os amigos da escola e um estúdio na casa dos seus pais. É analista de sistemas e paralelamente vice-presidente do Donana e baixista do Dida.

Além disso, Vagner foi e é responsável por gerir e coordenar diversas demandas que surgiram e surgem em diferentes contextos como: a regulamentação do Donana como associação civil sem fins lucrativos; a inscrição do Donana em alguns editais da Secretaria do Estado do Rio de Janeiro de Cultura e Ministério da Cultura (a maior parte desses editais escrevemos juntos); negociação do patrocínio das obras infraestruturais do Donana e aquisição de equipamentos e materiais com a banda O Rappa, assim como, a supervisão da última reforma do Donana (ainda em andamento) e compra de equipamentos; produção e coordenação de algumas atividades do Donana, desde operador de som nas festas, divulgação das atividades do Donana nas redes sociais, até oferecer carona para alguns profissionais e ou músicos convidados.

Diego também faz parte dessa leva dos “mais novos” que assumiram algumas atividades na “retomada” do Donana. Diego é poucos meses mais velho que eu, tem 28 anos, estudamos juntos no ensino fundamental, costumávamos caminhar longas horas pela cidade depois da

⁶³ Falaremos sobre esse e outros projetos da nova fase do Donana ainda neste capítulo.

escola, quando tínhamos doze anos fazíamos aula de violão no ateliê do Dida. Naquela época sempre nos questionávamos pelo motivo de fechamento do Donana.

Diego também é músico, na sua adolescência e até, mais ou menos, os 25 anos de idade tinha banda de rock. É designer, filho de Iraci, em 2008 cismou que queria fazer um evento que reunisse cinema e música.

Antes de conseguir realizar o evento, organizou diversos encontros no terraço da sua casa num bairro próximo ao Donana. Cheguei a participar de alguns. Esses encontros tinham como objetivos debater o que estava sendo produzido em relação às artes e música na Baixada e como poderiam ser criados meios que promovessem as manifestações artísticas locais, principalmente em relação as bandas de rock. A partir dessas reuniões surgiu o coletivo “Pública Alternativa”, reunindo jovens: músicos, designer e estudantes de artes e cinema, todos moradores da Baixada. O coletivo existiu até 2011, ano em que aconteceu o último evento realizado pelo coletivo.

No início, o Coletivo enfrentou diversas dificuldades, principalmente para encontrar espaço que pudesse receber a primeira edição do evento, batizado por nós de Mostra Independente Cinerock, evento que reunia música, artes e cinema, idealizado por jovens e para jovens, em sua maioria, moradores de Belford Roxo, entre 17 e 24 anos. A única pessoa que se propôs a ajudar o Coletivo foi Dida: cedendo seu atelier e quintal (parte de sua casa) para a realização do evento em 2009. Antes do evento ser realizado, Dida não falava muito em “retomada” do Donana.

O evento aconteceu em março de 2009, promovendo um encontro com artistas da Baixada e contou com: bate-papo sobre a produção de cinema e música na Baixada nos anos 80 e nos anos 2000, com Dida e Vicente Freire; show das bandas Surfinbirds (Nova Iguaçu), República 01 (Nova Iguaçu), Alícia (Belford Roxo, um dos músicos da banda estava na organização do evento), Odisséia (idem) e Mc K-Bide; e exibição de curta metragens produzidos por cineastas da Baixada, inclusive a exibição do trailer do documentário Donana. Foi tudo meio que no improviso, foram realizados diversos mutirões de limpeza do espaço. Nas paredes tinham cartazes das apresentações do KMD-5 e um tecido em branco para que as pessoas pudessem pintar coletivamente. Foi gasto dinheiro do bolso, principalmente por parte do Diego. Ninguém recebeu. Vendeu-se bebida e comida no bar e entrada, cobrando o valor de R\$5,00,

mas não cobriu nem a metade do que fora gasto. O evento contou com apoio e divulgação de algumas pessoas e coletivos: Mostra de Cinema Belford Roxo (Emerson Pires / equipamentos), Moacyr Sonorização (desconto no aluguel do som), Cineclube Mate com Angu e Anti Cinema (filmes e equipamentos). Meu primo e eu chegamos a tentar pedir apoio em comércios locais: lojas de material de música, cursinho de inglês. Mas não tivemos muito sucesso. Mas fizemos assim mesmo: e mais três vezes⁶⁴, cada edição com uma repercussão maior, abrindo inscrições para artistas de outros Estados participarem, mas todas com orçamento curtíssimo. Ninguém conseguiu cachê por esses eventos.

No flyer do primeiro Cinerock havia o seguinte texto explicativo:

O projeto CINEROCK CINEMA + ROCK INDEPENDENTE foi criado, antes de qualquer outro motivo, para divulgar o movimento cultural da baixada fluminense que apesar de rico, é pouco notado, passando despercebido as vezes pela própria comunidade.

O CINEROCK, como o nome sugere, será um festival de cinema e muito Rock, música e curtas metragens independentes, abrindo espaço para a nova cara do movimento cultural da nossa região e sim, com pouco recurso, mas, como muito talento e criatividade.

Apesar de a maioria dos membros participantes desta edição serem de Belford Roxo, felizmente contamos com a participação de quase toda a baixada, sendo Belford Roxo eleita a primeira a sediar por decisão unânime de que dentre os municípios, este é o mais atingido pela falta de acesso a cultura.

Além de divulgar o trabalho desses novos artistas, o projeto pretende organizar debates abertos ao público na intenção de trazer e estimular ainda mais atividades e movimentos culturais à Baixada.

Aumente o volume, o som já vai começar. Um bom CINEROCK para você!

Diego, ainda estudante de designer na época, tinha uma forte preocupação com a divulgação dos eventos, principalmente, imagética. Ele mesmo foi responsável pela concepção visual de todas as edições do Cinerock, só na última que contou com a participação do artista e ilustrador Artur Rocha.

Assim, o evento Cinerock foi como um “marco” para o Donana, pois a partir dele algumas “portas” se abriram e outras foram reativadas, como o cineclube. Com isso, também restabeleceu-se uma relação de redes de agentes culturais e coletivos de demais regiões da

⁶⁴ Ao todo aconteceram 4 edições do Cinerock: duas em 2009 no Centro Cultural Donana e duas em 2011 na cidade de Nova Iguaçu: no SESC de Nova Iguaçu e no Espaço Cultural Sylvio Monteiro. Essa última edição obteve patrocínio da Secretaria Estadual de Cultura do Rio de Janeiro através do edital Microprojetos Culturais Chamada Pública nº 28/2010.

Baixada Fluminense, que havia surgido na década de 80 e 90. Podemos dizer que essa “nova fase” tem uma “pegada jovem e institucionalizada⁶⁵”. Essa matéria abaixo, do dia 2 de setembro de 2009,⁶⁶ do Jornal Extra, fala do período de fechamento do Donana e do cineclube:

“Após 14 anos fechado, o Centro Cultural Donana, em Belford Roxo, volta a ser palco de movimentos artísticos da Baixada. O local foi ponto de encontro de músicos como Da Gama, do Cidade Negra, e Marcelo Yuka, ex-O Rappa e abrigou o lançamento da banda de reggae KMD5 (já extinta). Hoje, está retomando suas atividades e já abriu um cineclube. (...)

Segundo o músico, a casa foi reativada para preencher uma lacuna cultural no município. - Reabri o Centro Cultural Donana porque há uma necessidade de divulgação da cultura popular na Baixada, uma cultura para o povo. Ainda temos muito a oferecer à comunidade – afirma Dida. (...)

O trabalho realizado no Donana foi reconhecido pelo Ministério da Cultura, que entregará ao centro equipamentos para um bom funcionamento de seu cineclube. As sessões, que hoje acontecem em datas irregulares, passarão a ser semanais. (...) (Conteúdo extraído do Jornal Extra, publicado no dia 02 de setembro de 2009)

Foi num Cinerock no Donana que Diego conheceu a **Josy**.

Josy é cineasta, se apaixonou pelo Donana e pelo Diego, aliás, ambos se apaixonaram e casaram. Josy Antunes, 25 anos, assumiu o cineclube Donana junto com o Diego, fazia a curadoria e divulgação das sessões, promovia debates após as sessões, principalmente com as crianças que moravam próximas. Algumas sessões eram temáticas a fim de arrecadar fundos para manter o cineclube, também era mantido um cofrinho, daqueles de “porquinho” de barro, para que as pessoas pudessem colaborar de forma espontânea nas festas e sessões. Além do cineclube, Josy chegou a coordenar outras atividades como: oficina “Clique seu Lugar”, feita com fotógrafos e alguns membros do coletivo Pública Alternativa (Cinerock) para crianças e adolescentes, e as duas últimas edições do Cinerock (na parte do audiovisual).

No início, a estrutura do cineclube era simples e improvisada: um projetor ficava pendurado num caixote de feira, um aparelho de DVD⁶⁷ e um tecido que servia de tela ou a própria parede, caixas e mesa de som, não tinha muitas cadeiras e as que existiam eram as antigas cadeiras da época da Escola Donana, também tinha um tapete preto no chão e em

⁶⁵ Institucionalizada pelo fato de, a partir dos anos 2000, existir uma maior profissionalização na área, como a implementação de novos cursos de especialização e graduação em produção cultural, e da existência de editais do Governo Federal ou Estadual que, em sua maioria, exigem a inscrição de Pessoa Jurídica.

⁶⁶ Neste período, o evento Cinerock já tinha sido realizado pela segunda vez no Donana.

⁶⁷ Os equipamentos para o Cineclube eram na maior parte das vezes emprestados pelo Emerson Pires (Mostra de Cinema Belford Roxo) e pelo Marcio Graffiti do coletivo Anti Cinema.

cima almofadas vermelhas e amarelas (essas últimas eram cenário do Cinerock II). As crianças adoravam ficar ali no meio das almofadas, principalmente, por que podiam fazer “guerra de almofadas”. Em alguns eventos no Donana, as crianças ainda pedem por essas almofadas.

As sessões infantis eram basicamente organizadas por Josy Antunes, que na época tinha 19 anos e era estudante de cinema na Escola de Cinema Darcy Ribeiro. Além de organizar as sessões, ao final de cada uma, ela fazia debates e pequenas oficinas de desenho e fotografia sobre o filme exibido com as crianças. Diogo Villa, Vagner Vieira e Rodrigo Caetano, membros do Coletivo Pública Alternativa, também auxiliavam e organizavam algumas sessões do cineclube:

Deixo abaixo algumas falas de **Diogo Vila**⁶⁸ e **Rodrigo Caetano**⁶⁹, que destacam a revitalização do Donana, o envolvimento com o Cineclube e como este processo influenciou na carreira profissional:

Participar de um grupo que produziu cultura alternativa na Baixada Fluminense foi sem dúvida um aprendizado, na medida que nos desdobrávamos para que tudo desse certo, sem custos financeiros, nossos recursos era a força de vontade em difundir nossa arte local e propagá-la ao público. Hoje percebo o quanto foi essencial toda essa experiência na minha formação profissional, acima de tudo na minha formação pessoal, o valor da amizade e da coletividade, o valor de ver e ter o sorriso estampado no rosto de seus irmãos e irmãs em cada ação realizada, nas trocas de ideias, saber que o que foi feito tinha um objetivo principal: promover encontros, propagar o dom da alegria e o que existe de melhor em nossa região em termos de cultura, lazer, arte e esporte. O Cineclube Donana foi fundamental para todos nós, mais que isso, ter o prazer de revitalizar um espaço cultural importantíssimo e de grande efervescência social. No cineclube, bons filmes, selecionados por uma turma que pensa o audiovisual com extrema qualidade, em cada sessão uma constante oportunidade de mostrarmos nosso potencial de mobilização, nos nossos debates após os filmes, pensar a produção cultural na Baixada Fluminense, sobretudo cinema, foi fundamental para mostrar a importância sociocultural de Belford Roxo ao mundo. (Entrevista com Diogo Villa, 2014)

Foi o início de uma carreira, de um trabalho. Os resultados reverberam até hoje na minha vida. Para além de ter sido uma iniciativa com amigos, eram pessoas de diferentes áreas (artes visuais, cinema, música) e que se completavam de forma belíssima. Hoje tento pegar o que funcionou e o que não funcionou nesse coletivo e aplico nos trabalhos que fiz em seguida. (Entrevista com Rodrigo Caetano, 2014)

⁶⁸ Diogo Vila, aproximadamente trinta anos, historiador, técnico em cultura digital no SESC.

⁶⁹ Rodrigo Caetano, aproximadamente vinte e cinco anos, produtor cultural, músico.

As sessões passaram a ser regulares quando o Cineclube foi contemplado com equipamentos pelo edital Cine Mais Cultura⁷⁰. Aconteciam em todos os domingos, tornando-se algo comum para as crianças, tão comum que quando passávamos pela rua Aguapeí as crianças logo perguntavam se iria ter filme. E isso era muitas vezes um motivador para os organizadores do cineclube, pois todos ali trabalhavam voluntariamente:

“Foi ótimo, eu gosto do clima que a casa tem. É uma aura bem familiar e acolhedora. O que eu mais gostava era quando as crianças invadiam. No começo achava estranho, depois comecei a adorar. Assim o cineclube ficou direcionada a elas, atendendo a demanda que batia na porta.” (Rodrigo Caetano em entrevista realizada em agosto de 2014).

‘Meu caso com o Donana foi amor a primeira vista’, - assume Vagner Vieira. Com a frase, o músico e integrante do Cineclube Digital – realizado no SESC de Nova Iguaçu – justifica o que o move a, todo domingo, deixar sua casa em Miguel Couto e rumar para Piam, um bairro de Belford Roxo. Às 16:30, a esquina de número 197, conhecida pelos moradores da rua Aguapeí, como a “casa do Dida”, abre as portas para a sessão semanal do cineclube Tapete estendido no chão, onde espalham-se aos montes almofadas vermelhas e amarelas, uma enorme case para equipamentos musicais servindo de mesa para o projetor fílmico e um telão, quase sempre rodeado de quadros coloridos, compõem o aconchego que já virou referência entre os frequentadores do local. ‘Junta a coisa de estar trabalhando com o que a gente gosta, com um lugar que é espetacularmente agradável. É um negócio inexplicável’, expressa Vagner, que há meses abraçou os projetos do Centro Cultural Donana ao lado de amigos que hoje trata como irmãos. Nessa história, o dia 26 de abril de 2009 ganha extrema importância por marcar o exato ponto de intersecção entre o representante do Cine Digital e a turma que dava os primeiros passos para consolidação como cineclube. O ‘Encontro Cineclubista da Baixada’ reuniu representantes de grupos como Anti Cinema e o Cine Goteira, com o objetivo de viabilizar uma integração no circuito de cinema na Baixada. (Conteúdo retirado do blog Cultura NI escrita por Josy em 13 de julho de 2010)⁷¹

O cineclube Donana é o único lugar de exibição audiovisual na cidade de Belford Roxo, passando a ser não só um ponto de exibição cinematográfica, mas um lugar de lazer para as pessoas. Assim que o cineclube Donana surgiu, buscava-se exibir filmes voltados aos jovens, pois parte desse público era o mesmo do Cinerock. Porém, ao longo das exibições foi percebido um novo público que, literalmente “batia na porta do Donana” para fazer parte daquilo que estava acontecendo: as crianças que residem no entorno do Donana. Foi então, que o cineclube Donana passou a se dedicar a esse público por dois anos, fazendo exibições de filmes infantis

⁷⁰ Em 2009 o Cineclube Donana foi contemplado pelo edital Cine Mais Cultura pertencente ao Ministério da Cultura. Maiores informações do edital podem ser encontradas em: <http://www.cultura.gov.br/cine-mais-cultura>. Acesso em: 14 maio de 2014.

⁷¹ Josy, junto com outros jovens da Baixada, fazia parte do blog Cultura NI, coordenado pela gestão da Secretaria Municipal de Cultura de Nova Iguaçu do prefeito Lindbergh Farias. Os jovens ficavam responsáveis por investigar e escrever as atividades culturais da Baixada, principalmente, de Nova Iguaçu.

todos os domingos antes das exibições para o público mais jovem. Muitas vezes as crianças vinham acompanhadas de seus pais que acabavam ficando e assistindo aos filmes e a sessão de 18h.

Ainda em 2009, no primeiro ano de retorno das atividades, aconteceram no Donana: duas edições do Cinerock, diversas sessões temáticas de cineclubes e o encontro cineclubista. O Encontro Cineclubista “O Donana” foi organizado pelo Coletivo Pública Alternativa no Donana no dia 26 de abril de 2009, um domingo de manhã, reunindo cineclubes e cineclubistas de diversas partes da Baixada, fomentando um debate sobre as ações cineclubistas na região. Nesta época, parte do encontro foi registrado pela emissora TV Brasil.

Alguns cineclubes, coletivos e algumas pessoas, como o coletivo Anti-cinema (Mesquita), o Cine Goteira (Mesquita), Mate com angu (Caxias), Buraco do Getúlio (Nova Iguaçu) e Emerson Pires (Mostra de Cinema Belford Roxo, gestor cultural e ex-Secretário de Cultura de Belford Roxo) estiveram presente no Encontro e foram fundamentais na fase inicial do Cineclube Donana, no sentido de estabelecimento de uma rede e de um grupo que ajudava uns aos outros. Essa ajuda se dava muitas vezes por empréstimo de equipamentos de projeção, filmes e realização de intercâmbio entre cineclubes.

O Cineclube funcionou todos os domingos até meados de 2011, ano que o projetor queimou. Como o Donana não recebia nenhum tipo de financiamento para manutenção do Cineclube, as sessões só voltaram em 2013 quando consertaram o projetor com recursos próprios. A partir desse momento, as sessões passaram a ser mensais e não mais semanais e não contava mais com a organização do casal Josy e Diego, muito menos dos demais membros do Coletivo. E eu passei a ser a única a tocar de frente o Cineclube, porém, tendo ao meu alcance toda essa rede que fora construída. Numa matéria do Jornal Extra, caderno Baixada, de maio de 2013, com título: “Com suas particularidades, cineclubes ganham força entre os jovens, com sessões gratuitas e produção própria”,⁷² observamos uma menção ao Donana “estar de volta”. Segue parte da matéria que fala do Cineclube Donana:

⁷² A matéria aborda o cineclubismo na Baixada. Foram entrevistados o Cineclube Donana, Cineclube Mate com angu, Cine-Marapicu e o Cineclube Buraco do Getúlio. (...) O movimento cineclubista ganhou força nos últimos dez anos como forma de resistência à falta de interesse do poder público na área cultural. Com a facilidade da tecnologia digital (basta um computador, um projetor e caixas de som), jovens se aventuraram no mundo audiovisual.

O Donana está em cartaz novamente. Criado nos anos 80, o Centro Cultural Donana, em Belford Roxo, ficou fechado por 13 anos e reabriu, em 2009, com o Cine Rock — uma mistura de cinema, música e poesia. O cineclube do Donana foi idealizado por Érica Nascimento e seu primo Diego Jovanholi. Em 2011, o projetor quebrou e as sessões só retornaram no último dia 5. O objetivo agora é fazer duas sessões por mês, com uma infantil. (...) (Matéria extraída do Jornal Extra do dia 15 de maio de 2013)

A partir de 2013, quando comecei a coordenar o cineclube sozinha, lancei a “nova”⁷³ proposta para o Cineclube Donana: de realizar sessões mensais de filmes que não estão no circuito comercial, além de promover debates com profissionais da área, diretores, produtores e parcerias com festivais de cinema alternativo e cineclubes de outras regiões. Entre 2013 e 2016 foram realizadas sessões em parcerias com: Cineclube Subúrbio em Transe, Cinema de Guerrilha da Baixada, Cineclube Atlântico Negro, Festival Visões Periféricas, Festival Globale Rio, Brinca Bem, CineSesi SP no mundo O Olhar Holandês e ASCINE RJ (Associação de Cineclubes do Rio de Janeiro).

Além do Cineclube, surgiram diversas atividades no Donana, algumas organizadas em de forma voluntária por membros da família, vizinhos, coletivos, artistas, poetas e professores, outras por parcerias com instituições, recebimento de verba de edital ou apoio financeiro da banda O Rappa ou campanha colaborativa em redes sociais e eventos. Abaixo listamos algumas atividades:

- **Culturas Afro:** através de uma parceria firmada há cinco anos com a Associação de Capoeira Palmares, mantida por Diornes Alves, acontecem atividades voltadas à cultura popular e matizes africanas como jongo, maculelê, samba de roda, capoeira e folia de reis.

Mas como observamos ao longo da pesquisa, a capoeira vem sendo realizada desde, aproximadamente, o ano de 1976, quando Dida tinha por volta de treze anos de idade e dava aula de capoeira no quintal da casa para a vizinhança. Nessa “nova fase” do Donana, todas terças e quintas Dida ou outro mestre da Associação oferecem aulas de capoeira gratuitamente para crianças, jovens e adultos.

- **Sarau Donana:** evento realizado pelo Donana e pelo coletivo Pó de Poesia, formado por poetas, professores e artistas da Baixada. O evento acontece mensalmente há seis anos, todo último sábado do mês, e tem articulado poetas, coletivos, músicos de diversas partes do Rio de Janeiro. O evento nunca recebeu apoio financeiro de terceiros. Dentre os membros da família

⁷³ Entre aspas pois parte da proposta já era realizada pelo cineclube.

que organizam o Sarau estão: os irmãos Anderson e Vagner, e os pais deles (Moacir e Luciene) que ajudam no bar. A verba arrecada com as vendas no bar ajudam na manutenção de algumas atividades do Sarau.

- **Reggae Donana:** procurando resgatar as festas do Donana da década de oitenta e noventa que aconteciam no espaço, em parceria com grupo Digitaldubs Sound System do Rio de Janeiro, foram realizados diversos bailes gratuitos no Centro Cultural Donana durante o ano de 2011 com músicas do estilo reggae, dub e ragga, contando inclusive com uma participação especial do músico inglês Mc YT.

Em novo estilo, com apresentação de bandas, a partir de 2015 o Reggae Donana passou a ser organizado por Jussara Gomes, cantora, vizinha do Donana. Desde o início, nos anos 80, Jussara sempre frequentou as atividades do Donana. Ela tem dois filhos, Flávia e Ruvício⁷⁴, e netos, que ajudam o Reggae Donana acontecer, também fazem um bar para ajudar nos custos do evento e no final da apresentação “passam um chapéu” e a verba arrecada é usada como ajuda de custo dos músicos. Em geral, a ajuda de custo é um valor pequeno que não deve chegar a cobrir o transporte da banda. O Reggae, assim como o Sarau, não recebe financiamentos, é realizado graças aos familiares da Jussara e também de Dida e Vagner que ajudam na montagem e operação do equipamento de som durante o evento.

- **Um Toque África Brasil:** evento pontual, aconteceu entre 08/11 e 18/12 de 2011, também num caráter de resgatar as atividades que aconteciam no Donana. O evento reuniu: exposição “Reggae nas cores da Baixada”, desfile de Moda Afro, Cinema, Música, Teatro, dança e capoeira, e entrega de cordas da Associação de Capoeira Palmares em Quissamã, cidade no interior do Rio de Janeiro. O evento contou como parceiros a Associação de Capoeira Palmares, Afoxé Raízes Africanas, Filhos da Terra, Grupo Pó de Poesia, Secretaria Municipal de Educação de Belford Roxo e Colégio Estadual Presidente Kennedy;

- **Rock-Clipe Donana:** evento de música realizado em 2015 contou com exibição de videoclipes das bandas convidadas, debate sobre produção independente e rock ao vivo com as bandas: Rock D’La Rua (BH), Café Tormenta e Genomades.

⁷⁴ Ruvício também é baterista da banda de Dida.

- **Rock com Causa:** evento de música, reunindo três bandas de rock formada por mulheres, realizado em 2013 pelo coletivo “Com Causa” cujo objetivo era debater as questões de gênero e os direitos da mulher.

- **Metal Donana:** evento de música reunindo bandas de Metal do “Underground”, foram realizadas duas edições em 2013 e 2014 contou com a participação de 4 bandas por evento. Foi organizado pelo filho de Dida, Azis Gabriel, junto com amigos da IFRJ. Diferente dos demais eventos de música do Donana, neste foi cobrada entrada no valor de cinco reais.

- **Gato Desplugado:** evento de música realizado no dia 21 de maio de 2011, com a apresentação de bandas da região (Expresso Aurora, Mazé e Seu Mathias e Panela Zen) foi organizado por Gato Manco Produções (jovens alunos do curso de produção cultural da IFRJ) O evento aconteceu também em Campo Grande no dia 30 de abril.

- **Roça Pride HC Festival:** evento de música estilo hard core, reunindo bandas da região. Foram duas edições do evento em 2010, foi realizado por jovens da região, incluindo membros do coletivo Pública Alternativa.

- **Corrida infanto-juvenil:** o Centro Cultural Donana e o Clube Caminhar com a coordenação do Prof. Carlos Mello realizaram a primeira corrida Infanto Juvenil do Centro Cultural Donana em 2014, um encontro com a participação de jovens e crianças da região. O evento foi patrocinado pelo grupo O Rappa, que, além dos troféus e medalhas, distribuiu lanche e água aos participantes. O grupo também doou violões que foram sorteados para os participantes. E contou com o apoio da Secretaria Municipal de Saúde, Secretaria de Defesa Civil e a guarda municipal de Belford Roxo pelo apoio de ambulância e segurança para a realização.

- **Movimento Bibliotecas Livres:** Movimento de voluntários, idealizado por Egeu Laus, gestor cultural e designer morador da cidade do Rio, cujo objetivo era de coletar livros doados e levá-los a outras regiões do Rio. No Donana foi instalado um caixote de feira pintado de amarelo, com um adesivo com explicação do projeto. Os livros ali colocados eram “livres”, podiam ser levados por qualquer pessoa, sem a obrigação de receber de volta, assim como livros podiam ser colocados no caixote por qualquer pessoa. O caixote foi instalado em 2013,

no mesmo dia em que aconteceu um segundo encontro com cineclubistas. Porém, teve que ser retirado durante as obras no Donana e ainda não foi repostado.

- **Teu cenário é uma Beleza:** oficina de literatura realizada aos domingos entre novembro de 2010 e janeiro de 2011. Ministrada pelo escritor Julio Ludemir, teve como objetivo incentivar aos jovens a produzir textos a partir de fragmentos da memória e do território periférico. Os textos foram publicados na internet⁷⁵:

- **Clique seu lugar:** em 2010, ao longo de um dia de oficina teórica-prática, jovens e crianças tiveram acesso a conteúdos de introdução fotográfica estimulando a experiência de fotografar o lugar no qual se vive, com o intuito de entender as suas particularidades e o olhar fotográfico. As fotos foram selecionadas para participar de uma exposição no Donana.

- **Festival Estética:** Em 2010, o Donana recebeu o Núcleo móvel da 2ª edição do Festival Estética Central, o evento contou com oito horas de produção de vídeos e exibição do material para o público.

- **Ateliê Digital Donana** (Oficina de Pintura Digital Livre do Donana): Esta oficina teve como objetivo introduzir o pensamento artístico através de atividades práticas, teóricas e palestras com profissionais da área com o objetivo de ensinar técnicas de iniciação na pintura digital. A oficina iniciou em maio de 2013 e contou com o patrocínio do Governo do Estado do Rio de Janeiro, através do edital chamada pública nº 014/2011 de projetos de cultura digital da secretaria de cultura do Estado do Rio de Janeiro, no qual formaram-se três turmas com oito alunos em cada. Todas as aulas foram oferecidas gratuitamente e realizadas com software livre.

Parte do financiamento desta oficina foi conseguido através de uma campanha no site “vakinha” e nas “passadas de chapéu” durante os eventos que aconteciam no Donana. A campanha foi descrita da seguinte forma: “Donana precisa de você! Que tal fazer parte de um importante movimento cultural na Baixada? Essa é a nossa primeira campanha de doação e acreditamos que com a ajuda de quem gosta e acredita que a cultura a arte são capazes de movimentar uma região poderemos alcançar esse objetivo!” Parte da verba arrecadada na campanha, entre final de abril e maio de 2013, foi utilizada para reforma na sala que abrigava o estúdio que estava sendo utilizada como depósito e compra de ar-condicionado.

⁷⁵ No blog <http://teucenarioeumabeleza.blogspot.com>

- **Ciclo de Experimentações na Arte: Entre o Virtual e o Tangível:** O projeto está sendo realizado na mesma sala do ADD (Ateliê Digital Donana), é um desdobramento das oficinas que vinha realizando no SESC Ramos em 2014 e 2015. Se trata de oficinas em Museus Virtuais (utilizando ferramentas digitais como street view e sites de museus do mundo inteiro); visitas orientadas em Museus no Rio de Janeiro e Curta Arte (sessões de cinema com debates), tendo como público-alvo jovens. É realizado em parceria com o artista plástico e meu companheiro Frederico Arêde, o qual leciona esta oficina.

Até o momento, foi formada uma turma e estão sendo dadas aulas para duas turmas com previsão de término em julho de 2016. Ao longo desta oficina, na primeira turma os alunos foram aos museus: MAM RJ (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro) e MNBA (Museu Nacional de Belas Artes), foi a primeira vez que os alunos entraram nesses museus, alguns sequer haviam entrado em um museu. O projeto recebe financiamento do edital Microprojetos Favela Criativa da Secretaria Estadual de Cultura do RJ junto com o Ministério da Cultura.

- **Oficina de teatro:** As aulas em 2013 foram lecionadas pelo ator Luis Santos, posteriormente, porém, por um curto período, pelo do ator Ramid Beneret.

- **Paisagem Segunda:** Entre os meses de outubro de 2011 e janeiro de 2012, o Centro Cultural Donana recebeu o Projeto Paisagem Segunda. Idealizado pela artista e educadora Fran Junqueira, o projeto realizou oficinas de desenho com a interação entre jovens moradores de Belford Roxo, Mangueira e alunos da UERJ e UFRJ.

O Donana também tem recebido frequentemente cursos, palestras ou oficinas voltadas para atividades de formação e capacitação na área cultural, que são realizadas em parcerias com diversas instituições:

- **Curso de Elaboração de Projetos Culturais para grupos da Baixada Fluminense** (2016): realizado pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro, Nilópolis, da Baixada, OiCult (Observatório da Indústria Cultural) e coordenado por João Guerreiro, está sendo realizado neste momento no Donana (entre 11 de junho e 30 de julho de 2016). O curso tem como conteúdo: prestação de contas, gerência financeira, política cultural, elaboração de orçamento, economia da cultura e outros. Conta com a participação (convidadas) de Adriana Facina, Adriana Lopes,

Eulícia Esteves, Janaína Tavares, Pamella Passos e Agência #TudoNosso. Foi um dos cursos mais procurados do Donana, chegando a receber oitenta inscrições.

- **Empreendedorismo:** palestra realizada em 2015 por Sandra Pedroso, consultora do SEBRAE em 2015, focando em tirar dúvidas sobre MEI (Micro-empendedor Individual). Esta palestra foi realizada por um convite realizado por mim para Sandra.

- **Curso de Empreendedorismo Sustentável:** Em parceria com o Instituto Empreender, o Donana recebeu o Curso de Empreendedorismo Sustentável em 2015. Atentando-se às questões cotidianas de sustentabilidade, o curso pretendia despertar a criatividade dos jovens na geração de renda, bem como orientá-los para a redução dos danos ambientais por meio da criação de serviços e/ou produtos sustentáveis para a comunidade.

- **Oficina Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural:** Em 2015 representantes regionais do MinC RJ/ES, da Secretaria Municipal de Cultura de Belford Roxo e do Terreiro de Ideias estiveram no Donana para realização de oficina de editais do Programa Cultura Viva: Edital Pontos de Mídia Livre; Edital Pontos de Cultura Indígena; Edital Cultura de Redes.

- **Curso de Gestão de Projetos Culturais:** Em março de 2013, o Donana em parceria com o Rio Criativo ofereceu o Curso de Gestão de Projetos Culturais. Foram 3 dias de oficina, cada dia um palestrante foi convidado para falar a respeito da gestão de projetos.

- **Palestra Editais de Fomento:** Em setembro de 2011 o Donana recebeu a Superintendência de Cultura e Sociedade da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro para a apresentação dos editais de fomento a iniciativas na área do Funk e de Lan House. Durante a apresentação esclareceram dúvidas sobre os editais, bem como, a elaboração de projetos que pudessem ser encaminhadas para estes editais. Vale ressaltar que o Donana foi contemplado num desses editais (Lan House) com o projeto Ateliê Digital Donana.

Além das atividades listadas acima, o Donana recebe pontualmente de forma voluntária aulas de música (canto, violão e teclado), algumas ministradas pelo Marrone outras pelo Dida, e terapia em grupo pela Iraci.

A maior parte das atividades mensais levam o nome “Donana”: Cineclube Donana, Sarau Donana, Reggae Donana... Dida diz que utiliza este recurso para ajudar na divulgação assim as atividades estarão sempre associadas ao Centro Cultural.

Anderson também faz parte da “geração dos mais novos”, mas dos que viram o surgimento do Donana. É jornalista e poeta. Ele é um dos responsáveis pela divulgação do Donana nas redes sociais, além de participar da mobilização e produção do Sarau Donana e articulação com outros Saraus do Rio de Janeiro.

Ivone Landim também faz parte da produção do Sarau. Membro do Coletivo Pó de Poesia, tem aproximadamente cinquenta anos, poeta, professora, chegou a frequentar algumas atividades do Donana no início dos anos 80: “O Donana não representava só Belford-Roxo, era a Baixada, as pessoas vinham de fora para o Donana”. (Entrevista com Ivone Landim, 2010)

Agora os filhos de Dida: **Azis Gabriel** e **Antonio Vitor**. Eles também moram na casa⁷⁶. Eles também ajudam o Donana. Gabriel tem 21 anos, está sempre disposto a ajudar com os equipamentos utilizados no Donana, principalmente, no Cineclubes, como as coisas estão na casa dele, ele sempre ajuda a procurar os cabos e plugs de áudio. Como falamos anteriormente, Gabriel também organizou o evento “Metal Donana”. Antonio Vitor é poucos anos mais novo do que o Gabriel, costuma ajudar na divulgação das atividades do Donana nas redes sociais e realizou um evento de música eletrônica com seus amigos em 2015, o evento contou com apresentação de Djs e palestra sobre o estilo musical.

Não podemos deixar de mencionar que esse processo de retorno do Donana foi num momento de criações de políticas culturais importantes dentro do cenário político pelo Ministério da Cultura (MinC), principalmente, por conta da entrada do Governo PT (Partido dos Trabalhadores) na presidência do país.

O Ministério de Cultura foi criado em 1985 pelo decreto nº 91.114 do presidente José Sarney. Antes pertencia ao Ministério da Educação, entre 1953 e 1985, era chamado Ministério da Educação e Cultura (MEC). Em 1999, durante o governo do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, o Ministério recebeu ampliações de recursos e estrutura, projetos culturais voltados ao teatro e cinema, porém, a maior parte dos financiamentos envolviam projetos com atores renomados, os quais foram contemplados pelo programa. Já em 2003, durante o governo Lula (PT), o Ministério foi reestruturado: recebendo representações Regionais em seis Estados (São Paulo, Rio de Janeiro,

⁷⁶ Recentemente Antonio Vitor saiu da casa (casou e teve filho, o Téo) e Gabriel ao longo da semana está morando no alojamento da UFRRJ (está cursando Engenharia).

Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pernambuco e Pará), foram criadas seis Secretarias (Fomento e Incentivo à Cultura, Políticas Culturais, Cidadania Cultural, Audiovisual, Identidade e Diversidade e Articulação Institucional) e uma Secretaria Executiva com três diretorias (Gestão Estratégica, Interna e Relações Internacionais). A partir de 2003, foram criados editais que atingissem grupos minoritários como o cine mais cultura, pontos de cultura, ambos do Programa Mais Cultura da Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural.

No início de 2016, o presidente interino, Michel Temer, após a sua posse, extinguiu brevemente o MinC por meio da medida provisória número 726, de 12 de maio de 2016. A extinção causou uma comoção nacional e, claro, recebeu muitas críticas negativas, poucos dias depois da extinção recriaram o Ministério, devolvendo à Cultura o status de Ministério.

Mencionamos isso, pois boa parte dos programas de políticas culturais exige dos proponentes a inscrição no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica. Podemos dizer que nesse momento foi um boom de “CNPJotização”, tanto de instituições quanto para artistas e jovens produtores, por conta da criação do MEI (Microempreendedor Individual)⁷⁷. O MEI também criado ao longo do Governo PT: em 2009 através da Lei Complementar federal 128/2008, e inserido na Lei Geral da Micro e Pequena Empresa (Lei Complementar 123/06) possibilitando a trabalhadores informais a regulamentação de seus serviços, inclusive a emissão de notas fiscais. Notas fiscais exigidas na prestação de contas de muitos editais tanto da Secretaria de Cultura do Estado do Rio quanto do Ministério da Cultura.

Isso reflete na quantidade de atividades voltadas à formação e capacitação na área cultural como gestão cultural, elaboração de projetos, gestão financeira e prestação de contas que o Donana vêm realizando ao longo dos últimos seis anos. E, claro refletindo também nas práticas do Donana: como a criação do CNPJ como associação e em algumas atividades, como o ADD e Ciclo de Experimentações na Arte, visando a adequação de determinados projetos para se enquadrarem nos perfis exigidos pelos editais.

⁷⁷ De acordo com o site do Portal do Empreendedor: O MEI é a pessoa que trabalha por conta própria e que se legaliza como pequeno empresário. Para ser um microempreendedor, é necessário faturar no máximo até R\$60.000,00 por ano. O MEI fica isento de pagar as tributações que uma empresa paga, paga somente um valor mensal no valor de R\$49,00 (prestação de serviços), dando acesso a benefícios como auxílio doença, maternidade, aposentadoria. Acesso em 13 de junho de 2016: www.portaldoempreendedor.gov.br

E nesse processo, o Donana contou com o suporte de Vagner e de Tarcísio. Tarcísio tem quase a mesma idade de Anderson, Vagner e Bárbara, também viu o nascer do Donana, é contador e filho de Iraci; assumiu, mesmo que distante, pois mora em São Paulo, algumas atividades contábeis do Donana, assim como a emissão de diversas certidões de regularidade fiscais que são exigidas nos editais da SEC RJ e MinC. Algumas certidões que precisam ser emitidas na Prefeitura de Belford Roxo são retiradas por um amigo da família: Paulo Crespo. Após a Ata de Fundação do Donana, em 2011, Dida assumiu o cargo de presidente, Vagner de vice-presidente; Tarcísio e Moacir de Conselheiros Fiscais; Josy, Anderson e Diego de Conselheiros Consultivos.

Estamos falando de tempos: três gerações Donana. Tempos que se dão na fala, na narrativa. Lembrando que existem escolhas na narrativa de se contar uma história de vida, escolhas que são ditas de forma a se criar um nexos: um sentido partilhado. Algumas escolhas criadas de forma mais elaborada, outras não. Essas formas de contar podem variar conforme a situação a elas colocadas. Em alguns casos podem gerar conflito. (RICOEUR, 1991)

O repertório de papéis sociais não só não está situado em um único plano, mas a sua própria existência está condicionada a essas múltiplas realidades. Com isso, talvez, possamos escapar de falsos problemas ditados por uma visão linear da experiência sociocultural.” (VELHO, 1994: 29)

Como observamos, quando interrogamos os sujeitos entrevistados: o que é o donana para você? Qual o seu envolvimento com o Donana? Existe uma tentativa de narrar os acontecimentos de forma linear, uma distensão do tempo que se dá na narrativa. E mais, como nos lembra Bourdieu:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significados e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. (BOURDIEU, 2006:185)

Quando transformamos as vidas das pessoas envolvidas no Donana em histórias, estamos contando uma sequência de acontecimentos aleatórios que fazem sentido quando são transformados em narrativa: nas respostas das entrevistas, nas práticas, na narrativa audiovisual, como veremos a seguir ao analisar o filme Donana.

2.3 Projeto, execução e consentimento: “Donana um sonho coletivo”

“Eu tinha um sonho: de realizar um trabalho diferente”.
(Entrevista com Severina Nascimento, 2009)

Todos no Donana tinham um sonho: um projeto. “O Donana é um sonho coletivo”, disse Diego em junho de 2009. Dida também fala que o Donana é um sonho coletivo, reforça ao dizer que o sonho seguiu em frente: alguns conseguiram realizá-lo [referindo-se a algumas bandas que fizeram e fazem sucesso: Cidade Negra e O Rappa]. Alguns sonhos são partilhados, imaginados, desejando uma continuidade, envolvendo campos de possibilidades, tensões e escolhas, sendo que as autonomias das escolhas podem ser relativas. O projeto e a memória estão atrelados:

“O projeto e a memória associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade. Ou seja, na constituição da identidade social dos indivíduos, com particular ênfase nas sociedades e segmentos individualistas, a memória e o projeto individuais são amarras fundamentais. São visões retrospectivas e prospectivas que situam o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações, dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão das etapas de sua trajetória”. (VELHO, 1994:101)

Velho conceitua campo de possibilidades a partir da fenomenologia de Alfred Schutz, como uma dimensão sociocultural, desigual e negociada, um espaço propício para a formação e implementação de projetos, buscando com isso analisar trajetórias e biografias (VELHO, 1994). Quando falamos de projeto estamos lidando com campos de possibilidades, ou seja, negociação da realidade e metamorfose. De acordo com Gilberto Velho⁷⁸, projeto e memória estão vinculados em dar sentido à vida, sendo assim, à própria identidade.

Lembrando que por mais que estejamos falando de um determinado grupo social ou um projeto coletivo, existem as diferenças e as contradições. De acordo com Gilberto Velho, “um projeto coletivo não é vivido de modo totalmente homogêneo pelos indivíduos que o compartilham. Existem diferenças de interpretação devido a particularidades de status, trajetória e, no caso de uma família, de gênero e geração” (VELHO, 1994:41).

⁷⁸ Em: VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

Falamos que a “retomada” do Donana é um termo sempre reativado, mas, ao mesmo tempo, pode ser questionado: o que seria essa constante retomada? E o que seria esse dever de continuidade? Para alguns membros da família, principalmente, os “mais velhos”, a fala corrente é a de que o Donana deve continuar:

“Foi a perda do movimento cultural. O Donana foi o primeiro Centro Cultural de Belford-Roxo, perdeu-se o divertimento e o conhecimento. A comunidade também perdeu com isso. Não houve um trabalho pensado para dar continuidade e o espaço reduziu. São os mais novos que tem que assumir à frente do Donana.” (Entrevista com Iraci Jovanholi, 2009)

Retornando a figura de Dona Ana, muito mencionada nas entrevistas, levanto duas questões: o que seria a ideia da possibilidade de existir algo “vivo” ainda? E qual a necessidade de continuidade de certas práticas? Bem como a própria ideia de intenção depositada em outrem:

“Mamãe morreu com 62 anos, a presença dela ainda é muito forte no nosso coração. Ela era muito sábia. O Centro Cultural tem que continuar, que é o que ela gostava. Ela era muito preocupada em ver o lugar crescer, a comunidade crescer. Gente de longe vinha para ser rezado por ela. Ela gostava de ajudar.” (Entrevista com Severina Nascimento, 2009)

“O Centro Cultural Donana foi uma forma de expressar o que havia descoberto em mim enquanto cultura e como artista. O meu sonho era dividir isso com a comunidade, o valor da troca de cultura e informação, a capacitação de pessoas para dar continuidade nesse trabalho, a expansão desse trabalho”. (Entrevista com Dida Nascimento, 2009)

“Muitas pessoas precisavam desse movimento para apresentar seus trabalhos, esse é um ponto de referência. Existem pessoas aqui na comunidade que nunca foram ao teatro. (referindo-se à comunidade de Belfod-Roxo).

São as recordações de pessoas que são músicos agora e eram crianças nas festas do Donana, a sensibilidade que passou a existir nessas pessoas, pois a arte traz isso. Houve vários encontros, pessoas que se conheceram e até casaram. Ainda está vivo o que eu faço, existe uma necessidade ainda, pois minha mãe já era ligada com a comunidade, já agregava pessoas como rezadeira, era uma líder.”(Entrevista com Dida Nascimento, 2009)

Márcio Graffiti, do Coletivo Anti Cinema, quando questionado: “Como é o Centro Cultural Donana para você?”, também fala da necessidade de continuidade do Donana e dele nunca ter “morrido”:

“É um lugar sagrado desde a década de 80, que tem uma importância muito grande para mim pois foi lá onde a cultura dos anos 80 teve força, valorizando o cenário Baixada e valorizando acima de tudo a cultura local. A banda KMD-5 foi um dos principais motivos que tornaram este local em um local sagrado, através de letras que falavam da vida na Baixada Fluminense e no intercâmbio existente entre os diferentes universos além baixada. Esse é um local que foi e é muito importante para o nosso território e que foi esquecido pelos governantes e pessoas que poderiam ajudar num trabalho mais prolongado. Mas que hoje está de volta na mão da galera do Cine Rock e de Dida Nascimento. Ou seja, o Quilombo Donana nunca morreu, apenas deu uma parada para dar a oportunidade a novas pessoas e com certeza este trabalho não irá acabar nem tão cedo. Pois os guerreiros reconhecem outros guerreiros e a luta sempre será o tema principal do Centro Cultural Donana. Que é e sempre foi um Quilombo na Baixada Fluminense”. (Entrevista com Márcio Graffiti, 2009)

Buscando costurar esses sonhos, projetos e execuções com outras falas e em outras situações, analisamos o filme Donana, realizado pelo Cineclube Mate com Angu, que nos permitirá entender algumas visões dos músicos que fizeram parte do Donana, principalmente, na sua “primeira fase”.

Bom, antes de analisarmos o filme, vale a pena entendermos o que é o cineclube Mate com Angu: o Cineclube Mate com Angu existe há doze anos na cidade de Caxias, na Baixada Fluminense, fazendo limites com Belford Roxo. Além de ser um ponto de exibição de filmes e de debates, é o principal produtor audiovisual da Baixada, utilizando a linguagem cinematográfica como ferramenta de pertencimento e diálogo:

O Cineclube Mate Com Angu nasceu da necessidade de alimentar na Baixada Fluminense uma movimentação e uma discussão sobre a produção/exibição de imagens e suas implicações sociais e estéticas na realidade e no modo de vida da região. Desmistificar o fazer cinematográfico, proporcionar ao público a experiência lúdica de uma exibição cinematográfica e dar-lhe uma contribuição mínima de dignidade e respeito. Se você sente essas coisas na carne, entre em contato! Cultura para uma melhor digestão. (CINECLUBE MATE COM ANGU apud GOUVÊA, 2007:29)

E entender que quando estamos falando de cineclube, falamos de um local de pertencimento e afirmação de identidade. Um local onde as pessoas se reconhecem e interagem uma com as outras. Um lugar de debate e participação no qual “o fundamental, contudo, era falar, sentir-se ouvido, reconhecido como alguém. Ao fazê-lo, evoca, seu próprio ‘pedaço’, exhibe laços, mostra, enfim, identidade que é produto de sua rede de relações” (MAGNANI, 1998:138). E não só isso, trata-se, inclusive, de um “escoamento” da pressão do mercado cinematográfico:

(...) já que ainda é uma pequena parcela da população brasileira que tem acesso ao cinema. Diante da lógica tão invisível quanto determinante do mercado, as opções de atividades culturais se mostram cada vez mais restritas, pois ficam condicionadas a uma ótica monopolista que acaba por esmagar qualquer particularidade. É vital a criação de espaços que possibilitem o contato com um outro tipo de manifestação cultural, um pouco mais livre dessa pressão mercadológica. Os cineclubes se mostram como o lugar propício para essa prática, difundindo obras cinematográficas que não têm lugar na rede de exibição comercial. (BUTRUCE, 2003:123)

Podemos pensar, aqui, na importância do cinema como recurso de afirmação de uma identidade e reconhecimento, como meio de uma identificação e forma de “vivência coletiva”, uma forma de experiência que inclui novos hábitos e vozes, uma transgressão ao que vem sendo produzido e imposto pela indústria cinematográfica (MARTIN-BARBERO, 2009).

No dia 30 de abril de 2014, dia da Baixada, o Mate com Angu estreou o filme “Donana”, no Lira de Ouro, em Duque de Caxias.⁷⁹ O filme narra a história do Centro Cultural Donana, pelo viés do movimento de música reggae, através das bandas: Cidade Negra, KMD-5, Cabeça de Nego, Nocaute, e artistas como Dida Nascimento, Lauro Farias, Da Gama, Ras Bernardo, entre outros.

O curta-metragem Donana possui 27 minutos, é dirigido por Cacau Amaral, um dos diretores de 5X Favela — Agora por nós mesmos — e integrante do Cineclube Mate com Angu. O curta apresenta uma justaposição de imagens das festas do Donana (anos 80 e 90) e das atuais rodas da capoeira organizada pelo Diornes e entrevistas realizadas na década de 2000 com Tataio (estilista, responsável pelo figurino do KMD5), Lilian (cabeleireira afro), Eliane, Dona Marina e com os músicos: Dida, Marrone, Ras Bernardo, Da Ghama, Lauro Farias.

O curta apresenta a memória das pessoas em relação ao Donana, bem como as pessoas se envolveram em algumas atividades e uma diversidade de linguagens artísticas das festas que aconteciam no Donana no final dos anos 80 e início dos 90, como: música, desfile de moda, dança, capoeira e artes plásticas.

No curta, os músicos falam de como iniciaram sua carreira, os músicos Dida, Marrone e Lauro escutam suas músicas e shows antigos do KMD-5. Falam como as coisas foram acontecendo de forma despreziosa. Isso fica evidente na seguinte fala do Lauro:

⁷⁹ A Sociedade Musical e Artística Lira de Ouro foi fundada em 1957. Localizada no centro de Duque de Caxias, desde outubro de 2006 a entidade, atualmente também é um Ponto de Cultura - ação do Programa Cultura Viva do Ministério da Cultura www.cultura.gov.br (GOUVÊA, 2007: 29).

“(…) quando começamos a tocar violão, todos nós, eu e meu irmão, e a gente começou a formar uma banda, tudo foi fluindo naturalmente. Dida fazendo a harmonia, Marrone no piano, meu irmão no ritmo, e eu naturalmente, comecei a tocar nas quatro últimas cordas né, naturalmente, nas quatro últimas cordas, não tinha nada o que fazer nas quatro últimas cordas, tinha essa necessidade de fazer, mas eu não sei exatamente por que (...).(Lauro Farias)

Lauro também fala do armazém que havia na casa de Dona Ana, de certos improvisos: pegavam os latões, sacos, papelões para transformarem em instrumentos, o próprio Dida fazia a guitarra artesanalmente.

Num momento do curta, o músico Ras Bernardo também fala do desejo de continuidade, dessa vez para o reggae: “(…) o reggae não para, não pode parar, principalmente pra quem acredita (...)”. Ras também fala que Dida era uma pessoa sensível: “Você foi um cara sensível (...) bem antes de 1990 você escreveu num papel (...) que o Reggae é a música dos anos 90”.

A partir das falas narradas no filme, podemos extrair também a própria ideia de representação, pois estes sujeitos buscavam, através de suas músicas, quebrar certos estigmas, principalmente da região onde moravam. Além disso, observamos no estilo musical reggae uma capacidade de comunicar algo com um viés político e uma relação com algo divino, espiritual, para Bob Marley, com uma carga de vibrações positivas.

Como na fala do músico Da Gama numa entrevista ao jornal Extra: “O mais importante é conseguir fazer essa junção de pessoas que sempre abordaram as questões sociais através da música. O reggae só resiste porque, por trás dele, tem energia, espiritualidade e mensagem social.”⁸⁰

Retornando à ideia de projeção, podemos encontrar também nas falas dos músicos Lauro Farias, Dida Nascimento, Marrone e Ras Bernard uma intenção de que as bandas formadas por crianças que se apresentavam nas festas do Donana, tocando as músicas da banda KMD-5, continuassem na carreira musical: “Com a mesma trajetória da gente [referindo-se à banda Camerino, formada por crianças], criando instrumentos artesanais, que eles mesmos produziam (...) estava vendo tudo acontecer de novo” (Lauro Farias).

⁸⁰ Entrevista do músico Da Gama para o jornal extra, disponível em: <http://extra.globo.com/noticias/rio/baixada-fluminense/da-ghama-vai-exaltar-as-raizes-musico-de-belford-roxo-prepara-cd-dvd-em-homenagem-baixada-fluminense-ao-reggae-3942823.html>

Uma observação importante é que, assim como nas entrevistas realizadas com os membros da família Nascimento, na análise das falas dos músicos no filme “Donana” é possível encontrarmos uma tentativa em se buscar uma linearidade para contar ora a história do próprio do Donana, ora a do movimento reggae. Um embaralhamento dos tempos. O tempo como uma experiência subjetiva que se dá na narrativa. (RIOCEUR, 1991)

Estamos falando de família, e de grupos de amigos, uma relação carregada de afetos, mas muito complexa, com muitas expectativas, algumas correspondidas e outras não. E no caso da família Nascimento, uma relação intergeracional, que, em alguns casos, podemos dizer hierárquica: entre “os mais velhos” e os “mais novos”, ficando alguns deveres, obrigações e responsabilidades comprometidas, principalmente, nas relações subjetivas que envolvem as expectativas depositadas em outrem. Assim como a família, a casa também é carregada de expectativas, deveres e obrigações. E, neste caso, expectativas que “precisam” ser correspondidas em diversas situações.

Ao longo dos anos que tentamos adentrar através das transformações da casa de Dona Ana e das práticas que envolvem todos os membros da família e vizinhança, estamos falando também de uma casa e tudo que pode ser atribuído a ela: um lar, abrigo, habitar, um lugar que abriga uma família. Uma casa que também foge ao comum das casas do bairro, com grafites espalhados por seus muros, sessões de cineclube, rodas de capoeira, festas, exposições e lar de Dida e seus filhos. Uma casa que resiste ao tempo e se recria da forma e da lógica, principalmente da lógica da gambiarra, que precisa para criar um experienciar de novas possibilidades de vida, novos mundos.

Capítulo 3 – Re-Existências: novas possibilidades, novos mundos

“As máquinas de guerra têm uma potência de metamorfose, pela qual elas certamente se fazem capturar pelos Estados, mas pela qual também elas resistem a essa captura e renascem sob outras formas, com outros ‘objetos’ que não a guerra (a revolução?).” (DELEUZE; GUATTARI, 1997:113)

Chegamos ao último capítulo da dissertação e para costurarmos as indagações, tramas, análises, relatos e entrevistas que vivemos neste breve momento, mergulharemos na figura de Dona Ana, para entendermos quem foi essa mulher: mãe dos fundadores e fonte de inspiração da criação do Donana, rezadeira e minha vó. E o que esta figura pôde ter influenciado na relação com a casa, reza, arte em suas múltiplas linguagens e manifestações e vizinhança.

Para tal mergulho traçaremos alguns percursos que podem nos ajudar nesta investigação: Quem foi Dona Ana? Seria Dona Ana um símbolo de mediação entre a casa, família e a comunidade? Como os lugares de afeto são construídos? Como manter algo vivo? Como Dona Ana pode habitar nesta casa, neste Centro Cultural?

Teremos como objetivo chegar a alguns destinos-respostas (conclusões): como as redes de relações de afeto são construídas? O que permite afetar e ser afetado? Como os desejos são fabricados, mantidos, alcançados e ressignificados? Como escapar da normalidade? Quais são as rupturas, as dobras, as fissuras que precisam ser feitas?

Como menciona o título, tentamos desenhar como são criadas novas possibilidades de existir no mundo, de se assegurar, de diferenciar da subjetividade normalizadora e como são criados territórios existenciais, outras configurações, outras formas de se viver no bairro Piam, na cidade de Belford Roxo, na Baixada: como re-existir?

Quanto às fissuras, entraremos nelas ancoradas pelos autores Gilles Deleuze e Félix Guattari. Os autores utilizam o termo “máquinas de guerra” para designar os movimentos de ruptura. As formações sociais para eles são processos maquínicos, capazes de modificações, assumindo a potência de resistência, são máquinas abstratas ou máquinas desejanças.

Aprofundaremos nas construções de redes de relações de coletivos e artistas da Baixada, analisando os sentimentos grupais e laços que muitas vezes são carregados de responsabilidades e afetos, e até numa tentativa de criar “maneiras de organização para lidar com ‘problemas coletivos’ do local”. (ELIAS, 2000:104) E como esses sujeitos se identificam como grupo e o

que os mantêm reunidos? Como o tamanho dos grupos são determinados em relação a sua luta por existir? (PARK, 1973) E ainda, como estabelecem um forte vínculo, identificando-os como nós e pertencentes a “um intenso sentimento grupal”, a uma rede? (ELIAS, 2000:103)

Neste contexto, lançamos mais alguns questionamentos: como essa rede inventa meios e é reinventada para se assegurar como protagonista em seu território, na luta por existência, inserção, reconhecimento e diferenciação. O que a move? Quais são os desejos?

3.1 Mitos, heróis, rezadeiras: o legado de Don' Ana

*Donana Mãe Bela
Donana criou uma grande aquarela
de tinta, de Dida, de filhos de netos
Donana criou uma orquestra
de som, de bateria, berimbau, guitarra
triângulo e teclado
Arado de fé e reza
Donana Mãe Bela
Que deixou a herança
do bem, o bom, do lúdico e estético
Dança, capoeira e poesia
Em Donana tantos risos
Tantas mulheres faceiras...
Donana criou uma aquarela
de história para o amanhã
Mãe Bela na passarela da Piam
Recontando as memórias das crianças
Donana mãe da esperança
que continua sendo a nossa
guia de alegria
Donana, Nossa Donana
Nos gerou sem dor
Donana tem que continuar
Pela volta do amor
(Ivone Landim)*

Dona Ana, mulher, nordestina, mãe de onze filhos, rezadeira, “a raiz da família, de uma linhagem, além de ser muito alegre” (Iraci). Dona Ana criava cantigas, rezava para curar os outros, principalmente os vizinhos. Carregava a oralidade consigo, beirava ao misticismo, a magia, a fé. Possuía o calor humano, uma figura mágica e singular dentro da cultura das rezadeiras, parte do imaginário popular: cumpria o papel de milagrosa.

Dona Ana veio da região Nordeste do Brasil para o Rio de Janeiro, carregando tradições populares, projetos e esperança por dias melhores. Chegara ao Rio de Janeiro, terra distinta da sua, mas carregada de sotaques comuns aos seus. Dona Ana não veio sozinha.



Imagem 14: Fotografia Seu José e Dona Ana. Acervo Pessoal

Dona Ana procurava nas ervas e nas rezas acalentar o próximo. Grande parte do seu tempo dedicava-se a ajudar os outros, representava a medicina popular, na contramão da medicina estabelecida. Era transgressora de um espaço formalizado, tanto da igreja quanto dos hospitais. Rompia com o estabelecido que fora imposto, fugia da normalidade ao quebrar com as regras ditas como aceitas, pois não estava na Igreja e nem no Hospital, estava em casa, curando, rezando.

Dona Ana, a mulher que reza, uma mistura de fé, dom, solidariedade, afeto e saberes populares. Inspirava a confiança, criou em sua casa e no seu bairro um vínculo com os vizinhos: um lugar de afeto. Carregava a memória oral construída na narrativa: o ato de rezar. Amalgamava ramos de planta e fé para acalentar e rezar os outros.

Dona Ana não se encaixava nos padrões normalizadores, nem seus filhos, filhas, netos e netas e a sua casa não poderia ser diferente. Dona Ana gerou heróis: heróis por resistirem. Como nos lembra Certeau:

(...) “Trata-se de uma multidão móvel e contínua, densamente aglomerada como pano inconsútil, uma multidão de heróis quantificados que perdem nomes e rostos tornando-se a linguagem móvel dos cálculos e racionalidades que não pertencem a ninguém. Rios cifrados da rua” (CERTEAU, 1990: 58)

Inventava uma nova relação, um novo lidar com o mundo. Desobedecia a ordem das coisas, transgressora ao seu tempo.

“Ela era a líder matriarcal, porém quando surgiu o Donana ela já tinha falecido, mas ela acompanhou todo nosso interesse pela cultura, ela queria ajudar todos os filhos. Ela cantava cantigas do nordeste para as crianças.” (Entrevista com Dida Nascimento, 2009)

“Antes do Donana era casa da minha mãe, mas a cultura sempre funcionou indiretamente. Minha mãe era uma pessoa muito fervorosa com Deus, sentia os sentimentos das pessoas. A nossa casa era muito procurada e muito alegre. Ela fazia comida no Natal, era aberto para comunidade.” (Entrevista com Iraci Jovanholi, 2009)

Dona Ana é a casa, a casa é Dona Ana, a casa é o lugar de uma família de muitos irmãos, irmãs, vizinhos e vizinhas que foi dando espaço para o Armazém, a Escola, o Centro Cultural, a casa de Dida. “A casa é um corpo” (COUTO, 2003:12), seria essa casa a corporificação de Dona Ana?

A casa sendo esse corpo “estranho” que transmuta de acordo com o tempo. Percorre caminhos distintos e recebe múltiplas funções. Ela habita em nós, assim como habitamos nela. É um pouco de cada indivíduo, de cada história de vida:

(...) “Aprenderá como se diz aqui: cada homem é todos os outros. Esses outros não são apenas os vivos. São também os já transferidos, os nossos mortos. Os vivos são vozes, os outros são ecos. Você está entrando em sua casa, deixe que a casa vá entrando dentro de si.”(...) (COUTO, 2003:24)

Dona Ana: Centro Cultural Donana. A todo tempo o seu nome é ativado, lembrado, vivido. Ditos populares falam que quando uma benzedora ou rezadeira morre é preciso encontrar outra para colocar em seu lugar. Seria o Centro Cultural esse lugar? Esse “legado”? Esse lugar de tradições mutáveis?

A maior herança que minha vó deixou foi um centro cultural, e uma família que percebe e apoia a criatividade e a inventatividade. Se existe um legado é esse aqui. E os muitos desdobramentos que me fizeram perceber o mundo de uma outra forma. Isso facilmente pode ser escutado por membros da família, principalmente, aos mais próximos do Donana, lembro que quando fiz minha primeira viagem internacional agradei por minha vó ter permitido investigar esses processos de alguma forma. Sabemos que o continuar desse legado exige esforço e um campo de constante negociações.

Como já mencionamos e trago de volta: “a presença dela ainda é muito forte no nosso coração. Ela era muito sábia. O Centro Cultural tem que continuar que é o que ela gostava” (Severina Nascimento). Esse constante ir e vir temporal, a presentificação da Dona Ana na narrativa “(...) é o caso da onda convergente e do potencial antecipado, que implicam uma inversão do tempo. Mais que os cortes ou os ziguezagues, são essas causalidades às avessas que rompem a evolução.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997:105)

Essa casa, esse Centro Cultural é um jeito de manter Dona Ana viva, presente na vida de cada um que habita em sua casa, rompendo as barreiras temporais. É como se Dona Ana continuasse ali na casa: as vibrações positivas, o sentimento de proteção e o acolhimento, tornando essa casa uma espécie de refúgio. A arte como refúgio, a casa como refúgio. Mas como essa casa pode em nós habitar? Quais são os campos de possibilidades, negociações da realidade e metamorfoses?

3.2 “Baixada é cruel os sinistros são de bel”⁸¹ - coletivos, gambiarras e improvisos

“Aqui a ralé é chique, na BXD sou local”.(Marcão da Baixada)⁸²

No primeiro capítulo desta dissertação, entramos no território Baixada, mais especificamente Belford Roxo, marcado por traços de estigmas, violência e caos, traços difíceis de serem descolados deste território, pois são sempre ativados discursivamente. Mas nas esquinas e nos becos surgem os “sinistros”, como diz o funk. Os “sinistros” são de Bel, referindo-se à cidade de Belford Roxo, ser “sinistro” na gíria do Rio de Janeiro é sinônimo de “irado”, “legal”, “bonito”, e mais, o sujeito “capaz” e “sagaz” de encontrar meios de articulação e sobrevivência na cidade:

“Tais signos, que poderiam indicar, por um prisma hegemônico, sinais de estigmatização, tais como nascer e viver em lugares discriminados, construídos como degradados, como lugar da falta, passam a ser mecanismos valorizados através de estratégias de posituação: formas de dançar e mexer com o corpo; capacidade de se mover pela cidade, conhecer as “quebradas”, não temer o contato, circular; capacidade de falar sobre a experiência do cotidiano, uma poética de vida que se encontra também em uma poética sobre a vida, através de manifestações artísticas diversas; a gambiarra, o jeito, a sagacidade como formas de vencer as agruras mas também de explorar a criatividade humana; o afeto e a solidariedade vivenciados e pranteados como valores perdidos pelas classes hegemônicas; as necessidades e enfrentamentos cotidianos como escola e preparação para lutas políticas mais vigorosas e mais “verdadeiras”, envolvendo, inclusive, a coragem de denunciar a prática estatal da violência, do controle e da desigualdade.” (ENNE; GOMES, 2013: 51)

Transformar a vida, criar linhas de fugas. Como esses processos são exercidos pelo Donana? Não podemos deixar escapar nesta investigação como as relações e estruturas de poder são entendidas, percebidas e negociadas:

“(…) o poder já não se exerce desde fora, nem de cima, mas como que por dentro, pilotando nossa vitalidade social de cabo a rabo. Não estamos mais às voltas com um poder transcendente, ou mesmo repressivo, trata-se de um poder imanente, produtivo. Um tal biopoder não visa barrar a vida, mas se encarrega dela, intensifica-a, otimiza-a. Daí também nossa extrema dificuldade em resistir, já mal sabemos onde está o poder e onde estamos nós, o que ele nos dita e o que dele queremos, nós próprios nos encarregamos de administrar nosso controle, e o próprio desejo se vê inteiramente capturado nessa dinâmica anônima. (...)” (PELBART, 2008:1)

⁸¹ Trecho da música Baixada Cruel , possivelmente do MC Jenniffer e DJ Ratinho .Não consegui encontrar informações precisas sobre os autores da música.

⁸² Trecho da música Baixada em cena , do músico Marcão Baixada.

Em Foucault, nos deparamos com a regulamentação da vida, da bio-regulamentação pelo Estado através das escolas, hospitais e prisões. Uma sociedade normalizadora onde a norma transita entre o corpo e a população, a força e a efetividade dessas normas estão na imanência. Mas sabemos que existem os escapes, as dobras, questionamos como agir de forma diferente numa sociedade de controle? Quais são as linhas de fuga possíveis?

“(…) Se é verdade que por toda a parte se estende e se precisa a rede da “vigilância”, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também ‘minúsculos’ e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; enfim, que “maneiras de fazer” formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou “dominados?”), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política.” (CERTEAU, 1990: 41)

Uma das formas de entender o Donana e sua constante mutabilidade e adaptação é através do cenário do Sarau Donana.

O Donana, como quintal da casa de um artista plástico, serve de abrigo para os mais diversos materiais: aqueles encontrados na rua, no ferro velho, de doação, telas, tintas, resquícios de infância... que vão se acumulando no quintal-atelier-centro cultural. Peças antigas e novas se confundem, os tempos se mesclam na teatralidade deste quintal. Uma forma de lidar com esse montante de objetos e seus significados foi ressignificá-los, identificando-os como o Sarau Donana.

O cenário do Sarau é uma justaposição de elementos: pneus, tampa de vaso, madeiras, plantas, uma televisão antiga e pesada cuja imagem “chuvisca”. Para Dida, a televisão colocada ali, ligada e fora do ar, representa que as pessoas que estão no Donana estão socializando e vivenciando o “agora”, “desconectadas” de um mundo criado pela mídia, pelas manchetes dos jornais. A televisão ali representada é o estar em sintonia com o Donana, com aquele momento, único: o presente, a festa, o Sarau.

Caixas de som, arquivo, material de pintura, capas de instrumentos, telhas, refletores e diversos outros objetos que vão surgindo ao longo do tempo. Uma montagem de elementos que nada têm em comum, parecem que foram jogados ao acaso, mas foram escolhidos por Dida para formarem uma imagem, um cenário: a identidade visual do Sarau Donana. Em alguns momentos, um elemento ou outro desaparece e dá lugar a outro, sem perder a sua representatividade: uma gambiarra, o caos, a bricolagem.



Imagem 15: Fotografia do cenário do Sarau Donana (por volta de 2011). Acervo: Centro Cultural Donana



Imagem 16: Fotografia do Sarau Donana (2016). Foto: Frederico Arêde

Dida é o artista inquieto, nas pinceladas de seus quadros é possível perceber as densas camadas de tintas, cores e abstrações. Não se permite deixar de inventar formas para que suas criações ganhem espaços, vidas, como é o caso de toda terça e quinta abrir a porta de sua casa para dar aulas de capoeira para as crianças da vizinhança. Ele abre a porta mesmo sem ter a

certeza que alguma criança entrará no seu quintal e ficará durante uma hora e meia praticando a capoeira.. Está sempre preocupado com o imagético, a criação de um espaço cênico, a elaboração de um novo objeto artístico. Seu vínculo⁸³ com a cenografia e artes visuais facilitam a criação e execução de cenários para os eventos do Donana, atividades e suas apresentações em shows.

Como já mencionamos no capítulo anterior, o Sarau Donana acontece mensalmente, todo último sábado do mês, há seis anos. Cada evento reúne convidados diferentes: grupos de cultura tradicional (seresta, dança cigana, maracatu e outros), banda de jazz, rock, reggae, pop, dentre diversos outros estilos musicais, pesquisadores, professores, cineastas, cineclubistas, artistas plásticos e, claro, poetas de diversas partes do Rio de Janeiro. O evento é apresentado e coordenado pelo Coletivo Pó de Poesia, existente há mais tempo, tendo sido criado em 2008. Às vezes a programação é decidida pelo Coletivo com meses de antecedência, outras com pouco tempo entre um Sarau e outro. Muitos artistas, músicos e poetas procuraram o Coletivo pessoalmente, ou pela página do Donana no facebook para poderem participar da programação do Sarau. Ainda assim, há sempre o risco dos imprevistos.

A cada Sarau, Dida fazia artesanalmente uma faixa para divulgar o evento. A faixa era pintada manualmente, letra por letra, a cada edição do Sarau: uma flor de um lado e um megafone do outro, no meio escrito “Sarau Donana. Apresentação Coletivo Pó de Poesia” e abaixo outra faixa com a programação e horário, sendo as letras parecidas com a logo do Donana, que também foi criada por Dida. Após pintar a faixa, Dida a fotografava e criava um evento na rede social facebook, colocando a foto como capa do evento. Em seguida, pregava a faixa no muro do lado de fora da casa para que os moradores pudessem ver a programação. Ele não conseguiu manter esse processo por muito tempo, pois gastava muito material e exigia uma dedicação mensal. Hoje a faixa, apenas com o nome do Sarau e do Coletivo, sem a programação, compõe o cenário do Sarau. Alguns vizinhos quando encontram a porta aberta do Donana perguntam quando terá festa, as crianças, muitas vezes, entram logo sem perguntar nada, às vezes perguntam: “vai ter filme hoje?” ou “vai ter capoeira?”.

⁸³ Durante muitos anos Dida fez cenários ao lado de equipes de Cenografia e Direção de Arte para novelas e minisséries da Rede Globo e para Escola de Samba Salgueiro.



Imagem 17: Fotografia da Faixa do Sarau Donana (2010). Acervo: Centro Cultural Donana



Imagem 18: Evento do Sarau Donana utilizando a “faixa” na rede social Facebook

A produção de faixa é bem comum na cidade, um trabalho manual feito por pequenos artesões no próprio quintal da casa, sendo, em geral, feita por encomenda. É uma forma de divulgação econômica, o material é barato: tecido “morim” e sarrafo de madeira nas duas extremidades da faixa para fixar no muro, em média é cobrado vinte e cinco reais por metro de faixa. É muito usado em cidades da Baixada para divulgação de eventos, principalmente festas, campanhas políticas, comércio local e programação dos cultos das igrejas.



Imagem 19: Fotografia do Sarau Donana na IFRJ. Acervo: Pessoal

Em 2015, o Donana foi homenageado pela produtora Terreiro de Ideias, sediada na Baixada Fluminense, no encontro Território Baixada.⁸⁴ Nesta homenagem, além da reunião de diversos pesquisadores, artistas, músicos, poetas e produtores culturais, tivemos a exposição “Percurso e Trânsitos: Viva Donana!,” com curadoria de Anna Carolina e texto de Diogo Nunes, a apresentação do Sarau Donana e uma mesa coordenada por João Guerreiro, professor e coordenador do curso de produção cultural da IFRJ. A exposição e a apresentação do Sarau foram realizadas no próprio Donana, contando com imagens de arquivos, reportagens, vídeos, indumentária e instrumentos. A mesa aconteceu no Instituto Federal do Rio de Janeiro em Nilópolis, também município da Baixada, e contou com as falas de Jussara Gomes, Ras Bernardo,

⁸⁴ O Território Baixada é produzido pela Terreiro de Ideias, consistindo de um ciclo de encontros entre realizadores com debates e laboratórios que pensam os caminhos da criação e da produção no território Baixada Fluminense. (Extraído em 27 de maio de 2015 da página do Território no facebook: <https://www.facebook.com/territoriobaixada>)

Eliane Mendonça, Liliam Mendonça, Tatayo, Dida e a minha, além de rap-homenagem de Lisa Castro e performance poética de Josy Louzada. A mesa, que teve como objetivo traçar as diferentes gerações de músicos e artistas de Belford Roxo, foi nomeada de “Lá em Belford Roxo: O legado de Dona Ana e o som da cidade do amor”. O que quero destacar aqui é a imagem do palco da IFRJ, que recebeu uma parte do cenário do Sarau Donana: a faixa, as madeiras, tubos de plástico, tampa de vaso sanitário, roda, caixote...

Assim como o cenário, a casa metamorfoseia constantemente, dá lugar à festa, cineclube, palestra, reunião familiar, abrigo, lar. Tudo meio que no improviso, na correria, pois não sobra muito tempo para sanar todas as demandas da casa e do centro cultural, uma vez que todos envolvidos no Donana trabalham em outras atividades, muitas vezes não relacionadas com as realizadas no Centro Cultural. Pois como já mencionamos no segundo capítulo, não é sempre que o Donana recebe financiamento de algum edital, e quando recebe, a verba não dá conta da realidade local. Como exemplo disso, podemos citar alguns editais que não permitem pagar contas fixas como contador, conta de luz, telefone, manutenção ou a verba demora até um ano para entrar na conta do projeto, correndo o risco de sequer ser recebida⁸⁵. E quando há patrocinadores diretos, como O Rappa — que financiou diversas atividades, uma super-reforma estrutural no espaço Donana (ainda em andamento) e compra de novos computadores, projetor e outros — o patrocínio pode variar de acordo com a disponibilidade financeira, principalmente em momentos delicados de crise econômicas e políticas (globais e locais) ou interesses situacionais.

O Donana metamorfoseia-se de acordo com as situações. A inventividade humana que foge do “esperado” não está descolada dos sistemas que a controlam, (...) “elas desenham as astúcias de interesses outros e de desejos que não são nem determinados nem captados pelos sistemas onde se desenvolvem” (CERTEAU, 1990:45). Ou seja, a bricolagem, a “inventividade artesanal”: “(...) reproduz o sistema ao qual pertence e deixa fora do seu campo a proliferação das histórias e operações heterogêneas que compõem os patchworks⁸⁶ do cotidiano.” (CERTEAU, 1990: 46)

⁸⁵ É o caso do edital do Ponto de Cultura que o Donana foi contemplado em 2014 e até o momento não existe previsão da liberação da verba, se quer se ainda vai ser liberada, principalmente, por conta da recriação do MinC e da crise do Estado do Rio de Janeiro.

⁸⁶ Grifo do autor.

Ao analisar o programa de TV NoAr, desenvolvido pela ONG Alpendre, exibido na TV Ceará, Alexandre Barbalho⁸⁷ também recorre a Certeau, Foucault, Deleuze e Guattari, abordando as políticas para minorias, no caso o movimento minoritário da juventude, levando em consideração o termo minoritário como devir minoritário, potências minoritárias. Já aprofundaremos esse conceito. Segundo o autor, “(...) trata-se, como define o jovem apresentador, de um ‘programa-oficina’, portanto que não tem a obrigação de acertar, mas de inventar, de questionar, de arriscar” (BARBALHO, 2013: 179).

Essa inventividade não acontece de forma isolada, para os autores Gilles Deleuze e Felix Guattari existem dispositivos que permitem criar rupturas em relações rizomáticas:

“(...) dispositivos que possibilitam uma articulação de um novo tipo; dispositivos que permitem criar tanto estruturas de defesa, como estruturas mais ofensivas; dispositivos que permitem criar aberturas e contatos, impossíveis de se realizar no isolamento (quando se está isolado, fica-se desprovido de meios e a tendência, nesse caso, é dobrar-se sobre si mesmo, para se proteger). São dispositivos vivos⁸⁸, porque encarnados no próprio campo social, em relações de complementaridade, de escoramento – enfim, em relações rizomáticas. (GUATTARI, 1996: 125)

Para Deleuze e Guattari: “toda difusão procede do meio, pelo meio, como tudo o que ‘brota’, do tipo rizoma” (DELEUZE; GUATTARI, 1997:110) “só há difusão pela comunicação de potenciais de ordem muito diferentes”. Para os autores, não há uma lógica binária: molar e molecular não são oposições. Elas coexistem “em perpétua interação.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997:104).

Segundo os autores, molar é o aparelho de captura ou aparato, é fixo, sua segmentaridade é dura, já molecular são as máquinas de guerra, máquinas abstratas ou máquinas desejanter – são nômades, a segmentaridade é do tipo flexível, é resistente à sedução da unidade, sua relação é do tipo rizomática, a potência de resistência. As máquinas de guerra são os bandos, falanges, a desterritorialização, reterritorialização, decodificação, são multiplicidades de maltas (matilhas) e de massas, não formam um povo, mas uma multidão de multiplicidades anômalas e nômades: multiplicidades de devir. A ruptura e recriação. Diretamente nas palavras dos autores:

⁸⁷ Alexandre Barbalho é autor do livro em questão: BARBALHO, Alexandre. A criação está no ar: juventudes, políticas, cultura e mídia. Fortaleza: EdUECE, 2013. 200p.

⁸⁸ Grifo do autor.

“Nós definimos as formações sociais por processos maquínicos e não por modos de produção (que, ao contrário, dependem dos processos). Assim as sociedades primitivas se definem por mecanismos de conjuração-antecipação; as sociedades com Estado se definem por aparelhos de captura; as sociedades urbanas, por instrumentos de polarização; as sociedades nômades, por máquinas de guerra; as organizações internacionais, ou antes, ecumênicas, se definem enfim pelo englobamento de formações sociais heterogêneas. Ora, precisamente porque esses processos são variáveis de coexistência que constituem o objeto de uma topologia social, é que as diversas formações correspondentes coexistem. E elas coexistem de dois modos, de maneira extrínseca e de maneira intrínseca.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997:110)

Guattari⁸⁹ utiliza alguns termos para definir certos processos de ruptura e modos de produções de subjetividades capitalísticas dos quais podemos nos apropriar: Revolução Molecular - seria a “função de autonomia”, uma “atitude ético-política”; Processo de Singularização - “seria o fato, mais objetivo, de uma singularidade desprender-se dos estratos de ressonância e fazer proliferar e ampliar um processo, que poderá ou não encontrar uma estrutura ou um sistema de referência intrínsecos”; Autonomia - “se refere mais a novos territórios, novos refrões sociais”; Alternativas - “podem ser tanto macro, quanto micropolíticas”; Minoria – seria “um dever minoritário (exemplos: um dever minoritário para a literatura, que seria uma saída das redundâncias dominantes, um dever criança, um dever multidão etc.); Marginalidade – seria mais ‘sociológico’, mais passivo”, ou seja o processo de segregação nas quais as pessoas são vítimas, “(...) no fundo, tudo o que não entra nas normas dominantes é enquadrado (...) há portanto, processos de marginalização social à medida que a sociedade se torna mais totalitária, e isso para definir um certo tipo de subjetividade dominante, à qual cada um deve se conformar”. (GUATTARI, 1996: 122).

Dever é o vir a ser em fluxo, o processo, um contínuo de intensidades, que permite criar cartografias dos desejos, uma linha de fuga, o ser criador, “(..) um dever é a possibilidade (ou não) de um processo se singularizar diante das estratificações dominantes de uma sociedade; é a capacidade de subjetivação de uma minoria que escapa à individualização em série do capital (...)” (BARBALHO, 2013: 35). Portanto, todo dever é minoritário. Deveres minoritários são fluxos, desterritorializados, são as revoluções: desestabilizam o estabilizado.

A lógica da gambiarra e do improvisado da manutenção e criação artística do Donana e do programa de TV NoAr exigem sagacidade, diferenciação, ruptura.

⁸⁹ No livro Micropolítica Cartografias do Desejos, em resposta às formas de organização e articulação de movimentos de minorias feita num debate na UFSC em 1982.

Outro caso que podemos citar, para ilustrar nosso argumento acima exposto, foi a mobilização na arrumação do Donana para a mais recente oficina: o Ciclo de Experimentações nas Artes, já mencionado no capítulo anterior. Novamente foi feita uma arrumação na casa: a sala que abriga as aulas estavam repletas de materiais (telas, tintas, instrumentos musicais, papéis, caixas...), mal se podia entrar. Dida retirou todos esses materiais, colocou no quintal e foi arrumando aos poucos. Vagner e eu passamos uma tarde de domingo instalando os computadores e terminando de arrumar a salinha para que as aulas pudessem começar naquela mesma semana. Esse rearranjo da casa é constante, a cada Sarau, palestra, sessão de cineclube...

Durante as aulas desta oficina, escuto de uma aluna no dia de exibição do Cineclube, parte da programação do Ciclo de Experimentações na Arte: “como vocês conseguem solucionar tudo?”. Neste dia estávamos com problemas na projeção, os donos da casa, Dida e Gabriel, não estavam, geralmente eles já deixam tudo organizado ou estão sempre dispostos a me atender. Como não foi o caso, Frederico e eu tivemos dificuldades em localizar cabo, não conseguíamos nos entender com a mesa de som e o meu laptop e só conseguíamos ligar o projetor com um cabo do rodo. Enfim, a aluna não se deu conta que a nossa movimentação era para “adaptar” a sala de exposições, ficando admirada ao perceber a sala que antes estava acostumada a ver só de um jeito - iluminada, com quadros e pôsteres sobre a história do espaço e do reggae - virou uma sessão de cineclube com um filme imprevisto, um tapete improvisado numa porta servindo de cortina para quebrar a iluminação e a cortina da outra porta fechada com pregador de roupa. Imagino como seria a sua reação se o projetor ainda fosse preso no caixote de feira, como em 2009, ano que as exposições do cineclube começaram!

A lógica da gambiarra é meio assim. As coisas vão assumindo uma dimensão em que muitas vezes não conseguimos explicar como deu certo ou não. Quando vamos ver, já foi.

Ainda nas aulas desta oficina, costumo ouvir de dois alunos que o Donana é um espaço mágico, que tem uma “energia, algo difícil de explicar, só de sentir”. Um lugar de possibilidades que permite recriar o mundo, vivenciá-lo de outra maneira. Os afetos ou desejos seriam os impulsos criadores, as máquinas desejantes, a criação, o processo. Os impulsos que permitem Dona Ana, Dida, Diego, o Coletivo Pó de Poesia, Cineclube Mate com Angu e tantos outros coletivos e artistas da Baixada romperem, serem máquinas de guerra ...

3.3 “Selva de concreto, cara, você tem que dar tudo de si”⁹⁰: Re-Existir e a ótica da resistência como a própria arte de existir

(...) “primeiro você deve acreditar que o mundo à sua volta não é algo “dado” e definitivo, que é possível transformá-lo e que você mesmo pode ser alterado ao se dedicar à tarefa de mudá-lo.” (...) (BAUMAN, 2009: 89)

Estamos às margens, não só da cidade grande, mas de tudo que ela representa, “As ruas são microcosmos entrando em colisão, subjugando-se o caos através da abstração, Atração inevitável entre o perigo e o lazer” (Slow da 2012)⁹¹. Estamos na luta diária, na luta por sobrevivência, criando, inventando e reinventando novas possibilidades, novos mundos, novas maneiras de (re-) existir.

“A marginalidade é o lugar onde se podem ler os pontos de ruptura nas estruturas sociais e os esboços de problemática nova no campo da economia desejante coletiva. Trata-se de analisar a marginalidade não como uma manifestação psicopatológica, mas como a parte mais viva, a mais móvel das coletividades humanas nas suas tentativas de encontrar respostas às mudanças nas estruturas sociais e materiais.” (GUATTARI, 1981: 46)

Nas tentativas de encontrar respostas e não cruzar os braços diante dos estigmas impostos e do que é esperado, é que as coletividades humanas criam formas inusitadas de estar no mundo, como diz Eduardo Galeano: “Tudo nos é proibido, exceto cruzar os braços? A pobreza não está escrita nas estrelas, o subdesenvolvimento não é fruto de um obscuro desígnio de Deus. Correm anos de revolução, tempos de redenção. (...) (GALEANO, 2010:14)

E nesses tempos de redenção e revolução, as máquinas desejanter rompem, passam a questionar o estabelecido: a viver de outra maneira. Deleuze no livro *Conversações* discute as obras de Foucault em formas de entrevistas, no qual Deleuze é entrevistado por várias pessoas, cada entrevista recebe um título, ficaremos na titulada “A vida como obra de arte”⁹². Na entrevista Deleuze fala de “processos de subjetivação” do pensamento, de modos de existência, estudados por Foucault, citando Nietzsche “(...) a invenção de novas possibilidades de vida. A existência não como sujeito, mas como obra de arte (...)” (DELEUZE, 1932:120)

⁹⁰ Livre tradução da música *Concret Jungle* do Bob Marley. No original: (...) *Concrete Jungle, oh man, you’ve got to do your best* (...)

⁹¹ Trecho retirado da música *Baixada*, do músico Slow da BF.

⁹² DELEUZE, Gilles. *A vida como obra de arte*. In: *Conversações*. 1. ed. - São Paulo, Editora 34, 1932.

E, ainda, uma ética da existência. Ética, por oposição à moral, termo utilizado por Foucault. (...) “a ética é um conjunto de regras facultativas que avaliam o que fazemos, o que dizemos, em função do modo de existência que isso implica” (...) (DELEUZE, 1932:125). Em Nietzsche, numa vontade de potência.

Um estilo de viver, a capacidade de invenção de novas “possibilidades de vida”, o próprio devir. Que produzem a existência como obra de arte. Até mesmo num cuidado de si, o que implicaria numa conversão do mundo exterior em direção a si, que se codificam em ações exercidas para si pelas quais nós nos modificamos. Como nos lembra Bauman: “(...) você deve ter acreditado ser um artista capaz de criar e moldar coisas, tanto quanto pode ser, você mesmo, um produto dessa criação e moldagem...” (BAUMAN, 2009:89). E mais:

(...) “A vida não pode deixar de ser uma obra de arte se é uma vida humana - a vida de um ser dotado de vontade e liberdade de escolha. Vontade e escolha deixam suas marcas na forma da vida, a despeito de toda e qualquer tentativa de negar sua presença e/ou ocultar seu poder atribuindo o papel causai à pressão esmagadora de forças externas que impõem um “eu devo” onde deveria estar “eu quero”, e assim reduzem a escala das escolhas plausíveis.” (BAUMAN, 2009:89)

Park fala da existência de pequenos grupos: seus tamanhos são determinados em relação a sua luta por existir. (PARK, 1973) Podemos pensar também nas relações entre as pessoas do grupo e ou grupos, bem como se asseguram de forma solidária, não deixando escapar os níveis de tensões e campos de possibilidades existentes:

“Uma população sujeita às oscilações de mercado de trabalho e a condições precárias de existência, é mais dependente da rede formada por laços de parentescos, vizinhança e origem. Essa malha de relações assegura o mínimo vital e cultural que assegura a sobrevivência, e é no espaço regido por tais relações onde se desenvolve a vida associativa, desfruta-se o lazer, trocam-se informações, pratica-se a devoção – onde se tece, enfim, a trama do cotidiano. “(MAGNANI, 1998: 117)

E essa trama é construída por jovens, coletivos, artistas, músicos que inventam e reinventam meios para se assegurar como protagonistas de uma mudança em seu território, na luta por existência, inserção, reconhecimento e diferenciação. Como fala o Cineclube Mate com Angu:

“(…) O que começou apenas como uma vontade imensa de matar uma fome nostálgica de um tempo que nunca vivemos, se transformou em modernidade. Resistência real às imagens massificadas que nos impregnam, que nos sufocam em nosso dia-a-dia urbano caótico (...). Mas o que mais nos surpreendeu, de fato, foi perceber a incrível demanda que há no público por imagens que fogem dos selos corporativos, por imagens que conversem mais abertamente com o tempo atual. Imagens que busquem outras formas de contar histórias.” (CINECLUBE MATE COM ANGU⁹³; 2003 apud GOUVÊA; 2007 28)

Ana Enne⁹⁴ traça o estilo de vida jovem e os processos históricos de sua constituição na modernidade ocidental. E como esses sujeitos resistem e criam outras maneiras de estar no mundo:

“Por um lado, precisam lutar contra as instituições que, historicamente, os anularam como sujeitos sociais. Mas, nessa luta, precisam dispor de recursos muitas vezes conservadores, como os valores da cultura hegemônica midiática e os bens de consumo de um sistema capitalista profundamente aprisionador, mas que configuram sistemas de capital importantes na disputa simbólica por representação e visibilidade (..)” (ENNE, 2010:25)

Para ilustrar esse processo de re-existência e lutas contra o “estabelecido” podemos citar o caso de Yasmin Thayná. Jovem cineasta, nasceu em 1992, na Baixada, em Nova Iguaçu, estudante de comunicação social na PUC-Rio, também fez parte do grupo de jovens repórteres do blog Cultura NI em Nova Iguaçu junto com Josy Antunes. Participou do Donana como convidada nas sessões de cineclube e trabalhou como assistente de mídias sociais em duas edições do Cinerock em 2011. A fala dela resume bem as maneiras de inventar e de existir no mundo:

“Uma das coisas que eu mais gosto na AFROFLIX⁹⁵ é o debate. O tema de hoje na página foi racismo reverso.

Kkkkkk amo ver a pagação de mico sem limites.

E amo ainda mais essa linda capacidade que a gente tem de incomodar na medida em que criamos formas criativas de existir num mundo que quer o tempo todo apagar a nossa existência, apagar nossas produções, apagar nossas vidas, nossa história, nossos nomes. Tem coisas que nenhum golpe derruba. E cada um tem que aprender a dormir com o seu barulho porque o choro é livre.” (Yasmin Thayná, 2016)⁹⁶

⁹³ O texto original pode ser encontrado na programação da sessão Mate-Experiência, na qual foi exibido o filme *Beijo 2348/72*, com direção de Walter Rogério (duração de 100min, produzido no Brasil no ano de 1994).

⁹⁴ No artigo *Juventude como espírito do tempo, faixa etária e estilo de vida: processos constitutivos de uma categoria-chave da modernidade* elaborado para o Dossiê da ESPM in *Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo v o 1 7 n . 2 0 p. 1 3 - 3 5 nov. 2010

⁹⁵ AFROFLIX é uma plataforma colaborativa, dirigida por Yasmin Thayná, que disponibiliza conteúdos audiovisuais (filmes, séries, clipes, programas, vlogs) online produzidos (atuação técnica ou artística), escritos, protagonizados ou dirigidos por ao menos uma pessoa negra. Maiores informações da plataforma: <http://www.afroflix.com.br/>

⁹⁶ Conteúdo extraído do post de Yasmin Thayná na rede social Facebook no dia 30 de maio de 2016.

Yasmin é militante, está sempre envolvida em questões sociais, de gênero e raça, e criando novos projetos com esses perfis, como o caso do AFROFLIX. Na sua fala observamos que por mais que tentem “apagar a nossa existência”, referindo-se à população negra, a capacidade criativa de inventar outras maneiras de existir e incomodar a “ordem das coisas” é mais forte. Como diz a música de Dida Nascimento:

*“Você não pode apagar
a luz que está
no céu de cada um
Eu e meus olhos
Meus olhos e eu
jamais vão enxergar
que a esperança morreu (...)
Dida Nascimento⁹⁷*

Ana Enne fala que re-existência é um processo complexo, um campo de possibilidades entre “sedução e negação”, e não apenas um processo radical. Recorrendo os autores Stuart Hall e Martín-Barbero, propõe a seguinte análise:

“Resistir não necessariamente se associa a uma postura de ruptura radical, mas a complexo processo de re-existência, que, como em todas as formas de cultura, implica um misto de “conter e resistir”, como fala Stuart Hall (2003), de um sinuoso jogo entre sedução e negação, como nos lembra Jesús Martín-Barbero (1997).” (ENNE, 2010:29)

Sendo assim, podemos observar o Donana e todas as manifestações artísticas apresentadas como um lugar que re-existe no tempo, num tempo não linear. E que continua resistindo, enfrentando desafios, arriscando. Como podemos perceber nas letras do grupo porto-riquenho Calle 13:

*“(...) Soy el sol que nace y el día que muere
Con los mejores atardeceres
Soy el desarrollo en carne viva
Un discurso político sin saliva
Las caras más bonitas que he conocido
Soy la fotografía de un desaparecido
La sangre dentro de tus venas
Soy un pedazo de tierra que vale la pena
(...) Soy américa Latina, un pueblo sin piernas, pero que camina (...)
Calle 13⁹⁸*

⁹⁷ Trecho da música Luzes, do músico Dida Nascimento.

⁹⁸ Trecho da música Latinoamerica do grupo Calle 13 do qual traduzo: Sou o sol que nasce e o dia que morre. Com os melhores entardeceres. Sou o desenvolvimento em carne viva. Um discurso político sem saliva. As caras mais bonitas que conheci. Sou a fotografia de um desaparecido. O sangue dentro de tuas veias. Sou um pedaço de terra que vale a pena. Sou América Latina, um povo sem pernas, mas que caminha.

O efeito “criador-transgressor” da casa de Dona Ana nos permite pensar como essa casa se manteve em meio a tantas mudanças que descrevemos ao longo da dissertação. Como consagrou o artista plástico brasileiro Hélio Oiticica: “Seja marginal. Seja herói”. O Donana pode ser lido como um chamado para a desobediência da ordem das coisas, a negação ao que fora imposto. A negação a normalidade do que pode ser entendido como as casas “normais” do bairro Piam. O mundo não está “dado”, existem as fissuras que podem ser rompidas.

Todas as vezes que uma pessoa vai ao Donana pela primeira vez falamos que já faz parte da família. A família Nascimento se estende à família Dona Ana, ao Centro Cultural: também é família Farias⁹⁹. Estar nessa casa é um constante retorno à Dona Ana, mesmo que eu ou você não a tenhamos conhecido, é uma celebração à memória de Dona Ana, uma memória viva e constantemente ativada. Estamos evocando o seu nome e o ato de nomear dá significados e sentidos, nomear o Centro Cultural de Donana é trazer todas as atribuições que são dadas à Dona Ana, símbolo de fé e resistência. Donana é resistência pois resiste e encontra meios de fazer o que faz diante de toda pressão que é imposta para se viver numa sociedade de capitalista. Como diz a música acima, “um povo sem pernas, mas que caminha”, o Donana caminha através das pernas que ele inventa para sobreviver.

⁹⁹ Após a festa de reinauguração do Donana, em outubro de 2015, desta vez por conta das obras financiadas pelo O Rappa, o quintal recebeu o nome de Leia da Conceição Farias, uma homenagem à mãe do Lauro. Vídeo foto em anexo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperava chegar aqui e encontrar respostas para tudo. Na verdade, antes de entrar no programa de mestrado achava que sabia tudo sobre o Donana, depois fui descobrindo que estava longe de encontrar verdades. Foi um constante metamorfosear, me despir das certezas e me vestir de questões. Comecei a questionar tudo, inclusive cada visita que fazia aos meus familiares, às vezes quando mal percebia já estava traçando numa simples conversa uma relação com a pesquisa. Agora nada mais será igual. Esses poucos mais de dois anos de mestrado mexeram comigo e como a minha relação com o mundo. Passei a me relacionar com o mundo como uma pesquisadora que transita diferentes tempos e espaços.

Assim que enviei o pré-projeto para tentar entrar neste programa de mestrado tive receio de deixar claro meu envolvimento com o Donana. Inclusive nas primeiras aulas ainda tinha um certo bloqueio quanto ao “distanciamento” acadêmico. Essas barreiras foram sendo quebradas aos poucos e passei a questionar a real necessidade de distanciar. Foi numa primeira viagem internacional, realizada graças ao Programa de Apoio a Eventos Acadêmico-Científicos da UFF, para apresentar parte bem inicial desta pesquisa acadêmica no I Congresso em Cultura em la America Latina, que pude me distanciar de tudo, inclusive do próprio idioma. Em 2014, fui ao México, já mencionei essa viagem no segundo capítulo, mas não o fato de como essa viagem acrescentou na minha vida e pesquisa acadêmica – não que eu ache que essas duas andem separadas. Nessa viagem fui sozinha e com um espanhol enrolado. Chegando no México resolvi me livrar de algumas amarras que impedissem de conhecer algo novo: sai da minha “zona de conforto”. E foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido, conversei com todas as pessoas que podia, busquei entender as histórias locais, peguei carona, aprendi com as pessoas com conversas simples do dia a dia.

No dia da apresentação no Congresso foi o dia em que percebi que o que estava falando não estava mais fazendo sentido nem para mim e nem para os ouvintes. As coisas a respeito do Donana que tanto falava estavam tão naturalizadas em mim que foi preciso um choque linguístico e “territorial”, ou seja, sair mesmo da zona de conforto, para entender que havia algo que precisava ser mudado e questionado. As pessoas ali não sabiam o que era Baixada,

na verdade nem eu podia ter a dimensão e complexidade do que é ser Baixada, um termo tão complexo e em disputas. Como eu podia ter tamanha certeza naquele momento?

Bom, ainda no Congresso, passei a ter uma nova percepção da ideia de fronteiras (físicas e simbólicas), o que me fez refletir sobre esta pesquisa e até mesmo o modo de enxergar o mundo e a realidade em que vivo. Durante o Congresso conheci um professor da Universidad Autónoma de Ciudad Juárez, Jorge Balderas, sua fala¹⁰⁰ foi sobre violência, juventude e cidadania. Ciudad Juárez é fronteira com os Estados Unidos da América, sua pesquisa apresentada no Congresso foi sobre os jovens moradores da região. A partir daquele momento, comecei a enxergar as fronteiras físicas e simbólicas tão reais e presentes, um muro¹⁰¹. E questionar como essas fronteiras são construídas. Sei que não seria preciso ir tão longe para enxergar tais fronteiras, mas, quando se está no México, sabe-se que ali tem um muro que divide dois países, duas realidades, a fronteira ali é física. Para mim, foi um “choque”, entender e questionar essas fronteiras se tornou como uma “obrigação” minha.

Ao longo do mestrado, fiz outras viagens, em 2015 fui a Colômbia, dessa vez para uma viagem longa, de quarenta e cinco dias: a viagem iniciou na costa caribenha por conta de um Congresso em Santa Marta, depois seguiu pela Cordilheira dos Andes, Medellín e Bogotá, para um projeto fotográfico¹⁰² do meu companheiro Frederico. No Congresso apresentei o artigo “O papel da violência como protagonista na construção de representações e memórias da cidade de Belford Roxo” sobre a construção e manutenção de um imaginário de violência, física e simbólica, da cidade de Belford Roxo, bem como esta é mantida, reativada e materializada nas mais diversas narrativas

O Congresso foi o IV Congreso de Antropología en Colombia Regiones “Posconflicto” y Futuros Posibles. Falamos sobre violências físicas e simbólicas, principalmente as do campo simbólico que tangem a minha pesquisa. Imagina, eu falar que a cidade de Belford Roxo foi considerada a mais “violenta do mundo”, num país que sofreu e ainda sofre diversos tipos de

¹⁰⁰ Projeto apresentado: Precariedad, violencia y exclusión en la juventud de Ciudad Juárez .

¹⁰¹ O muro fronteiro foi construído pelos Estados Unidos em 1994, com o programa Operação Guardiã, com objetivo de impedir a entrada de imigrantes ilegais no país, principalmente mexicanos e centro-americanos. Atualmente o muro é formado por vários quilômetros de extensão na fronteira de Tijuana San Diego, alcançando até as praias de Tijuana (México) e San Diego (Califórnia, EUA), o ponto mais ocidental da fronteira entre os dois países, e inclui três barreiras de contenção e vigilância permanente.

¹⁰² O projeto fotográfico citado é Caminhos para uma Imagem : <http://caminhosparaumaimagem.tumblr.com>

violência e carrega estigmas fortíssimos por conta dos cartéis de drogas, as lutas armadas... Inclusive, as coordenadoras da mesa questionaram como Belford Roxo poderia ter sido a cidade mais violenta do mundo sabendo das realidades da Colômbia. Durante a apresentação falei da tal pesquisa da UNESCO, que na verdade havia sido inventada, e o que estava em questão era identificar como essa pesquisa vinha sendo constantemente ativada em diversas situações, inclusive, eu já ativei esse “recurso” em diversas falas e escritas, pois acreditava que essa pesquisa fosse verdadeira.

Antes de fazermos essa viagem algumas pessoas falaram para ter cuidado, que lá é muito perigoso e se realmente queríamos fazer essa viagem. Separados pela Amazônia, mas com laços estigmatizadores muito fortes, cada qual da sua maneira. Fiz questão de ir e tentar quebrar esses imaginários que acabam forçando seguir outros caminhos. Quis entender como esses estigmas são criados e o que vêm sendo feito para “reverter” a imagem local, como: através dos grafites espalhados em toda cidade de Medellín e Bogotá, os festivais das flores em Medellín, as casas que pertenciam aos cartéis de drogas virarem hotéis... Tentativas de reverter a imagem local cada qual de sua maneira que só podem ser melhor abordadas numa análise mais profunda.

Na difícil missão de finalizar essa dissertação, numa mistura de alívio, dever cumprido e a sensação de que falta algo nessas páginas, pois enquanto finalizo esta etapa, as atividades no Donana não param, os meus primos mais novos, Enya, Antonio e Gabriel, e alguns alunos do Ciclo de Experimentações na Arte, Gabriela, Felipe e Samir, estão discutindo novos projetos para o Donana. O que me deixa muito feliz e me coloca num lugar talvez semelhante aos dos meus familiares mais velhos: de expectativas e esperanças na continuidade das atividades através dos familiares mais novos.

Agradeço, na conclusão, a liberdade de criação que a banca me permitiu ter com essa dissertação, me possibilitando uma imersão por outros caminhos, parti pela literatura de Garcia Marques enquanto estava em sua terra, Santa Marta, e viagens imaginadas ao ler Eduardo Galeano e Mia Couto. Esta dissertação são vidas reais e também imaginadas: eu também sou esta casa de Dona Ana, o Centro Cultural.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BARBALHO, Alexandre. *A criação está no ar: juventudes, políticas, cultura e mídia*. Fortaleza: EdUECE, 2013.
- BARBERO, Jesús-Martin. *Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- BENEDICT, Ruth. *O Crisântemo e a Espada*. Editora Perspectiva, 2006.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e Técnica, Arte e Política - Obras Escolhidas*. Vol. I – 8 ed. Editora Brasiliense, 2012.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembranças de velhos*. São Paulo: Edusp, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. Lisboa, DIFEL, 1989.
- _____. Pierre. *A miséria do mundo*. 5 ed. São Paulo: Vozes, 2003.
- BUTRUCÉ, Débora. *Cineclubismo no Brasil. Esboço de uma história*. Acervo, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 117-124, 2003.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. 4 ed. 6. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis, Vozes, 1998.
- CESEC (Silvia Ramos e Anabela Paiva). *Mídia e Violência como os Jornais Retratam a Violência e a Segurança Pública na Baixada Fluminense*. IN: *Impunidade na Baixada Fluminense*. (Parceria: CESeC, Fase, Justiça Global, Laboratório de Análises da Violência da UERJ, SOS Queimados e Viva Rio), 2005.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Diphel, 1990.
- COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras. 2003.
- DELEUZE, Gilles. A vida como obra de arte. In: *Conversações*. 1. ed. - São Paulo, Editora 34, 1932.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS)
- _____. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1996. (Coleção TRANS)
- ELIAS, Nobert; SCOTSON, John L. Cap. 2. A formação das relações de vizinhança. Cap.5 As associações locais e a “rede de famílias antigas”. In: *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- ENNE, Ana. “Lugar, meu amigo, é minha Baixada”: *Memória, Representações Sociais e Identidades*. 502 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- _____. Juventude como espírito do tempo, faixa etária e estilo de vida: processos constitutivos de uma categoria-chave da modernidade”. Dossiê da ESPM in *Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo v o l . 7 n . 2 0 p. 1 3 - 3 5 nov. 2010.

_____. Em “busca de dias melhores”: cultura e política como práticas institucionais na Baixada Fluminense. IN: *Revista Rumores* edição 12, ano 6, n. 2, julho-dezembro, 2012.

_____. GOMES, Mariana. “É tudo nosso”: disputas culturais em torno da construção da legitimidade discursiva como capital social e espacial das periferias do Rio de Janeiro. IN: *Política cultural com as periferias: práticas e indagações de uma problemática contemporânea* / Pâmella Passos, Aline Dantas, Marisa S. Mello [organizadoras]. Rio de Janeiro: IFRJ, 2013.

FACINA, Adrina. “É, Sim, Lá em Acari!” – Mapeamento da Produção Cultural em uma Favela da Zona Norte do Rio De Janeiro. IN: *Políticas culturais: informações, territórios e economia criativa* / (org.) de Lia Calabre. São Paulo: Itaú Cultural; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013.

FIGLIARO, Maurício. *Uso de drogas: substâncias, sujeitos e eventos*. 224 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

FRASER, Nancy. *A justiça social na globalização: Redistribuição, reconhecimento e participação*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, Outubro 2002: 7-20.

FOUCAULT, Michael. *O que é um autor?*. Ed.: Vega, 1983.

FUINI, Lucas Langalini. *Revista Terr@ Plural*, Ponta Grossa, v.8, n. 1, p-225-269, jan/jun. 2014.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. L&PM Editores. 2010.

GUATTARI, Felix e Rolnik, Suely. *Micropolítica. Cartografias do Desejo*. 4.ed. - Petrópolis: Editora vozes, 1996.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

_____. *Obras e vidas. O Antropólogo como autor*. 2ª ed. Editora UFRJ, 2005.

GOUVÊA, Maria José Motta. *Com a Palavra Mate com Angu, uma intervenção estética no município de Duque de Caxias*. 133 f. Dissertação (Pós-Graduação em História, Política, Bens Culturais e Projetos Sociais) Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2007.

HAESBAERT, Rogério. O território em tempos de globalização. etc, espaço, tempo e crítica . In: *Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas*. 15 de Agosto de 2007, nº 2 (4), vol. 1. Disponível em: <http://www.uff.br/etc>

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

HOBBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições . IN: HOBBSBAWM, E. e RANGER, T (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

LAV/UERJ (Eduardo Ribeiro, Ignacio Cano, João Trajano Sento-Sé e Márcio Lázaro). *Incidência Da Violência Na Baixada Fluminense*. IN: *Impunidade na Baixada Fluminense*. (Parceria: CESeC, Fase, Justiça Global, Laboratório de Análises da Violência da UERJ, SOS Queimados e Viva Rio), 2005.

LEITE, André Santos. *Memória Musical da Baixada Fluminense*. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento) - Centro de Ciências Humanas, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

LIMA,IVALDO; ROCHA, ANDRÉ. Anais Realizado de 25 a 31 de julho de 2010. Porto Alegre - RS, 2010. ISBN 978-85-99907-02-3 . XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Crise, práxis e autonomia: espaço de resistência e de esperanças.

MONTEIRO, Linderval. Para além do voto de sangue : escolhas populares e liderança política carismática na Baixada Fluminense. O caso Joca. IN: *Cadernos do Desenvolvimento Fluminense*, Rio de Janeiro, n.2, julho/ 2013.

MAGANANI, José Guilherme Cantor. A rede de lazer. In: *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

_____. Quando o campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole. In: MAGANANI, José Guilherme Cantor, TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp: Fapesp, 2000.

MARQUEZ, Garcia. *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

MOURA, Margarida Moura. *Nascimento da Antropologia Cultural. A obra de Franz Boas*. São Paulo: editora Hucitec, 2004.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. In: *PROJETO HISTÓRIA: Revista Nº 10 do Programa de Estudos Pós-Graduado em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Ohana. *O QUE O MUNDO SEPARA, O ESQUENTA! JUNTA? : como representações e mediações ambivalentes configuram múltiplos territórios*. 157 f. Dissertação (Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades) Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

PARK, Robert. A cidade: Sugestões para a investigação de comportamento humano no meio ambiente. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

PELBART, Peter Pál. Vida e Morte em Contexto de Dominação Biopolítica. In.: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA) da USP (orgs.) 2008 (Conferência proferida no dia 3 de outubro de 2008 no Ciclo “O Fundamentalismo Contemporâneo em Questão”).

PESSOA, Fernando. *Poemas Escolhidos*. Org BARBOSA, Frederico. São Paulo, Klick editora, 1997.

RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro, F. Alves, 1990.

_____. *O si-mesmo como um outro*. Campinas: Papirus, 1991.

_____. *Tempo e narrativa (tomo 1)*. Campinas, SP: Papirus, 1994.

ROY, Wagner. *A Invenção da Cultura*. São Paulo, Cosacnaif, 2010.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos VOGEL, Arno (coord.). Os trabalhos e os dias. In: *Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. São Paulo: Projeto, 1985.

SANTOS, Milton. Conferência de inauguração do Mestrado em Geografia da Universidade Federal Fluminense. *GEOgraphia*. Ano. 1 N. 1, 1999.

SILVA, Leonardo Rabelo de Matos. Belford Roxo: razões para a queda da criminalidade. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, VI, n. 13, maio 2003.

SILVA, Thomas Thadeu (Org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade como forma autônoma ou forma lúcida de sociação. In: *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIMÕES, Manoel Ricardo. *A cidade Estilhaçada: Reestruturação Econômica e Emancipações Municipais na Baixada Fluminense*. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

SOUZA, Marcelo. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. IN.: CASTRO, Iná; GOMES, Paulo; CORRÊA, Roberto (orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

VELHO, Gilberto. O antropólogo pesquisando em sua própria cidade: Sobre conhecimento e heresia. In: VELHO, Gilherto (coord.) *O desafio da cidade: Novas perspectivas da antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Campus LTDA, 1980.

_____. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

_____. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

WACQUANT, Loic. *As duas faces do gueto*. São Paulo: Editora Boitempo, 2008.

WHYTE, William Foote. *Sociedade da esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

Links:

<http://www.cultura.gov.br/cine-mais-cultura>. Acesso em 14 maio de 2014.

http://smusica.blogspot.com.br/2006_10_01_archive.html Acesso em 27 de janeiro de 2015.

<http://extra.globo.com/noticias/rio/baixada-fluminense/da-ghama-vai-exaltar-as-raizes-musico-de-belford-roxo-prepara-cd-dvd-em-homenagem-baixada-fluminense-aoreggae-3942823.html> Acesso em 27 de janeiro de 2015.

<https://www.facebook.com/territoriobaixada> Acesso em 27 de janeiro de 2015.

<http://blogdosylvioneto.blogspot.com.br/2008/04/feliz-aniversario-minha-baixada.html> Acesso em 27 de janeiro de 2015.

<https://www.facebook.com/uisoudebelfordroxo/posts/477137742391915> Acesso em 27 de janeiro de 2015.

<http://www.vermelho.org.br/sc/noticia/236102-101> Acesso em 27 de janeiro de 2015.

<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/assassininos-no-poder> Acesso em 27 de janeiro de 2015.

<http://www.radiocidade.fm/Notas/Listar/17568/22-05-2014/show-da-volta-kmd5-fala-sobre-historia-da-banda-e-expectativa-para-show-na-fundicao-progresso> Acesso em 27 de janeiro de 2015.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Belford_Roxo Acessado em 13 de fevereiro de 2015

<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001887/188700por.pdf> Acesso em 10 de fevereiro de 2015

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=330045> Acesso em 13 de fevereiro de 2015

https://pt.wikipedia.org/wiki/Rodovia_Presidente_Dutra Acesso em 28 de setembro de 2015.

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=330045> Acesso em 28 de setembro de 2015.

<http://www.redefitovida.org.br/casadamemoria.html> Acesso em 02 de outubro de 2015

<http://mapadecultura.rj.gov.br/cidade/belford-roxo#prettyPhoto> Acesso em 02 de outubro de 2015

<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=baixada> Acesso em 08 de novembro de 2015.

<http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/diogenes-alves-o-mestre-diorne> Acesso em 09 de novembro de 2015

<https://www.facebook.com/casadaculturadebelfordroxo/timeline> Acesso em 09 de novembro de 2015

<http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/ponto-de-cultura-beleza-negra> Acesso em 09 de novembro de 2015

http://www.ambitojuridico.com.br/site/n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=3642 Acesso em 09 de novembro de 2015

<http://www.cidadeolímpica.com.br/projetos> Acesso em 10 de junho de 2016:

<http://www.afroflix.com.br/> Acesso em 30 de abril de 2016

[https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ministério_da_Cultura_\(Brasil\)](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ministério_da_Cultura_(Brasil)) Acesso em 10 de junho de 2016

www.cultura.gov.br Acesso em 10 de junho de 2016

Músicas:

Baixada Cruel - possivelmente do MC Jenniffer e DJ Ratinho

Baixada em cena - Marcão Baixada.

Baixada - MC Slow da BF.

BF - Dida Nascimento e Marcelo Yuka.

Brixton, Bronx ou Baixada - Marcelo Yuka e Nelson Meirelles.

Concrete Jungle - Bob Marley

Feira de Areia Branca - Pimenta do reino

Latinoamerica - Calle 13.

Luzes - Dida Nascimento.

O Que Sobrou do Céu - Marcelo Yuka.

Positive vibration - Bob marley

Poemas:

Não sei quantas almas tenho - Fernando Pessoa

O Eu profundo e os outros Eus - Fernando Pessoa

Feliz Aniversário Minha Baixada - Sylvio Neto

ANEXOS

PROJETO CINEROCK

O projeto CINEROCK: CINEMA + ROCK INDEPENDENTE foi criado, antes de qualquer outro motivo, para divulgar o movimento cultural da balçada fluminense que apesar de rico, é pouco notado, passando despercebido às vezes pela própria comunidade.

O CINEROCK, como o nome sugere, será um festival de cinema e muito Rock, música e curtas metragens independentes, abrindo espaço para a nova cara do movimento cultural da nossa região e além, com pouco recurso, mas, com muito talento e criatividade.

Apesar de a maioria dos membros participantes desta edição serem de Belford Roxo, felizmente contamos com a participação de quase toda a balçada, sendo Belford Roxo eleito a primeira a sediar por decisão unânime de que dentre os municípios, este é o mais atingido pela falta de acesso a cultura.

Além de divulgar o trabalho desses novos artistas, o projeto pretende organizar debates abertos ao público na intenção de trazer e estimular ainda mais atividades e movimentos culturais à Balçada.

Aumente o volume, o som já vai começar. Um bom CINEROCK pra vocês!

Dúvidas: contato@publicaalternativa.com.br

ORGANIZAÇÃO

Diego Juvenal II
Djovenal@gmail.com

Barbara Cardoso
barbara.j.cardoso@hoi.com.br

Érika Nascimento
erika.nascimento.art@gmail.com

Rodrigo Castano
rodrigo.castano@hotmail.com

Gina Almeida
gina.pereira@gmail.com

Gláucia Wanderlur
Glauciawanderlur@yahoo.com.br

APÓIO

- Centro Cultural Donana
- Mostra de Cinema Belford Roxo- Emerson Pires
- Moacyr Sonorização



REALIZAÇÃO



Trabalho Gráfico:
 Diego Juvenal II
Djovenal@gmail.com

Colaboração:
 Caetano Vasconcelos
caetano.vasconcelos@gmail.com

Design Layout:
sergio.rock@hotmail.com

WWW.PUBLICAALTERNATIVA.COM.BR/CINEROCK

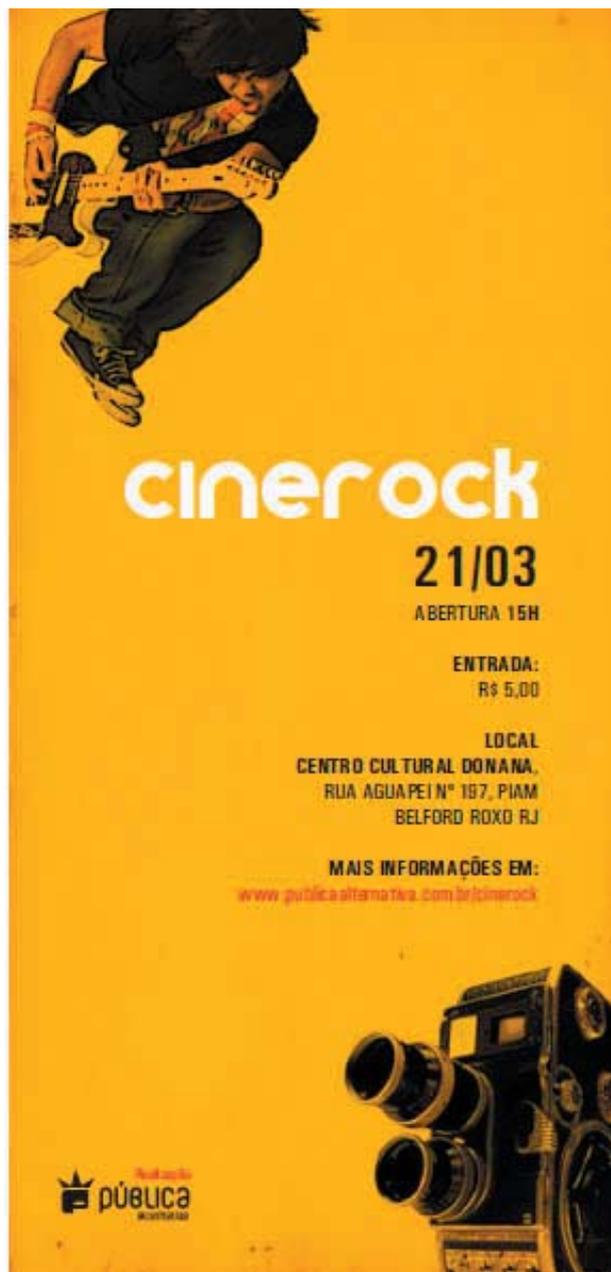


Imagem 20: Flyer da primeira edição do Cinerock no Donana (2009)



Imagem 21: Primeira edição do Cierock noDonana (2009). Foto: Pública Alternativa



Imagem 22: Primeira edição do Cierock noDonana (2009). Foto: Pública Alternativa



Imagem 23: Flyer segunda edição do Cinerock no Donana (2009)



Imagem 24: Segunda edição do Cierock no Donana (2009). Acervo Pessoal



Imagem 25: Segunda edição do Cierock no Donana (2009). Acervo Pessoal



Imagem 26: Segunda edição do Cierock no Donana (2009). Acervo Pessoal



Imagem 27: Cartaz Cineclube Donana (a partir de 2009)



Imagem 28: Cineclube Donana sessão "Baixada tem afeto" (2013)



Imagem 29: Cineclube Donana (2010). Abaixo da esquerda para direita: Gabriel, Diogo, Josy, Diego e frequentador/vizinho do Cineclube e acima: Dida, Rodrigo, Antonio e frequentador/vizinho do Cineclube.

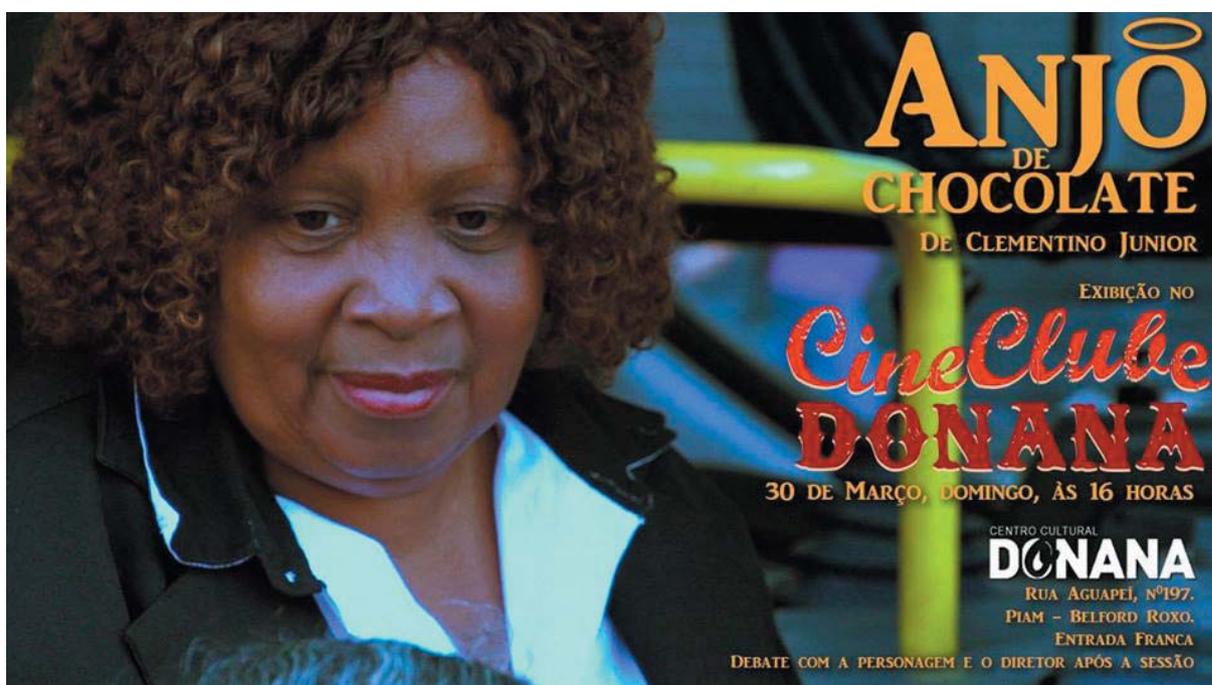


Imagem 30: Cartaz Cineclube Donana em parceria com Cineclube Atlântico Negro (2014)



Imagem 31: Flyer Encontro Cineclubista



Imagem 32: Cineclube Donana (2013)



Imagem 33: Cineclube Donana (2010)



Imagem 34: Cineclube Donana (2012)



Imagem 35: Cineclube Donana em parceria com Cinema de Guerrilha da Baixada (2016). Foto: Frederico Arêde



Imagem 36: Capoeira Donana (80/90). Acervo Donana



Imagem 37: Capoeira Donana (2015). Foto: Frederico Arêde



Imagem 38: Capoeira Donana (2015). Foto: Frederico Arêde

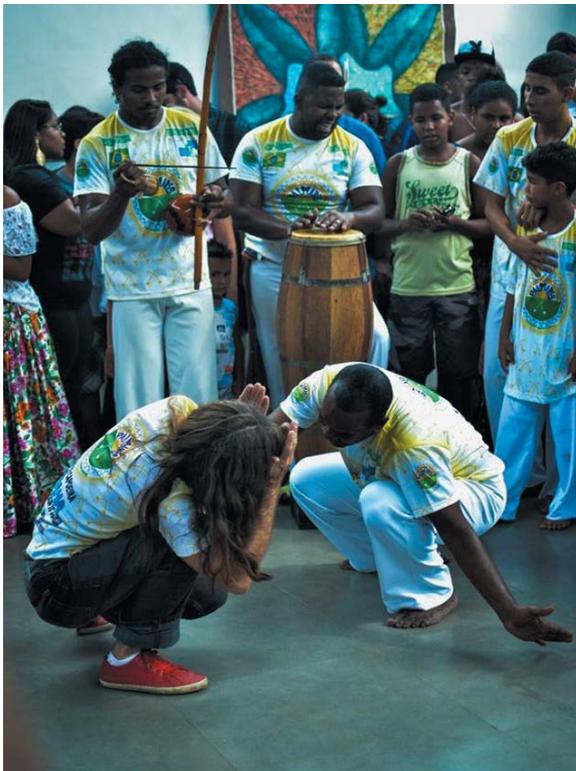


Imagem 39: Capoeira Donana (2015). Foto: Frederico Arêde

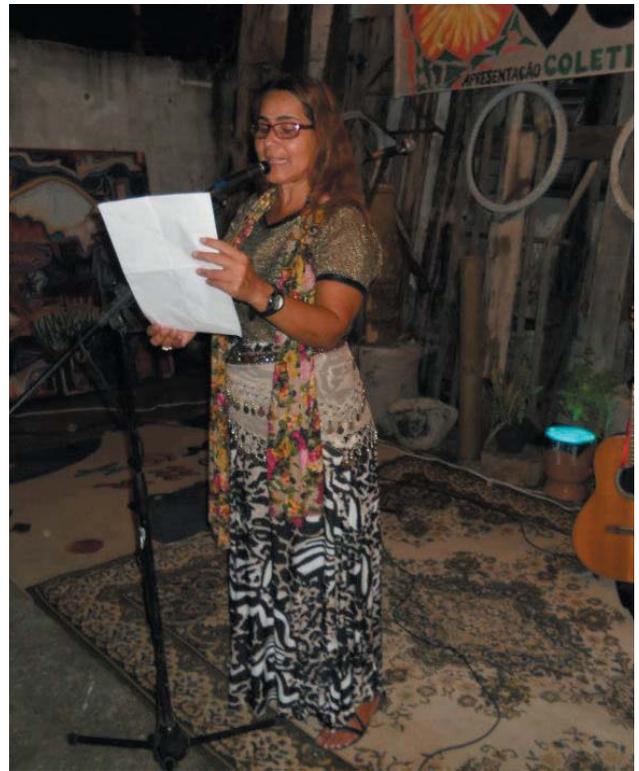


Imagem 40: Sarau Donana (2013). Acervo Donana



Imagem 42: Sarau Donana (2015). Foto: Frederico Arêde



Imagem 41: Sarau Donana (2013). Acervo Donana



Imagem 43: Sarau Donana (2013). Acervo Donana



Imagem 44: Reggae Donana (2015). Acervo Donana



Imagem 45: Reggae Donana (2015). Acervo Donana



Imagem 46: Cartaz Reggae Donana - Digital Dubs (2011)



Imagem 47: Cartaz Reggae Donana (2010)



Imagem 48: Cartaz Reggae Donana - Digital Dubs (2011)



Imagem 49: Cartaz Reggae Donana - Digital Dubs (2011)

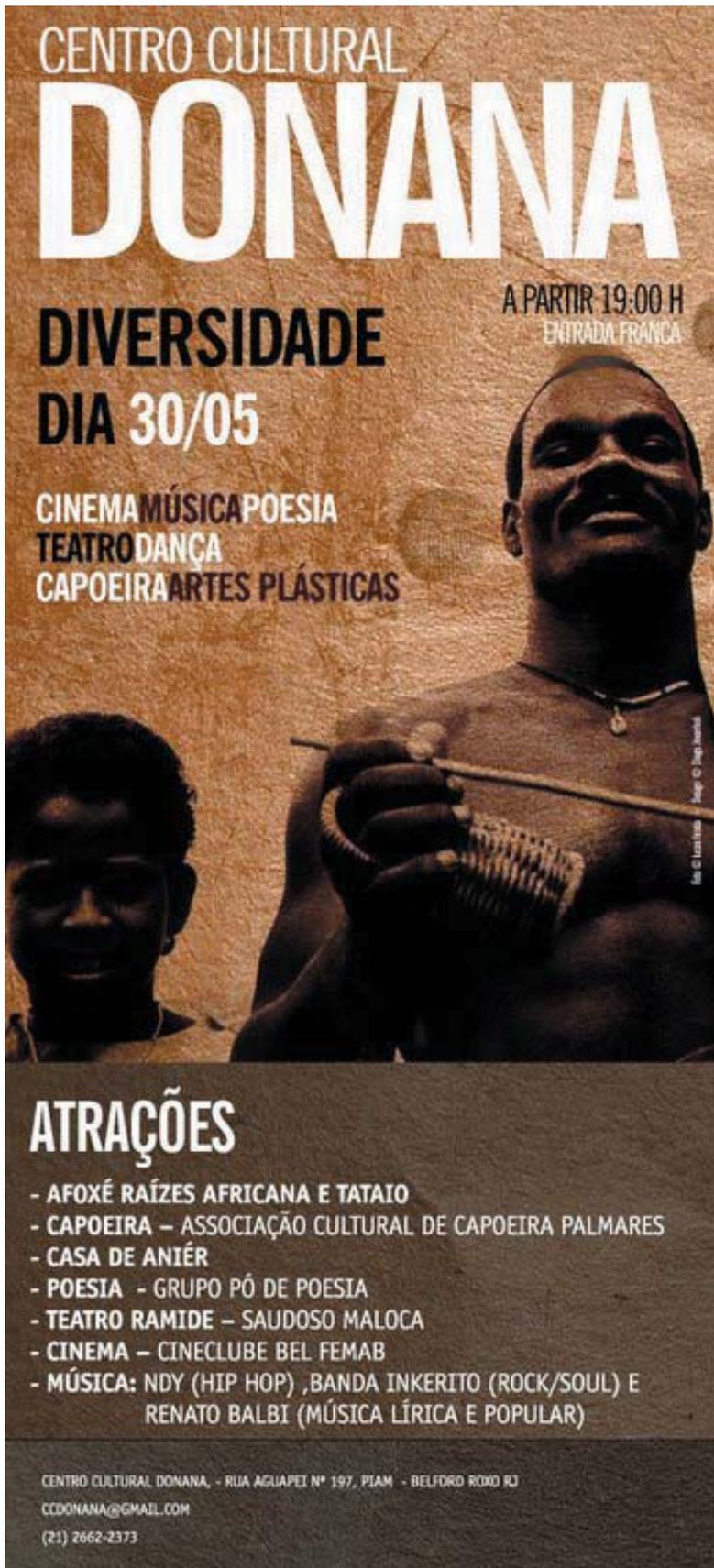


Imagem 50: Cartaz Donana Diversidade (2011)



Imagem 51: Cartazes dos eventos do Donana (80/90). Foto: Pública Alternativa



Imagem 52: Festa Afro-Reggae Donana (80/90). Acervo: Donana



Imagem 54: Jimmy Cliff e Cidade Negra no Donana (1989). Acervo: Pídio Alves



Imagem 53: Festa Afro-Reggae Donana (80/90). Acervo: Donana

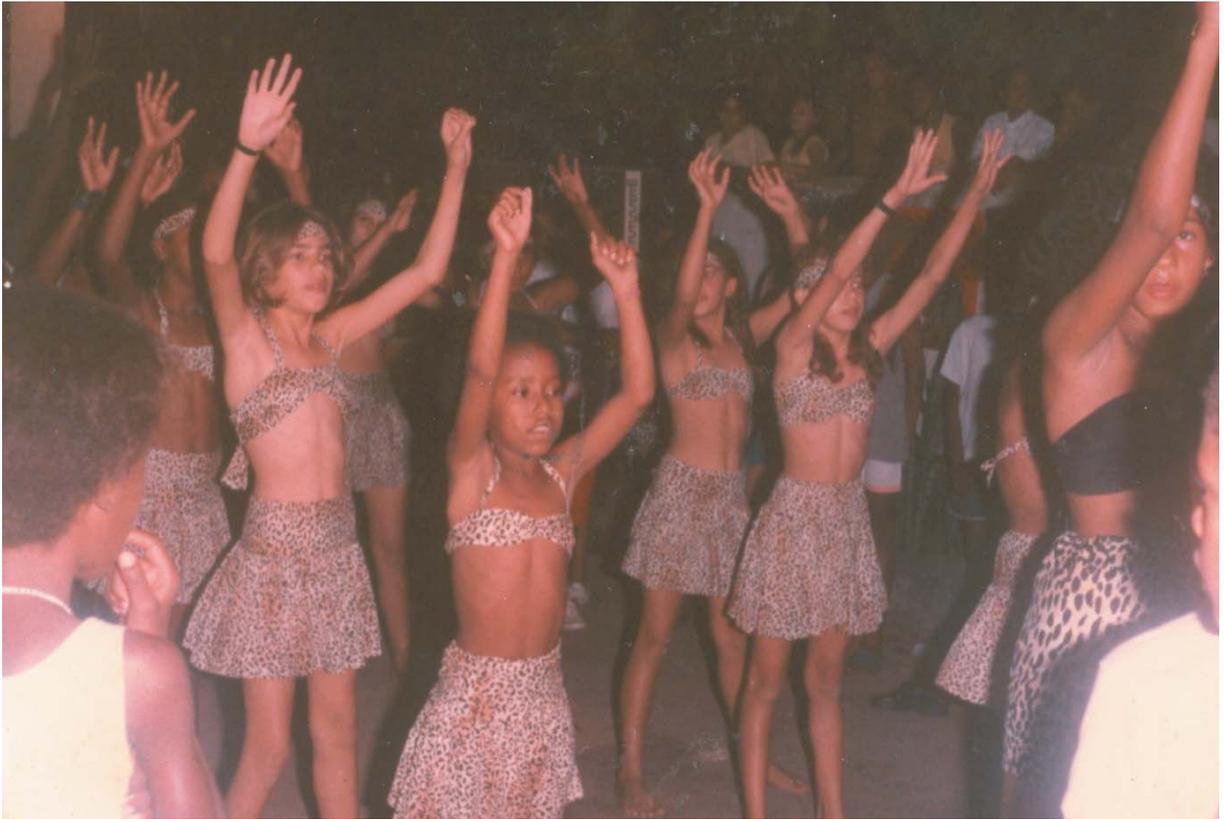


Imagem 55: Festa Afro-Reggae Donana (80/90). Acervo: Donana



Imagem 56: Festa Afro-Reggae Donana (80/90). Acervo: Donana



Imagem 57: Metal Donana (2013/2014)

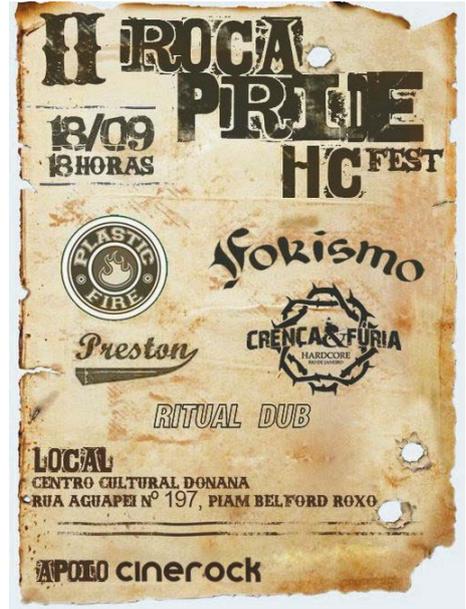


Imagem 58: Cartaz II Roça Pride HC (2010)



Imagem 59: Cartaz Rock-Clipe Donana (2015)



Imagem 60: Corrida Infanto-Juvenil (2014). Foto: Anne Alves

INSCRIÇÕES NO LOCAL

DONANA
CORRIDA INFANTO - JUVENIL

DIA 25 DE OUTUBRO A PARTIR DAS **08:00 DA MANHÃ**

REALIZAÇÃO:
CENTRO CULTURAL DONANA
CLUBE DO CAMINHAR

CENTRO CULTURAL DONANA, RUA AGUAPEÍ, 197, PIAM, BELFORD ROXO - RJ

Imagem 62: Cartaz Corrida Infanto-Juvenil (2014).

CENTRO CULTURAL DONANA, APRESENTA
CLIQUE SEU LUGAR
DIA 21 DE FEVEREIRO, DOMINGO, ÀS 9 HORAS

NO DIA 21 DE FEVEREIRO, DOMINGO, ÀS 9 HORAS REALIZAREMOS A PRIMEIRA OFICINA DO ANO NO CENTRO CULTURAL DONANA. SE VOCÊ TEM ENTRE 12 E 17 ANOS, PARTICIPE DA OFICINA QUE IRÁ USAR O LUGAR DO MACHADO FOTOGRAFIA DIGITAL APANHADA PARA FOTOGRAFAR O LUGAR ONDE VIVE. MORABARRIO, RUA, COMUNIDADE.

EM SEGUNDA, AS FOTOS SERÃO SELECIONADAS PARA PARTICIPAR DE UMA EXPOSIÇÃO NO DONANA E CONCORRERÃO A UM PRÊMIO DO PROJETO DA BEM TV, UMA ENTIDADE CIVIL SEM FINS LUCRATIVOS QUE USA A COMUNIDADE PARA VIAGELIZAR A FORMAÇÃO DE JOVENS. SABIA MAIS SOBRE O CONCURSO DA BEM TV ACESSANDO A PÁGINA.

A PRIMEIRA PARTE DA OFICINA SERÁ TEÓRICA, MOSTRANDO AOS JOVENS COMO USAR A MÁQUINA. COM DEPOIS, ESPERAMOS PARA ENSEJAR OS MELHORES MÉTODOS DE FOTOGRAFAR O LUGAR, NO CASO, BARRIOS QUE ENQUADRAM O CENTRO CULTURAL DONANA, MOSTRANDO SUAS POSSIBILIDADES E SEUS PROBLEMAS. DEPOIS, IREMOS ÀS RUAS FOTOGRAFIAR.

WWW.BEMTV.ORG.BR/PORTAL/1/CONCURSO.PHP

MAIS INFORMAÇÕES: CCDONANA@GMAIL.COM / WWW.CCDONANA.BLOGSPOT.COM
LOCAL: RUA AGUAPEÍ, Nº 197, PIAM - BELFORD ROXO.

CENTRO CULTURAL DONANA cinerock

Imagem 61: Cartaz Clique seu Lugar (2010)



Imagem 63: Oficina Clique seu Lugar (2010). Acervo Donana



Imagem 64: Oficina Clique seu Lugar (2010). Acervo Donana



Imagem 65: Oficina Clique seu Lugar (2010). Acervo Donana



Imagem 66: Oficina Clique seu Lugar (2010). Acervo Donana

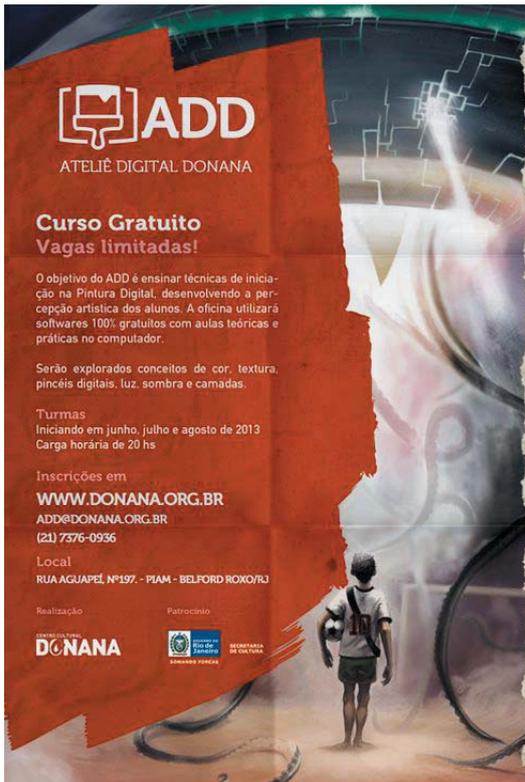


Imagem 68: Cartaz Ateliê Digital Donana (2013)



Imagem 67: Ateliê Digital Donana (2013)



Imagem 70: Ciclo de Experimentações na Arte (2016)

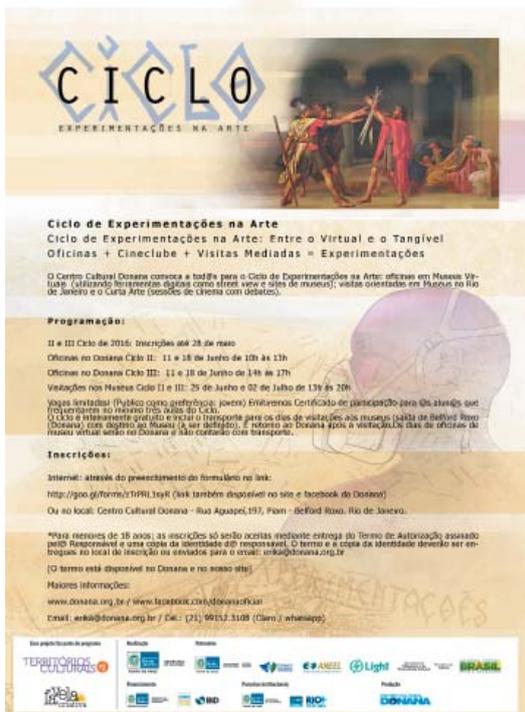


Imagem 69: Cartaz de Experimentações na Arte (2016)



Imagem 71: Ciclo de Experimentações na Arte (2016)



Imagem 72: Cartaz curso de Empreendedorismo Sustentável (2015)



Imagem 73: Cartaz Curso de Elaboração de Projetos culturais parceria com IFRJ (2016)



Imagem 74: Reinauguração do Donana com banda O Rappa (2015). Foto: Fredrerico Arêde



Imagem 75: Reinauguração do Donana com banda O Rappa (2015). Foto: Fredrerico Arêde



Imagem 76: Reinauguração do Donana com banda O Rappa (2015). Foto: Fredrerico Arêde

Belford Roxo tem festa afro-reggae

Teatro de bonecos, capoeira, dança, shows e exibição de vídeos são algumas das atrações da Festa Afro-Reggae, que o Centro Cultural Donana promove hoje, a partir das 14 horas, em Belford Roxo. Tradicionalmente realizada no último domingo de cada mês, ela foi transferida para hoje e deverá contar com a presença dos artistas da região.

A festa tem entrada livre e os artistas participam de graça. Estão programados para hoje roda de capoeira com o Mestre Portes, dança afro coordenada pela bailarina Rose, exibição de vídeos de Bob Marley e Peter Tosh, além da apresentação de bandas e de cantores locais, como Jussara.

Ao contrário da última festa — "Arto, um movimento de criança", no dia 28 de abril — que durou o dia inteiro e reservou a parte da manhã para as crianças e a



As crianças também ensaiam seus movimentos de capoeira no Centro Cultural Donana

tarde para os adultos, desta vez os eventos serão apenas na parte da tarde. Entre as atrações para as crianças está a apresentação de "As aventuras de Mão Cabe-luda", da Companhia de Teatro de Bonecos A Tropa do Riso.

— Os artistas colaboram porque já acompanham o trabalho do Donana e sabem que quase não há alternativas de lazer nesta região. Este tipo de evento é muito importante, principalmente para as crianças, que geralmente não têm

contato com a arte. Isto pode despertar a atenção delas, fora de qualquer dúvida, e mostrar outras alternativas para as suas vidas — acredita Dida, integrante da diretoria do Centro e um dos integrantes do grupo de reggae KMD-5.

O principal pólo de cultura da região oferece cursos e festas

Criado em meados do ano passado pela KMD-5 e pela família de Dida, o Centro Cultural Donana tem se transformado no principal pólo de cultura na região, criando cursos e promovendo festas. O trabalho cresceu e as duas salas da pequena casa onde funciona o Centro estão ficando pequenas para as atividades. A diretoria pretende aumentá-lo, mas para isso são necessários recursos, que ainda não dispõe.

— Estamos pedindo doações de livros porque queremos montar uma biblioteca comunitária. Gostariamos também de construir um local apropriado para as aulas de capoeira e um palco para as peças de teatro, que atualmente são realizados na rua ou no quintal da casa — explica Marrone, um dos integrantes da KMD-5.

Eles acreditam que até o final do ano deverá estar pronta, pelo menos, a galeria. Enquanto isso, já está funcionando o estúdio, usado para ensaios pelas KMD-5 e que tem sido emprestado para outras bandas da região. Os integrantes do Centro esperam também construir uma sala de vídeo.

O grande problema que eles enfrentam agora é o cancelamento do Projeto Ler Pra Valer, que vinha funcionando no centro, com 60 alunos. No início de maio, a verba foi cortada e ficou indefinido o futuro do projeto e dos alunos e também dos monitores.

— O centro está apenas o espaço, mas havíamos comprado mais carteiras para poder receber todos os alunos — conta Severina do Nascimento Silva, Diretora do Centro.

Imagem 77: Matéria Jornal O Globo Caderno Baixada de 9 de junho de 1991

10 | 12 DE SETEMBRO DE 2009 • O GLOBO • EXTRA • BAIXADA

Donana volta a abrigar cultura

Antigo ponto de encontro de músicos, centro cultural em Nova Iguaçu é reativado e ganhará equipamentos

Por Marta Paes
marta.paes@oglobo.com.br
marta.paes@extra.inf.br

Após 14 anos fechado, o Centro Cultural Donana, em Belford Roxo, volta a ser palco de movimentos artísticos da Baixada. O local foi ponto de encontro de músicos como Da Gama, da Cidade Negra, e Marcelo Yuka, ex-O Rappa, e abriu o lançamento da banda de reggae KMD5 (já extinta). Hoje, está retomando suas atividades e já abriu um cineclube.

O Donana foi uma referência cultural no bairro Piam nos anos 80 e 90. Tudo começou em 1986, quando as irmãs Severina e Iraci iniciaram um trabalho de alfabetização infantil na casa onde moravam. O nome da escolinha, Donana, foi uma homenagem à mãe delas, Ana. O centro foi reaberto este ano por outro filho dela, o músico Dida Nascimento.

— Minha mãe foi uma pessoa muito importante na região. Era rezadeira e criou dez filhos, dando muito valor à educação e à cultura. Minhas irmãs fundaram a escolinha em 1986 e, no ano seguinte, começamos a fazer eventos no quintal, reunindo a comunidade. Realizamos várias oficinas e investimos nos talentos musicais da cidade. Tínhamos um estúdio, todo revestido com caixas de ovos, onde tocávamos. Lançamos o KMD5, que depois virou Negril. Foi a primeira banda de reggae da Baixada. Na época, foi uma grande conquista — conta Dida.

Segundo o músico, a casa foi reativada para preencher uma lacuna cultural no município.

— Reabri o Centro Cultural Donana porque há uma necessidade de divulgação da cultura popular na Baixada, uma cultura para o povo. Ainda temos muito a oferecer à comunidade — afirma Dida.

Para Severina, de 64 anos, a reativação do centro cultural é um sonho realizado:

— Eu alfabetizei quase todo mundo da rua. Vi como o lugar foi importante para o desenvolvimento das pessoas. Agora, temos outros integrantes da família envolvidos. Para mim, isso é muito bonito.

O trabalho realizado no Donana foi reconhecido pelo Ministério da Cultura, que entregará ao centro equipamentos para um bom funcionamento de seu cineclube. As sessões, que hoje acontecem em datas irregulares, passarão a ser semanais. No próximo dia 27, haverá exibição de filmes infantis, das 16h às 18h, e adulto, das 18h às 21h. A entrada é franca. No dia 17 de outubro, será realizada a Festa da Diversidade, a partir das 18h, com cinema, música, poesia, teatro, dança, capoeira e artes plásticas. O Donana fica na Rua Aguapeí 197. Telefones: 2662-2373 e 9239-5042.

OS COORDENADORES das atividades do Centro Cultural Donana: a casa será beneficiada pelo governo federal, que doará equipamentos para o cineclube

Imagem 78: Matéria Jornal Extra Caderno Baixada de 12 de setembro de 2009



Imagem 79: Matéria no Repórter Rio da TV Brasil (2011). <https://www.youtube.com/watch?v=yKiVpkc5SgE>

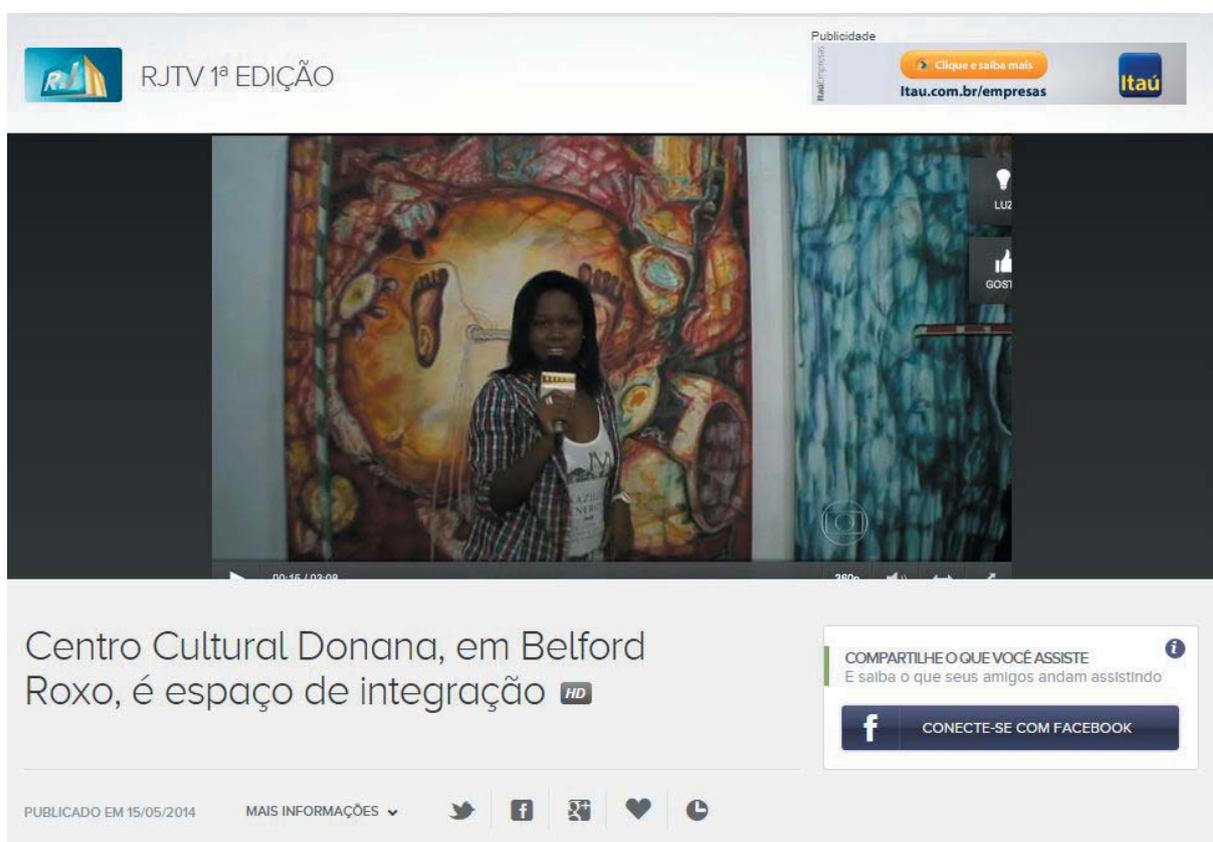


Imagem 80: Matéria no programa RJ TV 1 edição da Rede Globo em maio de 2014. <http://globo.com/rede-globo/rjtv-1a-edicao/v/centro-cultural-donana-embelford-roxo-e-espaco-de-integracao/3347523>

MÚSICA E ARTE

Os 'filhos' são ilustres

Centro Cultural Donana é a referência ainda para jovens músicos. De lá, saíram músicos do Cidade Negra e do O Rappa

► O Centro Cultural Donana, no Piam, é a grande referência musical de Belford Roxo, por ter como "crias" músicos das bandas Cidade Negra e O Rappa.

— Sempre oferecemos oficinas de música e alguns desses músicos (famosos) se desenvolveram aqui — conta Dida Nascimento, organizador do projeto.

Sem receber ajuda do governo, o Donana passou por momentos difíceis, mas existe há 30 anos.

— As gestões passadas não conseguiram ajudar. Agora, buscamos parcerias para realizar eventos e avançar, não queremos perder as referências culturais por falta de apoio. Nós criamos raízes, só não au-

mentamos o projeto — explica Dida.

Atualmente, o evento que mais atrai o público é o Sarau Donana, que acontece no último sábado de cada mês, às 19h. O último contou com a presença de cerca de 150 pessoas. O centro cultural pretende reabrir as oficinas que fazem parte da sua história.

— O cineclube, por exemplo, foi uma escola para incentivar e formar muitos profissionais — conta Diogo Villa. x



Incentivo: Dida Nascimento no Centro Cultural Donana

Imagem 81: Matéria Jornal Extra "Especial Belford Roxo" de 03 de abril de 2013

6 > BAIXADA

O GLOBO · EXTRA · Sábado, 18 de maio de 2013

CINEMA ALTERNATIVO

Cineclubismo em 4 atos



FOTOS DE LUÍZ ACKERMANN

DONANA
Érica diz que cineclubes supre a falta de cinemas em Belford Roxo

Com suas particularidades, cineclubes ganham força entre os jovens, com sessões gratuitas e produção própria

Marina Navarro Lins
marina.lins@extra.inf.br

► Na semana passada, as cerca de 20 salas de cinema da Baixada Fluminense estavam divididas entre os filmes "Homem de ferro 4" e "Somos tão jovens". Para ver outra produção no circuito comercial era necessário sair da região. Mas, graças aos cineclubes, não foi preciso ir tão longe.

O movimento cineclubista ganhou força nos últi-

mos dez anos como forma de resistência à falta de interesse do poder público na área cultural. Com a facilidade da tecnologia digital (basta um computador, um projetor e caixas de som), jovens se aventuraram no mundo audiovisual.

— Nossos objetivos são: fazer e exibir filmes, e, claro, facilitar nossas vidas amorosas — brincou Igor Barradas, do Mate com An-gu, de Duque de Caxias.

O Donana está em cartaz novamente

► Criado nos anos 80, o Centro Cultural Donana, em Belford Roxo, ficou fechado por 13 anos e reabriu, em 2009, com o Cine Rock — uma mistura de cinema, música e poesia.

O cineclube do Donana

foi idealizado por Érica Nascimento e seu primo Diego Jovanholi. Em 2011, o projetor quebrou e as sessões só retornaram no último dia 5. O objetivo agora é fazer duas sessões por mês, com uma infantil.

Imagem 82: Matéria Jornal Extra Caderno Baixada de 18 de maio de 2013

Donana, centro de referência da cultura na Baixada

Músico Marcelo Yuka e grupo Cidade Negra são alguns dos nomes já revelados pelo centro cultural de Belford Roxo

O Centro Cultural Donana, em Belford Roxo, é uma das grandes referências musicais da Baixada. Ele surgiu na década de 80, quando a família Nascimento resolveu criar no quintal de casa um centro voltado para artes e alfabetização. Ao longo de todos esses anos, o centro realizou diferentes atividades, como exposições, festas e eventos produzidos por artistas da Baixada Fluminense.

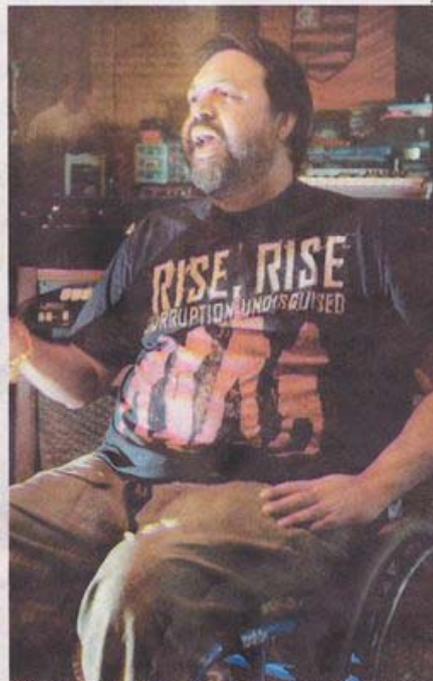
De lá foram revelados grandes nomes da música brasileira, como a banda de

Atualmente, o evento que mais atrai o público é o sarau Donana, que acontece no último sábado de cada mês

reggae Cidade Negra e o músico Marcelo Yuka, um dos fundadores do Rappa, e que também integrou a banda KMD-5, junto com Dida, Marone, seu irmão, e Lauro Fa-

rias. Posteriormente, Lauro e Marcelo integrariam a banda O Rappa.

Atualmente, o evento que mais atrai o público em Belford Roxo é o sarau Donana, que acontece no último sábado de cada mês, sempre às 19h. O último sarau contou com a presença de mais de 150 pessoas. A proposta do centro cultural Donana é reabrir as oficinas que sempre fizeram parte da sua história. O endereço do Centro Cultural Donana é Aguapeí 197, Piam, Belford Roxo.



Músico Marcelo Yuka também foi revelado no Centro Cultural Donana



Centro Cultural Donana sempre contou com grandes atrações musicais em sua programação cultural

Berço do grupo Cidade Negra

Formado no Centro Cultural Donana, o grupo Cidade Negra saiu de Belford Roxo para conquistar o Brasil com seu reggae, que tem como principais sucessos 'A Sombra da Maldade', 'Girassol', 'Aonde Você Mora', 'Firmamento', 'Querem Meu Sangue', 'A Estrada', entre outras músicas.

Formada inicialmente por Gama (Guitarra), Bino (baixo), Lazão (bateria) e Ras Bernardo (voz), a banda buscava referência no ritmo jamaicano e se inspirava no cotidiano

para levantar a voz dos artistas de rua numa época onde o reggae não era tão presente no Rio de Janeiro. Até que em 1990, a Sony Music, ainda CBS resolveu apostar no grupo.

A consolidação da banda veio quatro anos depois, após algumas reformulações, principalmente com a entrada de Toni Garrido. O experiente Liminha também assumiu a produção, ajudando a tornar o som do grupo mais diversificado.

Mesmo após algumas mudanças, o grupo jamais abandonou as raízes da Baixada Fluminense, onde tudo começou.

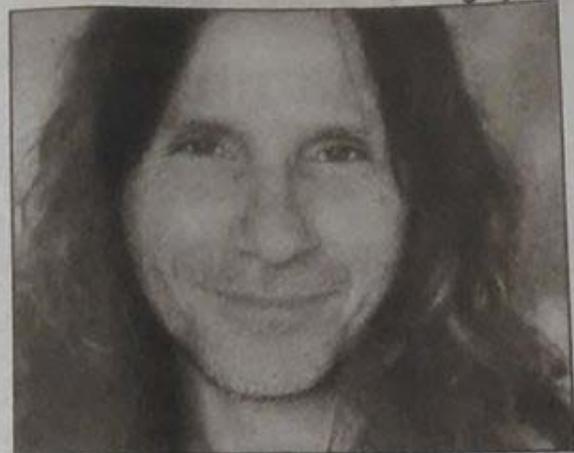


Imagem 83: Matéria Jornal O Dia de 30 de abril de 2013

Sarau Donana reúne poesia, cinema e música

Divulgação

O Sarau Donana, de Belford Roxo, terá sua próxima edição neste sábado (31), a partir das 19h. Sob o comendo do Coletivo Pó de Poesia, o evento reunirá na poesia Dan Juan Nissan Cohen e Marcio Rufino, que lançará no dia o seu livro "Emaranhado". No Cinema haverá o lançamento do filme "Donana" de Cacau Amaral (Coletivo Mate com Angu). E não para por aí, os presentes poderão apreciar a exposição "Olhares Híbridos", dos artistas Gilberto de Lima, Lui Santos, Frederico Arede, Ivone Landim, Barbara Sotéro, Ramide Beneret, Diego Jovanholi e Dida Nascimento, que participarão da noite cultural. E pra fechar com chave de ouro, o cantor e compositor, também



Dida Nascimento, coordenador do Sarau Donana, fará show nesta edição do sarau

coordenador do espaço, Dida Nascimento irá se apresentar com seu show "Nação Híbrida", que terá participação de vários convidados da cena musical de Belford Roxo e Baixada Fluminense. Presença especial da Associação Cultural Capoeira Palmares.

Imagem 84: Matéria sobre o Sarau Donana em maio de 2014